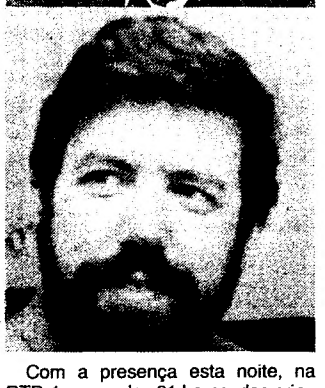
Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitelra Santos**

21117
ANO 62.° N.° ~~12 117~~
Março 1983
Quinta-feira
31
20$00

Corpo a corpo a quatro esta noite na RTP

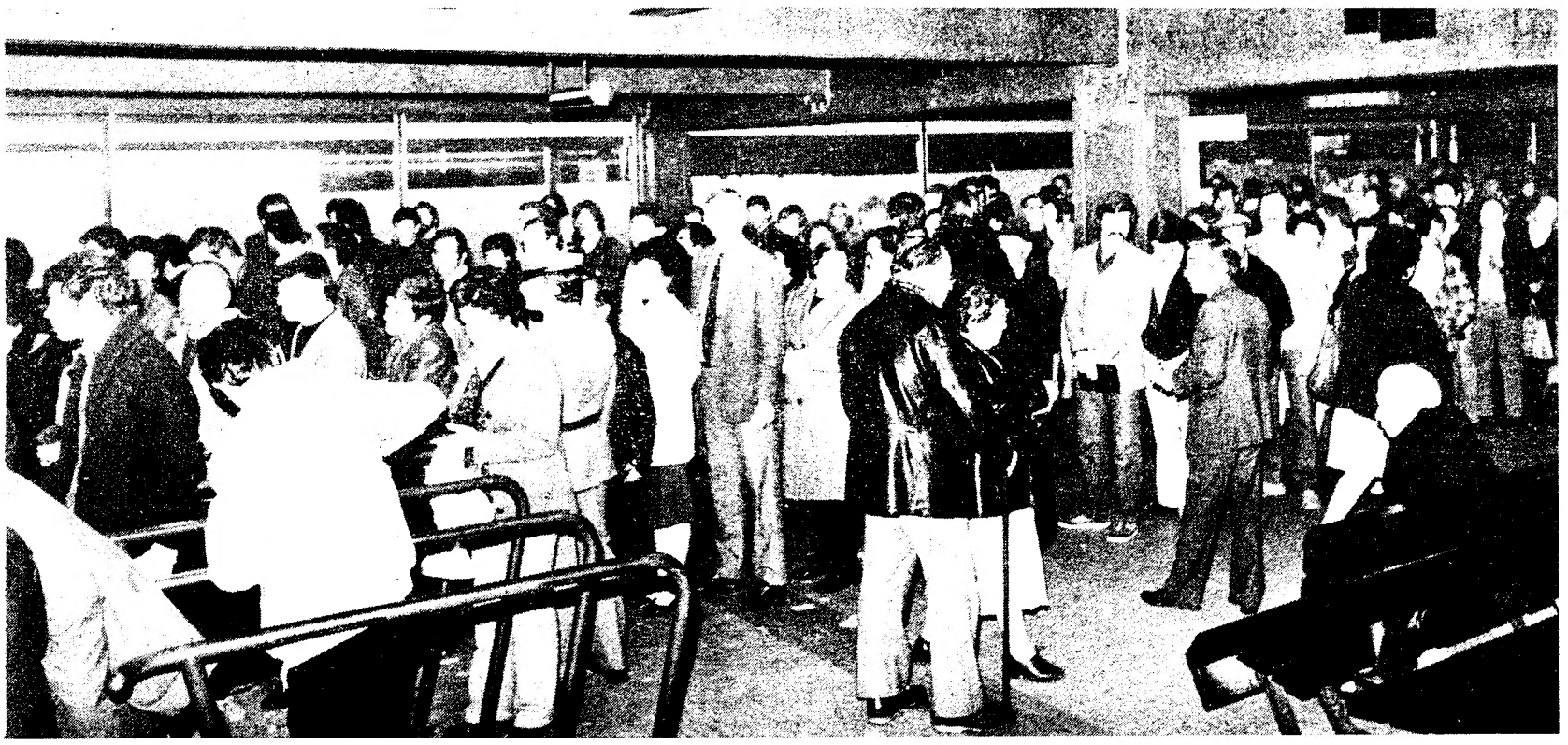


Com a presença esta noite, na RTP-1, cerca das 21 horas, dos principais dirigentes dos quatro maiores partidos portugueses atinge-se o «ponto alto» da pré-campanha eleitoral que, desde há quase um mês, mantém as grandes formações políticas numa azáfama constante. Mário Soares, Mota Pinto, Álvaro Cunhal e Lucas Pires discutirão no programa «1.ª Página», durante duas horas, as principais propostas dos seus partidos. Com o «país político» preso ao pequeno ecrã, pode dizer-se que a campanha eleitoral é antecipada cinco dias, arrancando (pelo menos em termos práticos) já esta noite.

Hoje 'Ler/Escrever'

CGTP critica grevistas da CP

Circulam comboios no Sul mas apenas se efectuou uma ligação Lisboa-Porto



A Central da Rodoviária na Casal Ribeiro não chegou para «as encomendas», esta manhã

A USL/CGTP-In considera em comunicado divulgado esta manhã, que a greve da CP só «serve a estratégia da direita reaccionária» e não deixa de «se voltar contra todos os trabalhadores». A Frente de Sindicatos Independentes e Democráticos, que convocou esta forma de luta, por seu turno, afirmou hoje ao «DL» que «os trabalhadores irão até às últimas consequências», tendo considerado a requisição civil anunciada pela Governo como «uma farsa», uma vez que não obedeceu aos necessários requisitos legais. Entretanto os comboios continuam parados, o que provoca grandes transtornos aos utentes, tendo em conta sobretudo a presente quadra pascal. Segundo uma informação das relações públicas da CP, hoje circulam alguns comboios na zona Sul e houve uma ligação Porto-Lisboa com partida da cidade nortenha às 11 e 50. Os transportes alternativos, que nesta greve não foram reforçados, não correspondem minimamente às necessidades dos utentes das linhas de Sintra e Cascais.

Pág. 10

Na sala de operações do hospital de Viana

Octogenário morre electrocutado durante intervenção cirúrgica

Um octogenário de Arques, Vila de Punhe, Manuel da Costa Manso, morreu electrocutado na mesa de operações do hospital de Viana de Castelo, quando estava a ser submetido a uma intervenção cirúrgica ao colo do fémur. O acidente produziu-se na segunda-feira, mas só ontem à tarde a notícia chegou à Imprensa. O choque eléctrico que matou quase instantaneamente Manuel Manso foi produzido por mau funcionamento de uma serra ligada a um berbequim – apurou esta manhã o «DL». A equipa médica que operava o ocotogenário nada sofreu, por estar munida de luvas de borracha. A vítima tinha fracturado o colo do fémur uma semana antes e só na passada segunda-feira foi possível operá-lo no serviço de ortopedia, onde mais treze pacientes aguardam a sua vez de serem submetidos a intervenções. O dr. Romualdo Correia, que dirigia a operação teria já pedido à administração do estabelecimento um aparelho que substituísse aquele que provocou o acidente, mas a administração terá preferido mandar reparar o existente, porque um novo custa cerca de 600 contos. O berbequim estava a ser usado pela primeira vez depois da reparação, e, segundo o dr. Moura, da Comissão Instaladora do novo hospital, tinha sido testado antes da operação e «estava em boas condições».

Tudo indica que a morte de Manuel Manso ocorreu por a serra estar, no momento da avaria eléctrica, em contacto com tecidos altamente condutores, o que lhe provocou imediatamente uma paragem cardíaca.

PCP apresenta programa eleitoral

"Desde que se mude radicalmente a política seguida pela AD e PS é possível sair da crise"

● *Manifesto MDP: Governo baseado na Oposição poderá ter abertura a áreas do PSD*

Pág. 5

De jeans e camisa aberta

Verdes alemães inauguram novo estilo no Bundestag

Págs. centrais

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos artigos 24.°, 25.° e 26.° dos estatutos, convoco a Assembleia Geral da **Cooperativa de Ensino «Os Pioneiros»** para reunir pelas 22 horas, no dia 15 de Abril, na sua sede sita na Calçada D. Gastão, 21, Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Discutir e votar o relatório de contas da direcção e o respectivo parecer do conselho fiscal referentes ao exercício de 1982

2 — Aprovar o orçamento para 1983

Lisboa, 31 de Março de 1983

O Presidente da Assembleia
Manuel Rosa Pereira

I FEIRA DA OLIVEIRA CAMPO MAIOR/83

SECRETARIADO DA FEIRA
Praça da República – Telef. 68104
7370 CAMPO MAIOR

CONCURSO PARA O CARTAZ I FEIRA DA OLIVEIRA CAMPO MAIOR/83

A Câmara Municipal de Campo Maior, em apoio ao Secretariado I FEIRA DA OLIVEIRA — CAMPO MAIOR/83, promove um concurso, a nível nacional, para o cartaz da Feira, que se pretende impor como símbolo para futuras edições deste certame.

São objectivos da **I FEIRA DA OLIVEIRA — CAMPO MAIOR/83**, além da divulgação do concelho como um importante centro olivícola, dar a conhecer a um público vasto os processos de cultivo, conservação e produção da oliveira; divulgação das técnicas, manuseamento e transformação do produto final — a azeitona —; apresentação a um público especializado da maquinaria e técnicas produtivas mais actualizadas; dinamizar os processos de relacionamento produtor/consumidor; actualização e prospecção de novos mercados.

REGULAMENTO:

1 — A concurso serão admitidos todos os trabalhos originais endereçados para:

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPO MAIOR
SECRETARIADO DA I FEIRA DA OLIVEIRA
PRAÇA DA REPÚBLICA
7370 CAMPO MAIOR

2 — Os originais, assinados por pseudónimo, deverão ser acompanhados de envelope lacrado, contendo elementos identificadores dos concorrentes.

3 — Haverá apenas **UM PRÉMIO** para o original que o júri seleccionar.

Contudo, poderão ser atribuídas «MENÇÕES HONROSAS» se o júri assim decidir distinguir alguns trabalhos.

Todos os outros originais serão devolvidos a pedido dos interessados, uma vez que apenas serão abertos os envelopes correspondentes aos trabalhos premiados.

4 — Ao autor do original premiado será atribuída uma verba de Esc: 70.000$00 (setenta mil escudos).

Para as «Mansões Honrosas» não haverá qualquer prémio pecuniário.

5 — O cartaz terá as dimensões de 55X40; impressão a 4 cores e edição da Câmara Municipal.

§ O autor do original premiado compromete-se a acompanhar a impressão do cartaz e responsabiliza-se pela edição gráfica final.

6 — Do cartaz constará, obrigatoriamente, o seguinte texto:
I FEIRA DA OLIVEIRA — CAMPO MAIOR/83
A REALIZAR NO CAMPO DA FEIRA DE 14 — 21 de Agosto 1983

7 — O Júri é constituído por LAGOA HENRIQUES — Professor e Escultor; ANTÓNIO SENA — Professor da ESBAL; MANUEL RUI A. NABEIRO — Presidente da C. M. de Campo Maior.

8 — O presente concurso decorre de 30 de Março a 27 de Abril de 1983. Os trabalhos enviados após o dia 27 de Abril (data de carimbo) não serão admitidos.

9 — Até ao dia 3 de Maio de 1983 será tornado público o resultado do concurso.

10 — As decisões do Júri são inapeláveis.

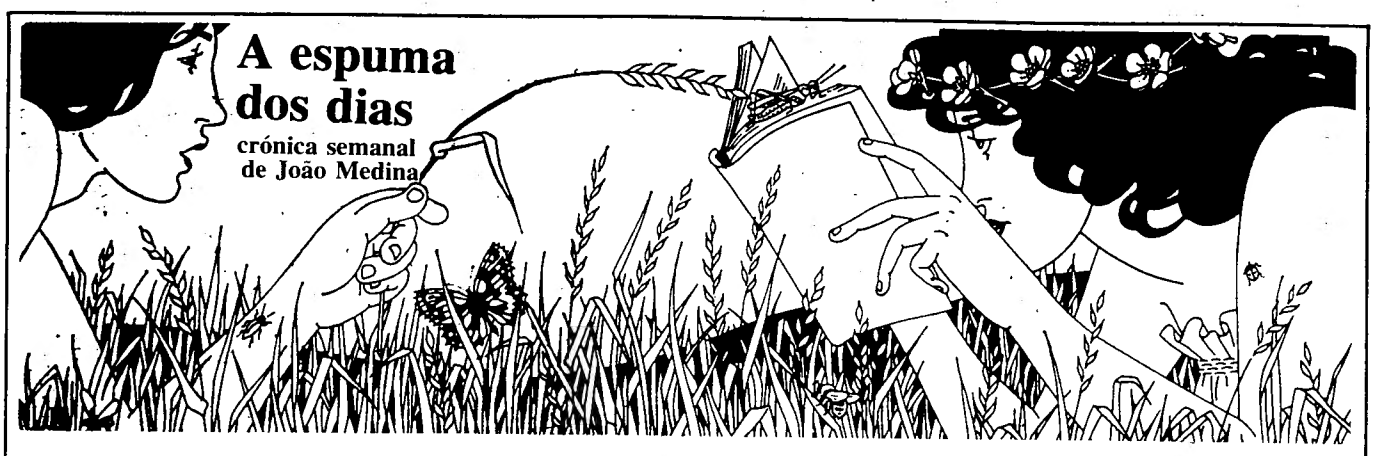
11 — As lacunas que se venham a verificar nestas normas regulamentares serão preenchidas pelo Júri.

Campo Maior, 28 de Março de 1983.

O SECRETARIADO

(assinatura ilegível)

A realizar no Campo da Feira de 14 a 21 de Agosto/83 em Campo Maior COM O APOIO DA CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPO MAIOR



O capuchinho rubro encontra o lobo bom

A Avozinha estava muito aborrecida na sua casinha na floresta e por isso telefonou ao Capuchinho Rubro a pedir-lhe que lhe levasse uns discos e o último romance do Cardoso Pires. O Capuchinho explicou à Avozinha que não tinha o último romance do Cardoso Pires e que em matéria de LP's estava muito mal, pois o Juca lhe pedira emprestada quase toda a sua colecção para fazer um festival de música lá no liceu dele, em Famalicão. De qualquer modo, ainda tinha uns discos dos «Balada do Café Triste» e dos «Coluna Durruti», concluiu. — O quê? Mas o que é que a guerra de Espanha e a Carson McCullers vêm fazer no meio da música rock? — Ora Avozinha, tu 'tás muito bota-de-elástico e por esse caminho ainda começas a reler os discursos do Manholas ou os engraçados livros do António Quadrinhos, Prémio do SNI que Deus já lá tem... — Mas agora os conjuntos musicais têm nomes tão bizarros... — É a moda, Avozinha. Olha, só para te citar alguns, ele há conjuntos rock e pop com os nomes mais inesperados. Queres exemplos? Aqui tens: os «Corredores da Meia Noite», «Heróis do Mar», «Lá vamos cantando e Rindo», «Chorai Arcadas de Violoncelo», «Estavas Linda Inês», «Leve, Breve e Suave», «Fica, que és tão belo!», «Nem todos os Perfumes da Arábia», «Alma Minha Gentil» (um grupo de Gondomar), «Educação Sentimental — primeira versão» (grupo de Paredes de Coura), «Carta del Lavoro» (grupo do Barreiro), «Truta de Schubert», «Bom Soldado Schveik», «Os Buddenbroock do Seixal» (do Seixal, claro), «Vontade e Representação» (quinteto da Praia das Maçãs)... — Chega! chega! pedia a Avozinha do lado de lá do fio, na sua casinha na floresta de Falperra. Traz-me lá os discos e um romance qualquer! E não te esqueças de me comprar um pão-de-ló e meio quilo de figos do Algarve. — Até já Avozinha.

— O Capuchinho Rubro juntou os discos pedidos pela Avozinha, foi à mercearia do Senhor Zé comprar um pão-de-ló e figos do Algarve, e meteu-se a caminho de Falperra, montada na sua velha bicicleta, a mesma que os pais lhe deram quando ela fez o quinto ano do liceu. E ia cantarolando a sua canção favortia, aliás um tanto inesperada e até contrastante com o bovino ambiente minhoto:

Avanti opolo, alla riscossa
Bandiera rossa, bandiera rossa,
Avanti o popolo, alla riscossa
Bandiera rossa trionfera,
Bandiera rossa deve trionfa...!

Mas ao aproximar-se da floresta que fica a dois passos da casa da Avozinha, o pneu de trás estoirou e o Capuchinho Rubro teve de fazer uma travagem arriscada. Mas conseguiu parar a tempo na berma da estrada. Estava ela a olhar consternadamente o pneu furado quando, silvando como um obus, chegou um Mercedes 300 SL pela estrada. Ao aproximar-se da jovem, e como que para mostrar de que é que os mecânicos alemães são capazes no domínio das leis da física, estacou de repente, chiando muito e deixando no ar um cheiro de borracha queimada. Era, claro está, o Lobo Mau, aliás Lobo Bom, que vinha ao volante. Saltou do seu 300 SL, esticando os punhos da camisa, dando um jeito à gravata de seda. Os sapatinhos italianos brilhavam como se tivessem saído da montra da sapataria. O Lobo Bom (bem, chamemos-lhe doravante assim) sorriu para a jovem e, depois de meter a mão direita no bolso do casaco de «tweed» comprado no Lourenço & Santos, debitou estas interessantes palavras:

— Ah Capuchinho Rubro! Vês agora porque é que os Capuchinhos de Esquerda andam todos de bicicletas e nós, os Lobos de Mercedes? Compreendes enfim, minha linda menina, porque é que Hegel dizia que «a Ideia não tem pressa»? Para vocês, os revoltados, os que se passeiam pelo Minho a cantarolarem canções subversivas, a sonhar com Utopias, Messias, Dias da Cólera, Liquidação Social, Sociedade sem Classes, Igualdade de Todos e outras balelas neo-românticas... Para vocês, de facto, a marcha é feita em cima de uma bicicleta com os pneus vulneráveis. Às vezes, como em Dien-Ben-Phou, as bicicletas todas juntam-se e dão cabo do Inimigo — mas isso é tão raro que os manuais de História apresentam casos desses em páginas especiais, em «caixas», como se diria em linguajar jornalístico. Mas nós, os do Capital, da Mais-Valia, da Finança, nós outros vamos pelas estradas da Vida e da História de Mercedes! Sabes como funciona a caixa de velocidades de um Mercedes? Não, *of course*. Sabes ao menos quanto custa um 300 SL? Nem imaginas, *natürlich*. Sabes quanto consome um bicho destes? Claro que não, minha pequenina a cantarolar bandeiras vermelhas pelas estradas verdes do Minho...

O Capuchinho Rubro, que mal tivera tempo de respirar, ergue-se então da posição de cócoras em que estivera para remendar o pneu e, com o ar mais calmo desta vida, respondeu ao Lobo Bom: — Ora, vai-te lixar! Que o 300 SL te faça muito proveito e segue lá o teu caminho, bandoleiro disfarçado da magnate de metalurgia nortenha... — Ó minha, respondeu o Lobo Mauzão a sorrir, modera lá a tua língua e trata as Forças Vivas com aquele respeito que era timbre destas Boas Populações Ordeiras no tempo do Professor! Lembra-te, além de mais, de que sou o Lobo Bom, que milito num partido democrático com representação parlamentar, que jogo o jogo (é assim que se diz, não é?), que aceito as regras da Democracia, já que esta, por não sei que pendor masoquista, tem regras que, em geral jogam sempre contra ela... Adiante... Dizia eu que sou um democrata e se acaso fui da Mocidade Portuguesa é porque a coisa era na altura obrigatória. Hoje, claro, já não usamos camisas verdes nem andamos a passo de ganso atrás de uma fanfarra, a uivar tolices do género daquela —como era? ah, já não me lembro bem!... — Ah! pois: *Lá vamos, cantando e rindo, levados, levados sim, pelo som...* Etc. Além de mais, era má poesia, poesia de fancaria. Hoje não, ó minha, hoje a coisa toca mais fino, temos artistas connosco, temos os Topogígios «made in Italy» ou «made in Japan» temos fundações culturais com nomes sonantes da vida alemã ou turca (eu disse turca? foi lapso, perdão!), lemos o Milton Friedmann, sobretudo porque o Milton provou de vez que os Lobos Maus eram afinal Lobos Bons e que os Capuchinhos Rubros eram agentes do judeobolchevismo internacional...

'Auto-Retrato de uma Democracia Enquanto Jovem'

Os leitores do «Diário de Lisboa» tiveram a possibilidade de conhecer, antes de serem publicados em volume, os resultados dos trabalhos da equipa de Psicologia da Faculdade de Medicina de Lisboa que consagrou centenas de horas de trabalho à pesquisa colectiva agora publicada em volume: «Auto-Retrato de uma Democracia Enquanto Jovem».

Com o professor doutor J. Simões da Fonseca, que figura como editor da obra, trabalharam: N. Félix da Costa, F. Arriaga, E. Lara, M. L. Figueira, M. T.Gil, M. P. Horta, A. Santos Silva, M. L. Vicente, Jorge Maltez, S. Ouaquinin, Elsa Tomás. Os trabalhos de programação do microprocessador Apple II utilizado, foram efectuados pelos engenheiros Luís Correia de Matos e José Carlos de Oliveira.

O objectivo do trabalho é revelar aos cidadãos interessados pela vida política nacional «uma imagem da vida parlamentar na legislatura de 1981/1982. O procedimento utilizado foi o seguinte: «Escolheram-se o CDS, o PSD, o PS e o PCP como partidos a serem observados. Em seguida seleccinaram-se 12 discursos, 3 por cada partido, relativos (a) aos acontecimentos da noite de 30 de Abril para 1 de Maio de 1982 na cidade do Porto; (b) a questão das chamadas 'Taxas Moderadoras', e política de Saúde, em geral; (c) a Moção de Censura ao Governo da coligação AD, proposta pelo PS.» Os discursos partidáris sobre estas diferentes temáticas foram analisados e comentados segundo uma lista de 200 comentários que eram propostos às pessoas chamadas a colaborar na pesquisa. Esses comentários foram tratados de modo a permitir uma representação gráfica. Os 11 capítulos do volume versam as seguintes questões: I — Porque foi dissolvida a Assembleia da República e se demitiram um Primeiro-Ministro e um vice-Primeiro-Ministro?; II — Em que foram semelhantes as actuações partidárias na Assembleia da República, em 1982? E em que foram diferentes?; III — Qual o apreço que cada líder recebe do seu próprio partido e dos outros partidos?; IV — Em que difere o posicionamento dos líderes do posicionamento das bases que os apoiam?; V — Questões de sensibilidade: o PS; VI — PSD — As diferenças dentro da diferença; VII — Auto-apreciações e autocríticas; VIII — «Dramatis Personae»: Carlos Brito; IX — «Dramatis Personae»: Mário Soares; X — «Dramatis Personae»: F. Pinto Balsemão; XI — «Dramatis Personae»: dr. Freitas do Amaral.

Este «Auto-Retrato de uma Democracia Enquanto Jovem», cujos primeiros capítulos foram publicados no «DL», marca a arrancada dos estudos de Psicologia do comportamento político no nosso país.

política de A a Z

Os pequenos partidos e a realidade democrática

1 — A diversificação democrática

A qualificação de «pequenos partidos» não a empregamos depreciativamente. No quadro parlamentar e na vida partidária portuguesa, existem – como é notório – partidos maiores e partidos mais pequenos, partidos com um grande número ou um reduzido número de filiados, partidos poderosos e partidos fracos, partidos que dispõem, directa ou indirectamente, de largos meios materiais e partidos que lutam com a penúria material, com a escassez de recursos. Mas não será pela realidade física, simplesmente, que os partidos políticos devam ser avaliados. Como os homens, os partidos não se medem aos palmos. Outros factores deverão ser tidos em conta: os programas, o ideário, o tipo de militância. Um pequeno partido poderá apresentar-se como um núcleo militante de intervenção cívica; um grande partido pode limitar-se a ser uma máquina eleitoral. Um pequeno partido pode, pela sua vida interna, ser ele mesmo um exemplo de democracia; um grande partido pode ser a falange que segue e aplaude um líder improvisado ou carismático. De um tipo e do outro, temos exemplos no nosso País. E é à luz de um critério que tenha em conta a especificidade do **partido** e a tipologia dos **partidos** que deveremos empreender uma avaliação, sumária e provisória, do papel dos pequenos partidos na vida democrática do País, o significado e a importância da respectiva participação no próximo acto eleitoral.

Assentemos, desde já, em que os pequenos partidos contribuem para a diversificação da vida democrática. Mesmo integrados em coligações eleitorais, os pequenos partidos marcam uma presença diferenciada. E há que distinguir o carácter das coligações: há coligações que se limitam a ser alianças eleitorais e que, no plano parlamentar, se reduzem a acordos de consulta mútua. É o caso da APU cujo estatuto, no plano parlamentar, permite uma autonomia política plena do MDP/CDE. Não terá sido esse o estatuto do PPM no quadro da «Aliança Democrática», mas resultou, apesar de tudo, a diferença. Se parlamentarmente se combinaram, politicamente o PPM diferenciou-se, para quem acompanha atentamente a vida política e os trabalhos parlamentares, do PSD e do CDS. E diferentes do PS se afirmaram os deputados da ASDI, positiva e negativamente; diferente do PS se manteve a UEDS que entende resistir à vaga da desmarxisação.

Esta diversificação, na vida democrática portuguesa, constitui um factor positivo. Dir-se-á que é precária a possibilidade de concorrência eleitoral dos pequenos partidos. Teremos que reconhecer que essa é uma dificuldade a vencer, um aspecto a corrigir na actual estrutura política portuguesa. A nossa democracia que se pretende – como é próprio da democracia – plural e pluralista, não pode ser reduzida, pela acção de mecanismos eleitorais que concorrem para a concentração partidária, admitem a partidarização da vida política, proporcionam a ocupação partidária do território eleitoral. Parece que alguns dos «grandes partidos», vejam-se declarações recentes de Álvaro Cunhal e de Mário Soares, estão abertos à reconsideração da legislação eleitoral. Para a construção de uma verdadeira democracia, pluralista e aberta, esse será um passo decisivo.

2 — O PPM isolado

Na «coligação AD» foi possível distinguir o PPM, independentemente do saudosismo monárquico, com o seu ideário reformista, municipalista (ou «comunalista»), e ecológico, do desenvolvimentismo atrabiliário e europeu do PSD e do autoritarismo europeu e reaccionário do CDS. Desfeita a «Aliança Democrática» o PPM concorre, como Partido Popular Monárquico, às eleições, e de seis deputados que a AD lhe concedera, espera alcançar um só, na capital, nesta Lisboa republicana da Rotunda, de Monsanto e do 25 de Abril.

Esta lição deverá ser aprendida. Os «pequenos partidos» não crescem **nas** coligações, nem alargam o seu espaço eleitoral se limitarem a actividade própria a tirar usufruto de posições que lhes foram concedidas. Os 6 deputados do PPM não correspondiam nem ao número de monárquicos filiados no partido, nem à corrente monárquica que no País perdura, nem a uma actividade dos «populares monárquicos» em qualquer dos planos em que se propõem intervir. O PPM vai pagar, nas urnas a efémera ilusão que Francisco Sá Carneiro lhes proporcionou por ser intenção sua fazer da «Aliança Democrática» uma grande coligação bipolarizante. Aceitando essa divisão do espaço político, o PPM colocou-se à **direita**. E agora?

3 — A ASDI e a social-democracia

RECORDE-SE que, para a grande maioria dos dirigentes nacionais, dos deputados e dos candidatos a deputados do Partido Socialista, a FRS (Frente Republicana e Socialista) foi «um mau negócio». O presente acordo eleitoral que permitirá à ASDI – assim como à UEDS – manter uma presença parlamentar representa uma combinação muito diferente do que se poderia entender por «aliança política» ou por «coligação eleitoral». O Partido Socialista retém a ASDI na sua esfera de acção política e evita que as tentações «eanistas» ou as saudades «sociais-democratas» operem transferências ou reconciliações.

Por outro lado, sem desprezarmos a sua contribuição parlamentar, a ASDI falhou sob dois aspectos: não cresceu organicamente, não integrou nas suas fileiras os «sociais-democratas», ditos «independentes» de Lisboa, de Coimbra, do Porto. Nem soube constituir no «campo eanista» uma equipa de arranque. As eleições, pela mão do Partido Socialista, dar-lhe-ão voz em S. Bento. Essa posição parlamentar, todavia, não é um motor de arranque, é um travão. A ASDI fica obrigada a distanciar-se, prudentemente, do «eanismo» se quiser assegurar a continuidade do apoio eleitoral do PS, esse «casamento de conveniência».

Digamos, a concluir: a combinação eleitoral condiciona a liberdade de movimentos do «pequeno partido» que é a ASDI.

4 — Socialismo que se distingue da social-democracia: a UEDS

A União da Esquerda para a Democracia Socialista (UEDS) é socialista, é marxista, é contrária ao «bloco central». No seu manifesto eleitoral, afirma:

«A defesa e a consolidação das instituições democráticas exige que das próximas eleições surja uma maioria que, sendo suficientemente coesa, possa conduzir uma política capaz de responder aos problemas mais prementes que a crise coloca e de iniciar as transformações necessárias a um processo de desenvolvimento que garanta um futuro diferente aos portugueses. Uma tal maioria depende da vontade do eleitorado e, sendo certo que ela não se encontrará em qualquer bloco central nascido do entendimento com as forças políticas responsáveis pela situação que o País atravessa, resulta claro também que só o voto nas listas do PS constitui uma recusa positiva desse entendimento».

Nem todos os democratas concordarão com a conclusão, esse é, todavia, o entendimento da situação política que leva a UEDS a considerar «como fulcro o Partido Socialista» e a justificar o acordo que permite a militantes seus figurarem, como independentes, nas listas do PS, embora com a faculdade de, uma vez eleitos, constituírem um «agrupamento parlamentar».

A UEDS não abdicou da sua autonomia, reafirma-se no manifesto eleitoral, mas, é evidente, que sacrificou, à presença parlamentar, algumas das suas virtualidades e atractivos. Perde capacidade de recrutamento entre a juventude e na classe operária. E, na «aliança» que não é «aliança política» e não chega a ser «coligação eleitoral», ergue com teimosia, a bandeira do **socialismo** que o PS apenas tolera, insiste na fidelidade **marxista** de que o PS promete desembaraçar-se.

Resta saber, se, não atingida pelo PS e os seus aliados da ASDI e da UEDS a maioria absoluta nos resultados eleitorais em 25 de Abril, a UEDS não será confrontada com o facto consumado do «bloco central».

5 — A UDP e os seus aliados do PSR

A aliança é estranha no plano teórico. No caso de serem eleitos deputados oriundos da UDP e do PSR, a constituição de um «agrupamento» ou «grupo» parlamentar poderia vir a revelar dificuldades relativas à intervenção parlamentar e à prática política. Uma atitude crítica próxima, relativamente aos «partidos burgueses» e aos «partidos reformistas», poderá não ser suficiente para assegurar a continuidade de um contrato que é, também, um «casamento de conveniência», um amor súbito com as urnas e os tempos de antena à vista.

Mas UDP e PSR – se este não se limitar a acompanhar o pouco elaborado radicalismo da UDP – poderão marcar uma presença significativa na campanha eleitoral e polarizarem a «esquerda» que, sendo revolucionária, se não reconheça nos «revolucionarismos» que só emergem para promoções pessoais, para distrair as massas, para lhes propor aventuras maximalistas, ou para dispersar votos.

A «esquerda» na qual a UDP e o PSR se inserem, sem que as diferenças e as polémicas venham a ser atenuadas, tem de comum ser antifascista. E não, só, bem o sabemos. Mas o «antifascismo» é, na diferença, um ponto de convergência.

Tanto a UDP, como o PSR, são críticos da actividade parlamentar, mas reconhecem a importância da tribuna parlamentar para a «luta política», e mesmo na «luta política de classe».

6 —Uma tradição de luta democrática: o MDP

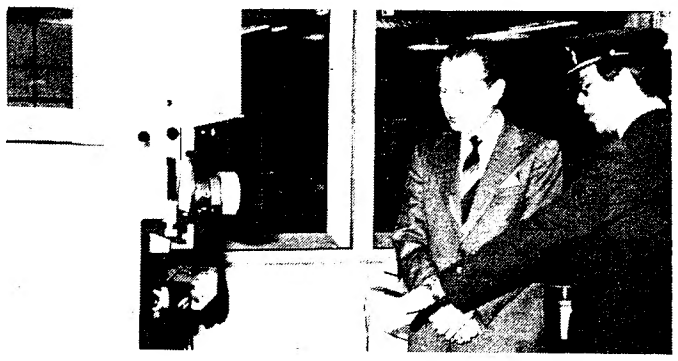
O Movimento Democrático Português, conhecido pela sigla MDP-CDE, é um partido com uma longa e enraizada tradição democrática. Foi, na fase da Comissão Democrática Eleitoral (CDE), uma poderosa corrente unitária, convertida em «movimento», transformado em «partido», a evolução da vida democrática, a autonomização das actividades partidárias, definiram-lhe um território político, e, presentemente, integrado na coligação APU reserva-se uma independência política que tem sido reconhecida e que tem tido repercussão pública no plano parlamentar, no plano político geral,no plano da administração autárquica. O MDP-CDE ganhou a batalha da diferença. Partido democrático e socialista, o MDP-CDE não se confunde com outras formações políticas e a sua aliança com o PCP não o converte em força apendicular de um «grande partido». Essa independência política, essa autonomia e a longa tradição de luta democrática, explicam que afirme no seu manifesto eleitoral: «O PSD e o CDS só poderão agravar ainda mais a gravíssima situação que criaram. As mais recentes posições dos órgãos e personalidades responsáveis do PS confirmam que o PS sozinho, e ainda menos se aliado às forças conservadoras, não se apresenta como alternativa. As suas propostas económicas não são qualitativamente diferentes das do PSD e do CDS pelo que serão semelhantes os resultados se forem aplicados.»

Visão severa, acentuadamente polémica, na qual se reflecte o mau relacionamento do MDP-CDE e do PS. O «grande partido» que é o PS, partido democrático, restringe a sua abertura pluralista no que ao MDP-CDE se refere, insiste em não lhe reconhecer autenticidade e autonomia. Nem todo o PS pensará assim, nem em todo o país os socialistas pensarão tal, mas esta é a posição da direcção do PS. É uma posição prejudicial para o funcionamento da diversificação democrática que o PS, como partido favorável a uma democracia pluralista, não poderá deixar de considerar imprescindível. A democracia em Portugal depende da diversificação democrática e do funcionamento de «partidos charneiras», de partidos que inseridos em espaços intervalares possam, sem esbater as grandes opções ideológicas e o rigor das definições programáticas, estabelecer pontes e dar sentido a convergências.

O MDP-CDE afirma-se: «no direito de assumir as suas responsabilidades, participando numa solução governativa de amplo entendimento democrático.» Amplo entendimento que se não confina, necessariamente, ao âmbito da APU, que nem é, à partida, limitativo, mas que é, por princípio, não exclusivista. Esta vocação de fomentar convergências democráticas carece de ser compreendida e facilitada. Compreendida pelas outras forças políticas; facilitada pelos próprios aliados.

O caso do «pequeno partido» que é o MDP-CDE parece-nos ser típico; ele é um elemento de diversificação democrática. Ele poderá ser uma «charneira política.»

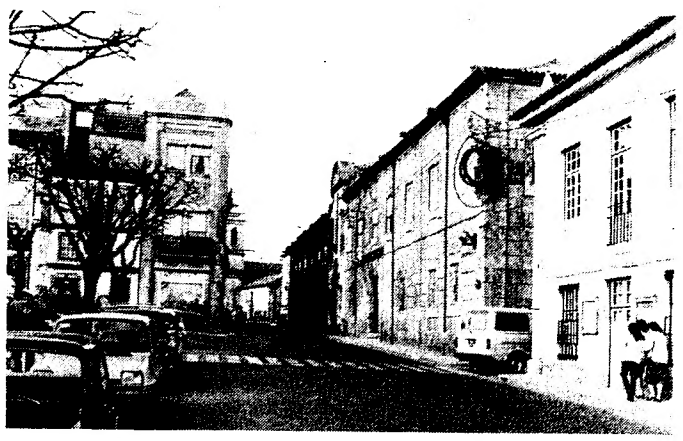
ponto a ponto



O embaixador da República Federal da Alemanha, Werner Schattmann, deslocou-se a Alverca, onde na companhia do chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Lemos Ferreira, visitou as Oficinas-Gerais de Material Aeronáutico. Durante a visita o embaixador alemão teve oportunidade de se inteirar da capacidade e tecnologia empregues pelas OGMA, nos sectores da manutenção, modificação de aeronaves e fabricação de componentes e equipamentos.

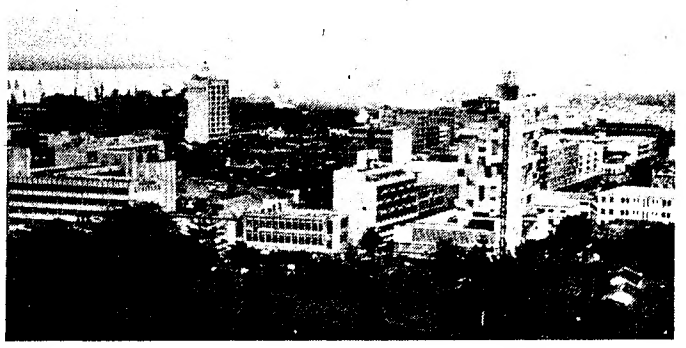
FALECEU, em Buenos Aires, o embaixador de Portugal naquela capital, Frederico Teixeira de Sampayo. O embaixador, que nascera em 6 de Abril de 1921 em Lisboa e era licenciado em Direito, foi ao longo da sua carreira, embaixador na Venezuela, nas Filipinas e no Paquistão. Para além destes postos, esteve colocado em Montevideu, Buenos Aires, Santiago do Chile e Rio de Janeiro. Foi depois cônsul em Génova, tendo ainda prestado serviço na Embaixada em São José (Costa Rica) e na Guatemala. Era condecorado com a Grã-Cruz da Ordem do Libertador, da Venezuela, a Comenda da Ordem de El Sol, do Peru, e a Comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul, do Brasil.

O chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, general Melo Egídio, que se encontra no Brasil, a convite do chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do Brasil, brigadeiro Valdir Vasconcelos, visitou em São Paulo o monumento e o Museu da Independência no Ipiranga. Falando à Empresa Brasileira de Notícias (ENB), o general Melo Egídio disse: «Este é um momento de extraordinária euforia e tem um grande significado para um português que vem ao ponto onde foi proclamada a independência do Brasil.»



Presidentes de Câmaras Municipais do distrito da Guarda solicitaram ao ministro da Administração Interna (MAI) a recondução de Adriano Vasco Rodrigues no cargo de governador civil do distrito. A decisão foi tomada no decorrer de um plenário de autarcas realizado em Almeida. A posição foi comunicada em telegrama enviado ao Primeiro-Ministro, secretário de Estado da Administração Regional e Local e ministro da Administração Interna. Na reunião participou, como convidado pelo presidente do município de Almeida, o ex-governador civil Vasco Rodrigues, que historiou o processo da sua exoneração. Referiu que este facto só se registou após a indicação do seu nome, por votação em duas assembleias distritais, do Centro Democrático Social (CDS), partido a que pertence, para cabeça de lista de candidatura a deputados pela Guarda.

NO âmbito da programação operacional do Comando Naval do Continente decorrerá de 5 a 16 de Abril, numa área ao largo da costa Oeste do continente, o exercício CONTEX-83, cujo objectivo principal é incrementar o estado de adestramento das unidades navais, com vista à sua posterior incorporação em forças navais operacionais e participação em exercícios internacionais. O CONTEX-83 consta basicamente dum extenso programa de exercícios pré-planeados e de alguns exercícios do tipo «free-play», de complexidade crescente, em cujo planeamento se atendeu ao estádo de prontidão já atingido e se procurou maximizar as oportunidades de treino oferecidas pela presença de meios aéreos ou submarinos, obedecendo a uma política de compressão de despesas.



Portugal pediu «agreement» para a nomeação de novos embaixadores em Maputo, Luanda e Cidade da Praia. Para Maputo, o nome indicado é o de Paulouro das Neves, considerado um perito em assuntos africanos e actual chefe de gabinete do ministro dos Negócios Estrangeiros. António Pinto da França, actualmente vice-presidente do Instituto para a Cooperação Económica e antigo embaixador em Bissau, é o diplomata escolhido para Luanda. O posto na Cidade da Praia, vago desde há mais de um ano, deve ser ocupado por Baptista Martins.

Agenda de Mário Soares

Campanha do PS começa em Faro e termina em Lisboa

A campanha eleitoral do PS arranca oficialmente em Faro, na segunda-feira, com um comício em que estará presente Mário Soares, e termina em Lisboa, no dia 23, igualmente com a presença do líder socialista.

Embora a agenda de Mário Soares não esteja ainda totalmente estabelecida, o «DL» está em condições de indicar o plano de campanha daquele líder, quanto às principais deslocações.

Nos dias 5, 6, 8, 12, 18 e 19 Mário Soares estará em Lisboa, deixando os outros dias para os restantes distritos. No dia 7 o líder socialista voltará a Faro para estar presente no Congresso da Internacional Socialista. No dia 9 irá percorrer várias localidades do Algarve e, depois, começará a subir o país, distrito a distrito.

Os dias 10 e 11 estão reservados para o distrito de Setúbal e 13 para Leiria. Aveiro e Coimbra são os distritos que se seguem, nos dias 14 e 15, respectivamente. Em Santarém, Mário Soares estará no dia 17; em Braga, a 20; no Porto, a 21; e em Guimarães, a 22.

Amanhã, o secretário-geral do PS almoça na Madragoa com militantes ecologistas e especialistas do ambiente. Para este encontro foram convidados representantes do «Movimento da Nazaré», dos «Amigos da Terra», de «Os verdes de Torres Vedras» e elementos da Comissão Nacional do Ambiente e da Liga de Protecção da Natureza.

PS sem objectivos para o distrito do Porto

Proceder à rápida elaboração e execução de um plano de desenvolvimento regional que contemple como objectivos essenciais o desenvolvimento económico e a valorização dos recursos e potencialidades da região é um dos principais pontos do manifesto eleitoral do PS para o disitrito do Porto, apresentado ontem aos jornalistas.

Considerando que a situação habitacional do distrito do Porto é das mais dramáticas do país, o PS preconiza o apoio ao cooperativismo e uma política de solos anti-especulativa que coloque «terrenos urbanizados ao dispor da construção habitacional». O PS propõe-se também desencadear o processo de construção de uma nova ponte rodoviária e rentabilizar o projecto de navegabilidade do rio Douro, com a elaboração de um plano de aproveitamento integrado das suas potencialidades.

Quanto ao sistema de transportes, outro dos graves problemas da cidade do Porto, o manifesto socialista preconiza medidas de desvio de tráfego e uma reestruturação da extensa rede ferroviária que serve a zona envolvente da cidade. Os socialistas portuenses consideram, também, que a descentralização cultural é essencial a uma estratégia de regionalização e propõem a criação no Porto de um Museu de Arte Moderna, uma Cinemateca e um Auditório.

Castelo Branco • Castelo Branco • Castelo Branco

Crise económica pode desestabilizar um eleitorado relativamente estável

Castelo Branco é um dos distritos do País onde o eleitorado se manteve relativamente estável nas últimas autárquicas que, embora muitos dirigentes pretendam fazer crer o contrário, podem ser ainda o melhor indicativo do estado actual do eleitorado. E para já, a reflexão a fazer é que, se se estas autárquicas fossem legislativas, ou melhor, funcionando com os resultados que elas deram em termos de mandato para deputados, em Castelo Branco ficaria tudo na mesma, isto é, a AD ou os seus partidos manteriam os 4 deputados que possuem e o PS continuaria com dois.

O distrito tem características muito diferenciadas do ponto de vista económio e social. A zona Norte, que inclui os concelhos de Belmonte, Fundão, Covilhã e Castelo Branco é a mais desenvolvida, tanto na indústria como na agricultura. Mas a Covilhã é neste momento um dos focos de tensão social, com uma indústria têxtil muito implantada, mas a atravessar uma grave crise.

A zona sul pode dividir-se em duas subzonas. Uma, que abrange os concelhos de Castelo Branco, Indanha-A-Nova e Vila Velha do Ródão, é uma zona latifúndio, onde passaram ainda alguns ventos de Reforma Agrária.

A outra subzona abrange concelhos como Proença-A-Nova, Vila de Rei e Oleiros, onde existe uma das maiores manchas florestais da Europa. Como actividades económicas há uma agricultura de subsistência e a indústria da madeira. É uma zona de transição que toca quatro distritos: Coimbra, Leiria, Santarém e Castelo Branco. Aqui vivem populações que podem considerar-se das mais atrasadas do País do ponto de vista económico, político e social. Há gente que nunca viu luz eléctrica.

Os partidos da AD têm cerca de 80 por cento da votação e é praticamente impossível a qualquer outra força política entrar lá.

Em 1980 a APU fez uma fiscalização nas mesas de votos do concelho de Oleiros. «Só não morreu gente por acaso», comenta-nos um dos intervenientes nesse processo. Mas se não tivesse havido essa fiscalização, verificáva-se que praticamente todas as pessoas votavam acompanhadas.

Também em 19880, na freguesia de Estreito, do mesmo concelho, uma escola onde funcionava uma assembleia de voto esteve cercada por centenas de pessoas, muitas delas embriagadas. Foi necessário a intervenção de uma numerosa força da GNR para de lá retirar os delegados da APU e do PS.

Os madeireiros dominam totalmente as populações e exploram-nas em especial aos pequenos proprietários de pinhal.

«No dia das eleições — contam-nos em Castelo Branco — arrebanham as pessoas para votar e levam-nas de pé, como gado, em camionetas».

O PSD é, de momento, o partido maioritário e, no desfazer da AD, foi o partido que mais lucrou. Das quatro câmaras que mudaram de mão, e que pertenciam todas à AD, o PSD ganhou duas (Oleiros e Sertã), o PS uma (Penamacor) e o CDS uma (Proença-a-Nova).

Teoricamente, os socialistas estarão em condições de polarizar descontentamentos e de subir as suas votações, mas resta saber até que ponto os problemas internos do PS não se terão feito sentir, particularmente, em Castelo Branco, em especial, o afastamento das listas de candidatos de António Guterres, há dias homenageado naquela cidade com um jantar que teve numerosa participação de socialistas.

Já em 1977 houve outro processo que levou ao afastamento de 17 figuras importantes do PS. Tudo isto não deixará de ter influência. Por alguma razão, o PS, que chegou a ter 5 deputados em 7, tem agora 2 em seis.

De qualquer modo, a grande luta em Castelo Branco terá como protagonistas o PS e o PSD, embora este último partido se mantenha, por agora, a uma confortável distância dos socialistas. Tudo depende, agora, da capacidade que a Federação do PS de Castelo Branco tenha para superar todos esses problemas.

PSD – três deputados como objectivo mímino

O PSD apresenta, como objectivo mínimo, a eleição de, pelo menos, três deputados, mas não exclui a possibilidade de mais um, visto que o 6.° deputado do distrito, com a presumível correlação de força e em consequência do método de Hondt, poderá vir a ser disputado por qualquer das forças políticas.

Eduardo Rato, membro da Comissão Política Distrital do PSD, está convencido de que o PSD será a primeira força do distrito.

«Em 1976, afirma, houve um voto táctico no PS, sobretudo nestas zonas do interior. Presentemente, já não existem motivos para se verificar esse voto táctico.

É esse facto que explica a descida do PS. Em 1976 ainda os outros partidos, sobretudo o PSD, não estavam com a implantação distrital com que hoje se encontram. Houve um crescimento grande ao nível da organização. Veja-se o caso das autarquias. Hoje o PSD não tem dificuldade em concorrer a qualquer freguesia do distrito.»

O adversário principal do PSD é, obviamente, o PS, mas os sociais-democratas pensam também retirar votos na área do CDS. Justificam estas convicções pelo facto de terem dado no distrito uma imagem de «pessoas moderadas». «Excluindo umas zonas mais altamente politizadas, as pessoas, aqui no interior, gostam que quem os represente demonstre bom senso em todos os seus actos políticos».

O dirigente social-democrata não acredita, por outro lado, que o desgaste do Governo e a imagem da coligação AD possa ter reflexos negativos no eleitorado relativamente ao PSD. Salienta-nos que, apesar de existir uma coligação AD, «procurou-se estabelecer sempre uma identificação própria de cada partido».

Afirma, também, que os problemas dos actos do Governo sentem-se naquela região mais nos problemas concretos do dia-a-dia «e esses têm-se procurado resolvér». Na opinião de Eduardo Rato «os problemas sentem-se mais onde há uma grande massa de assalariados».

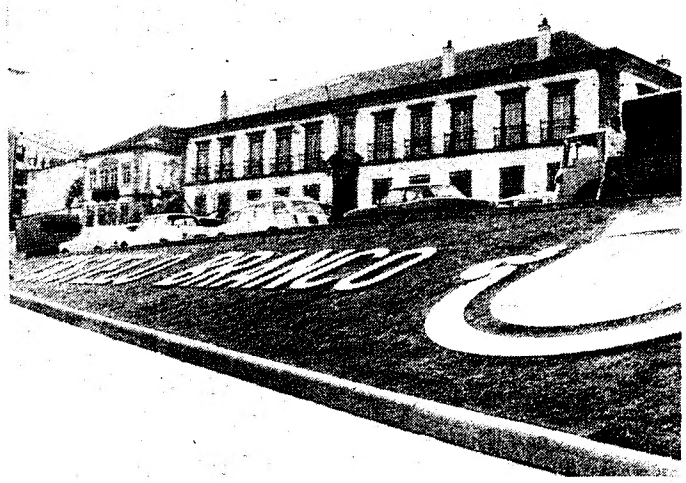
Afirma, também, que, embora exista, no distrito de Castelo Branco, um eleitorado bastante estável, há, também, uma percentagem importante de eleitorado flutuante. «É, sobretudo, a esse eleitorado, que se vai dirigir a campanha, tentando captá-lo para o PSD».

Uma preocupação do PSD é o provável abstencionismo.

«O dia 25 de Abril foi um dos piores dias para eleições nesta zona. É um dia de semana e há muita gente que não deixa os seus campos para ir votar. É justamente a esse eleitorado que vamos dirigir a nossa mensagem. O PSD pensa sobretudo captar votos nas zonas agrícolas e nas zonas florestais. Mas vamos também nesta campanha mostrar nas zonas industriais que a social-democracia tem uma mensagem a transmitir ao operariado.»

APU — muito perto de eleger um deputado

A APU, que em 1980 esteve quase a eleger o seu primeiro deputado pelo distrito de Castelo Branco, continua a perseguir esse objectivo e parece haver as todas possibilidades de concretizar desta vez esse objectivo.



Carlos Vale, comerciante, candidato da APU por Castelo Branco, considera existirem diversas razões que apontam para isso.

«Por um lado a AD aparece a concorrer separada. Pelos números das autarquias nós meteríamos um deputado. Por outro lado, o facto de o PS ter afastado António Guterres e Pinto da Silva das suas listas está a gerar mau estar entre os socialistas o que fez com que, em muitos locais, a organização não vá fazer campanha. O Secretariado do PS da Covilhã está demissionário por não concordar com o saneamento destes dois elementos e a concelhia de Penamacor suspendeu-se até ao dia das eleições.»

O candidato da APU acredita que esta situação possa trazer-lhe benefícios «porque os eleitores de esquerda não querem votar uma lista incapaz e de gente alheia ao distrito. Por outro lado a lista do PS não tem dos militantes deste partido qualquer tipo de apoio porque são figuras que nem sequer eram segundos planos».

Carlos Vale refere a boa receptividade que a APU tem tido na pré-campanha e afirma mesmo que, habituais eleitores do PS têm manifestado a sua intenção de votar APU, «como alternativa a uma proposta que não os convence, nem em termos nacionais nem regionais».

A Covilhã é a zona mais forte da APU e o comício ali realizado com a presença de Álvaro Cunhal teve grande participação.

«Foi a sessão mais viva de todas. Houve muitas perguntas que incidiam sobretudo sobre se era possível o PCP no Governo, face à posição do PS e muitas perguntas também sobre Mário Soares.»

Carlos Vale afirma também que o anticomunismo se dilui naquela região e que «os contactos com a população são cada vez mais abertos».

«A APU aqui é uma força muito respeitada e a força política com mais actividade pública. Tem um vereador eleito desde 1979, agora reeleito, e vários membros na AM. Elegeu por exemplo, um presidente de junta em Monforte da Beira, uma freguesia onde nunca tinha concorrido.»

«Há hoje uma faixa de eleitorado muito grande que neste momento ainda não decidiu a sua opção de voto, mesmo gente que tem votado à direita.»

A APU vai jogar muito com a acção parlamentar dos seus deputados em relação a problemas fundamentais que dizem respeito a vários estratos da população e em particular ao distrito.

«Quando o PCP levantou a questão das rendas comerciais, houve comerciantes que se dirigiram a nós para obterem informações e assinaram mesmo um documento unitário dinamizado por elementos da área da APU, a propósito dessa legislação.»

CDS – manter os dois deputados

Maria Celeste Capelo, responsável distrital do CDS, acredita que o CDS vai manter os dois deputados que tinha, quer quando concorreu sozinho, quer quando concorreu na AD, embora admita a possibilidade de aumentar a votação. Isso todavia, a acontecer, dadas as características do distrito, e os números possíveis, não fará aumentar o número de deputados.

Fala-nos também da coesão do CDS e afirma que «ao contrário do que muita gente diz e apregoa, nomeadamente os órgãos de Comunicação Social, no que diz respeito a Castelo Branco, não há dúvida alguma de que o CDS mantém a sua coesão e tem perante o eleitorado a mesma imagem que sempre teve».

A dirigente do CDS sublinha que isso todavia não acontece nos outros partidos. O PSD «tem tido alguns problemas mas tem sabido resolvê-los». Maria Celeste Capelo fala de problemas no PS e de problemas entre o PCP e o MDP a propósito das listas. O CDS pensa ir buscar votos ao PS que é «onde os foi sempre buscar», ao PSD, e globalmente a um eleitorado AD que «terá tendência em votar CDS».

Nesta partilha AD quem é que vai ficar com a maior fatia de eleitorado AD?

«Tudo depende. Na nossa terra, não digo só em Castelo Branco, em todo o País, as pessoas, o povo português é conservador. Mesmo que lhe queiram apregoar ideias revolucionárias ele não adere. E porque é conservador é natural que aquelas pessoas que votaram, em 1976, PSD vão votar PSD.»

Como são as relações com o PSD?

«A nível de Castelo Branco temos as melhores relações com o PSD. Gostamos muito de pôr as coisas nos seus devidos lugares. Quando temos que dizer alguma coisa ao PSD dizemos. Não precisamos de mandar comunicados para os jornais. A nossa política é de entendimento e de diálogo com aqueles que nos crer entender. E estamos em querer que o PSD ainda nos quer entender. É assim que tanto a nível de governador civil como de presidente de Câmara de Castelo Branco nós temos tido relacionamento directo sem vir para os jornais. Temo-nos mantido com muita calma. Os comunicados que têm vindo a lume são do próprio PSD aos quais o CDS nunca aderiu.»

A dirigente centrista faz também um apelo ao entendimento «inclusivamente aos partidos que se reclamam de partidos dos trabalhadores que têm feito uma política contra eles».

Augusto Vilela

PCP apresentou Programa Eleitoral

"É possível sair da crise desde que se mude de política"

Comunistas propõem: Plena mobilização dos recursos nacionais ● Participação empenhada dos trabalhadores ● Aumento da taxa de crescimento da economia ● Melhoramento das condições de vida material do povo ● Redução dos défices das balanças de pagamento

O aumento da taxa de crescimento da economia, o melhoramento das condições de vida material do povo e a redução dos défices das balanças externas são, no plano económico, os três objectivos fundamentais e imediatos do programa eleitoral do PCP, ontem divulgado por Carlos Brito e Carlos Costa, que se encontravam acompanhados por Vítor Dias, João Amaral, Veiga de Oliveira, Carlos Carvalhas e Octávio Teixeira.

Insistindo que «Portugal não está condendo a afundar-se numa crise política e social de crescente e dramáticas proporções e de consequências cada vez mais perigosas»; acresentando que «o povo português não está condenado a ver continuadamente degradadas as suas condições de vida, negados os seus direitos e desprezadas as suas mais profundas aspirações»; o PCP afirma que o seu programa demonstra que «a saída da crise, a solução dos problemas nacionais, a promoção do bem estar da população, o progresso e o desenvolvimento nacionais e a consolidação da democracia estão ao alcance do povo português».

Para isso, no entanto, é necessário desmascarar e responsabilizar a política de direita seguida nos últimos anos (não apenas no triénio de governação da AD, mas já iniciada há sete anos atrás com o primeiro Governo PS) e definir, em contraposição, as grandes linhas e as medidas concretas de uma verdadeira alternativa à política de direita.

«Nós contrapomos – diz o PCP – uma política que não desconhecendo as dificuldades, é optimista quanto aos seus resultados porque assenta no princípio da plena mobilização dos recursos nacionais e no empenhamento e na participação determinada dos trabalhadores e das massas populares.»

O texto programático do PCP dá grande destaque a uma plataforma de quatro pontos, que constituem os capítulos mais importantes: respeito da legalidade constitucional e consolidação da democracia; política económica para vencer a crise e assegurar o desenvolvimento do País; melhoramento das condições de vida material e cultural do povo; política externa de independência, paz e cooperação.»

Três medidas

Voltando aos três objectivos fundamentais do PCP no plano económico – em relação ao aumento da taxa de crescimento dizem os comunistas: «Esse aumento terá de assentar no aproveitamento dos nossos recursos e energias internas; na melhor utilização das capacidades produtivas instaladas, tanto no sector de produção dos meios de produção como no da produção de bens de consumo; na produção nacional de produtos importados; no aperfeiçoamento tecnológico; no aumento da produtividade; no relançamento do investimento e na concretização dos grandes projectos de interesse nacional; no estabelecimento de sistemas e acordos de compensação, nomeadamente a longo prazo, para a componente importada os grandes investimentos.»

Quanto ao melhoramento das condições de vida material do povo, que «é o objectivo central do desenvolvimento da economia, e é um elemento de animação de toda a actividade económica», o PCP torna claro que «o alargamento do mercado interno pela melhoria do poder de compra da população é simultaneamente um factor fundamental para a dinamização da produção nacional e um factor de mobilização da população e dos trabalhadores».

No que à redução progressiva dos défices das balanças externas respeita o PCP afirma:

«O combate aos défices externos e à sua redução progressiva têm de assentar, prioritariamente, no aumento da produção nacional, na produção nacional de produtos importados e na redução drástica de importações desnecessárias, supérfluas e de luxo».

Só com o PCP no Governo se resolve a crise

Na parte final da sua intervenção Carlos Brito lembrou que «hoje já ninguém contesta que a saída da crise, a solução dos problemas, qualquer alteração significativa nas condicionantes das questões importantes da vida nacional passa pela atitude dos trabalhadores».

E a propósito acrescentou:

«As congeminações sobre contratos, pactos, consensos sociais, testemunham esta inquestionável verdade».

Por outro lado, Carlos Brito fez questão de sublinhar que «reaccionários e oportunistas, uns do CDS do PSD, outros do PS, sonham com a paralisação, a domesticação e instrumentalização do movimento dos trabalhadores, não para solucionar os problemas do país, mas os problemas do capital e do imperialismo, não para a saída da crise, mas para arranjar saída para as suas propostas sediças em que cada vez menos acreditam».

«Da crise – afirmou Carlos Brito – só se sairá com a participação dos trabalhadores, com o seu empenhamento e intervenção entusiástica, o que implica que se defina uma política que vá ao encontro dos seus interesses e aspirações, dos interesses e aspirações do país e pressupõe a constituição de um Governo que pela sua natureza e composição dê garantias, transmita confiança de que vai concretizar tal política».

Daí, que sublinhou, o dirigente comunista, «pelo seu peso no país, e pelas condições gerais que o PCP reúne e por tudo o que significa para os trabalhadores portugueses, só com o PCP no Governo é possível a saída da crise».

«Fazemos esta proposta ao povo português com a certeza de que o PCP fará parte do Governo em Portugal quando o povo português quiser» – disse ainda Carlos Brito antes de concluir:

«A votação na APU e o número de deputados eleitos nas listas da APU constitui um elemento que influenciará de forma importante o futuro próximo do país e determinará as condições para a concretização deste vasto programa de trabalho para os portugueses que aqui vos apresentamos».

Um punhado de medidas

No seu programa eleitoral o PCP propõe numerosas medidas para todos os sectores da vida portuguesa. Eis algumas: actualização anual do salário mínimo nacional; eliminação do tecto salarial e outros condicionamentos legais ou administrativos; aumento dos salários reais; revogação da actual legislação sobre contratos a prazo; diminuição da carga fiscal que onera a aquisição e propriedade de habitação própria, sobretudo para os rendimentos familiares mais baixos; separação dos rendimentos dos cônjuges para efeito de imposto complementar, por forma a impedir a penalização dos agregados familiares; actualização periódica do abono de família e outras prestações para a infância e a juventude tendo em conta o agravamento do custo de vida e a cobertura dos encargos a que devem fazer face; actualização anual de todas as pensões e outras prestações pecuniárias dos reformados, pensionistas e idosos, tendo em conta o aumento do custo de vida. Fixação da pensão mínima de subsistência, em pelo menos, 50 por cento do salário mínimo nacional; actualização da pensão social e do subsídio a grandes inválidos; reposição em vigor e cumprimento da Lei do Serviço Nacional da Saúde; abolição imediata das «taxas moderadoras» ou «suplementos fixos» (sobre medicamentos, serviços hospitalares, meios auxiliares de diagnóstico, etc); intensificar a promoção pública de habitação social; revisão das medidas de crédito no sentido de um melhor aproveitamento dos recursos financeiros a mobilizar e concessão de créditos para a aquisição de casa própria em condições adequadas aos rendimentos familiares; abolição de todas as cláusulas e práticas discriminatórias em relação à mulher no trabalho (acesso, formação e promoção profissionais) seja em que base for, e aplicação do decreto 392/79 contra as discriminações na prestação de trabalho; cumprimento do direito constitucional do exercício de uma paternidade e maternidade conscientes de os casais decidirem quando e quantos filhos desejam, através da generalização da educação sexual, da divulgação e acesso das mulheres e dos casais aos métodos de planeamento familiar, pela legalização da interrupção voluntária da gravidez e da adopção de medidas de defesa da saúde e da vida da mulher, vitima das condições em que é praticado o aborto clandestino; desenvolvimento das relações de amizade e cooperação com Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe, impedindo a utilização do território português, como base para campanhas e actividades hostis a estes países; negociações com a NATO com um reexame das obrigações e compromissos portugueses dentro de uma perspectiva do desanuviamento, da coexistência pacífica e da dissolução dos blocos militares e do desaparecimento das bases militares e estrangeiras em território português, recusa da instalação, estacionamento ou trânsito de armas nucleares em território português.

MDP apresentou Programa Eleitoral

Governo futuro baseado na Oposição à AD e aberto a "áreas do PSD"

O MDP/CDE apresentou ontem aos jornalistas as suas propostas eleitorais, contemplando 21 áreas diferentes, que vão desde a consolidação da democracia até aos múltiplos sectores económicos, sociais e culturais do País.

No encontro – almoço, dirigido por José Manuel Tengarrinha (acompanhado por Helena Cidade Moura, António Redol, Mário Casquilho, José Madeira, Blasco Fernandes e João Corregedor) foi sublinhado pelo presidente do MDP que o partido não fará depender a sua participação no próximo Governo das forças políticas que sejam incluídas ou excluídas, mas apenas das bases programáticas apresentadas.

Frisou Tengarrinha que o MDP defende para a composição no futuro Executivo a presença dos partidos que eram oposição à AD, admitindo mesmo a participação de «áreas do PSD».

Em resposta a uma questão levantada durante o encontro, Helena Cidade Moura referiu que o acordo feito pelo MDP com o PCP, no âmbito da APU, dá «inteira liberdade ao MDP» e que «nem poderia ser doutro modo». Esclareceu a vice-presidente do MDP que, ao contrário das autarquias, a APU desaparece como coligação logo após as eleições legislativas e que este é o sentido da participação daquele partido no parlamento «onde pretende diversificar o campo democrático, o que só poderia conseguir-se surgindo aí como uma força autónoma»

Crise económica

No tocante à campanha eleitoral propriamente dita, Tengarrinha adiantou que o MDP irá pôr a tónica na necessidade de resolução da actual crise económica, nomeadamente na importância do aumento da produção nacional e da redução do défice nas trocas comerciais.

O dirigente do MDP considerou, para tal, ser fundamental o reforço do aparelho produtivo de modo a fazer face ao alargamento do mercado interno e contemplar a especialização necessária.

No programa apresentado aos jornalistas sublinha-se que esta orientação terá condicionalismos específicos que resultam «de um processo inflacionário permanente e da carência de meios financeiros, para se fazer face, simultaneamente, ao aumento do consumo e do investimento e ao endividamento externo».

O documento, que é acompanhado de textos de apoio sobre os problemas da construção civil e da habitação, admite que aquela orientação envolve uma contenção temporária da procura interna mas acentua que a linha fundamental terá de ser «o não agravamento do poder de compra das camadas economicamente mais débeis».

Em termos de política de planeamento e orçamental, o MDP propõe-se promover a elaboração do Plano a Médio Prazo, «que respeite as grandes opções da política económica e social do País, imperativo para o sector público e dinamizador dos restantes sectores da economia».

O programa prevê, também, uma política de rendimentos e preços que restabeleça o aumento gradual do peso dos rendimentos do trabalho no rendimento nacional.

Quanto à política fiscal, o MDP defende a implementação do imposto único sobre o rendimento pessoal e o aumento da progressividade deste tipo de impostos.

Quanto à política de trabalho, este partido defende a utilização exclusiva das receitas do Fundo de Desemprego em medidas de política de emprego.

Defender a ANOP

No sector da Comunicação Social, o MDP defende a adopção de medidas imediatas que impeçam a destruição da ANOP, dotando a agência dos meios necessários à sua actividade e expansão no País e no estrangeiro, nomeadamente nos países de expressão portuguesa.

Neste sector o MDP propõ-se, ainda, criar uma Comissão de Comunicação Social, com representantes dos partidos e da opinião pública e promover a aprovação de uma lei da Rádio e de um diploma que consagre definitivamente os Conselhos de Redacção, dotando-os de poderes vinculativos para a nomeação de directores e chefes de redacção.

No plano cultural, o MDP promete «lutar por uma cultura que seja acção e nela se radique, procurando grantes áreas de consenso ao serviço da democracia e corrigindo a relacionação do poder com a cultura». Mais concretamente, sugere-se o reforo do movimento associativo autónomo, ligado aos órgãos autárquicos e independentes do poder central, nomeadamente dos governadores civis, e defendem subsídios às actividades culturais de teatro, dança, música, protecção e estítulo da Imprensa regional e do património artístico, cultural e natural «que nasça da consciência e da organização populares».

Combater a venalidade e a incompetência

Relativamente ao tema «consolidar a democracia política» defende o MDP a «criação de condições legais e administrativas que estimulem e protejam a intervenção quotidiana dos cidadãos na vida nacional» e medidas efectivas «contra a venalidade, o compadrio e a incompetência» no âmbito de uma política de democratização e moralização da administração pública, incluindo os serviços e as empresas públicas.

Propõe igualmente o MDP a «abertura imediata de inquéritos a todas as situações de corrupção no Estado e nas empresas públicas, designadamente na banca».

No texto de apoio relativo à estrutura da indústria da construção civil, afirma-se que «as duas centenas de milhares de técnicos e operários e as duas dezenas de milhões de contos de equipamentos ali radicados seriam bastantes (**se devidamente utilizados**) para «fazer face à necessidade de construção de 40 mil novas habitações e à recuperação de 80 mil anualmente.

Mota Pinto no "American Club"

Política externa dos EUA? O líder do PSD está contente com Reagan

Mota Pinto candidato do PSD a Primeiro-Ministro defendeu «a atitude de firmeza» da actual administração norte-americano em algumas crises internacionais, como a do Médio Oriente. Tal firmeza, sublinhou Mota Pinto, permitiu travar a acção e a influência da União Soviética.

O dirigente social-democrata participava num almoço organizado pelo American Club e discursou numa intervenção subordinada ao tema «oPSD, Portugal e a Comunidade Internacional».

Mota Pinto destacou a importância do papel de Portugal como «placa giratória entre fronteiras relacionadas, designadamente com a América Latina, a Europa, o Atlântico Norte e o Atlântico Sul».

Mota Pinto reafirmou a fidelidade de Portugal à Aliança Atlântica, num contexto de independência nacional e à «aproximação da Europa em termos compatíveis com o estado da economia portuguesa e aproximação, também, aos países do Atlântico Sul, com destaque para os africanos de língua portuguesa». Passou, depois a enunciar as «vantagens» do PSD: para Mota Pinto nenhuma força política em Portugal tem maior legitimidade que o PSD «para se afirmar como interlocutor dos nossos aliados». «O PSD é a força política capaz de oferecer mais confiança aos investidores portugueses e estrangeiros».

Ainda quanto à política internacional, Mota Pinto acentuou as possibilidades de diálogo que Portugal oferece com países da América Latina e da Ásia. «Podemos ser protagonistas importantes de acções que visem sensibilizar esses países para a democracia e liberdade contrariando assim a penetração do totalitarismo soviético» – disse.

Açores: firmeza e serenidade

Os candidatos do PSD pelo círculo dos Açores às legislativas de 25 de Abril prometeram hoje «firmeza e serenidade» na actuação que desenvolverão, principalmente em defesa do reforço da autonomia regional.

Em conferência de Imprensa, em Ponta Delgada para apresentação do Manifesto Eleitoral, os sociais-democratas açorianos reivindicaram-se obreiros das tarefas de concretização da autonomia, em cujo aprofundamento manifestaram empenho.

O manifesto do PSD-Açores refere como principais razões para apostar na social-democracia a garantia da autonomia, a unidade das ilhas e o seu desenvolvimento em paz e democracia.

No encontro com os jornalistas, o presidente da Comissão Política Regional e cabeça de lista, Mota Amaral, disse que uma diminuição de votos no PSD poderá significar a perda de poder negocial perante os órgãos de governo da República.

Mota Amaral fez tal afirmação quando lhe pergutaram se os resultados eleitorais das últimas autárquicas, em que o PSD-Açores sofreu uma quebra de votos, poderiam ser tidos como indicador de previsão dos resultados das legislativas.

Acerca de uma eventual coligação pós-eleitoral PSD-PS o dirigente social-democrata disse que a região não iria contra um executivo que a tivesse por base, como não foi contra os governos da AD.

A região não inviabilizará um Governo que tenha em conta os seus interesses, salientou.

Os sociais-democratas açorianos concorrem às próximas eleições com uma lista que além de Mota Amaral tem como candidatos efectivos o antigo secretário Regional das Finanças, Gomes dos Santos, os actuais deputados António Maria Mendes e Vargas Bulcão e o advogado Pedro Paulo da Silva.

UEDS apresentou Manifesto Eleitoral

Governo PS, UEDS e ASDI como alternativa "ao famigerado bloco central"

— defendeu Lopes Cardoso

«Famigerado bloco central», foi como Lopes Cardoso, dirigente da UEDS, classificou um acordo pós-eleitoral entre o PS e o PSD. Lopes Cardoso fez esta afirmação durante um encontro com a Imprensa para apresentação do programa eleitoral do seu partido que se apresenta ao sufrágio de 25 de Abril com diversos militantes integrados nas listas do Partido Socialista.

O dirigente da UEDS, antigo membro da direcção do PS e ex-ministro, fez questão em sublinhar que o seu partido se opõe à formação de um Governo PS-PSD. «Uma coligação PS-PSD não seria solução para os problemas da crise, pelo contrário. A UEDS pensa ser necessária uma maioria suficientemente coesa. Vemos mal uma maioria assente em entendimento com um partido cujas responsabilidades na crise actual são evidentes».

Como alternativa de obstar «ao famigerado bloco central», o líder da UEDS propõe um Governo que seja expressão de «uma maioria do Partido Socialista e das forças que concorrem nas suas listas» (UEDS e ASDI).

«Devemos conduzir à maioria absoluta no socialismo democrático. Outros votos tenderão para a formação de um Governo tipo PS-PSD» – disse ainda.

O manifesto UEDS

Lopes Cardoso fez estas declarações depois de ter apresentado à Imprensa o manifesto eleitoral da UEDS que se intitula «Uma maioria socialista e democrática – a resposta à crise».

O manifesto eleitoral começa por caracterizar a actual situação do país, definindo-a como «um dos momentos mais graves e delicados da história recente» portuguesa.

«Só congregando um amplo bloco social de apoio a um projecto de combate à crise é possível garantir o futuro de Portugal e dos portugueses», defende a UEDS, sublinhando ser esse o seu único objectivo: «Só na vitória da esqueda democrática e socialista consubstanciada na vitória das listas do Partido Socialista, que os militantes da UEDS integram, se encontrará resposta para a crise».

O documento enuncia depois algumas das iniciativas parlamentares que esta organização pretende tomar e termina frisando que o voto PS «constitui uma recusa positiva» ao entendimento «com as forças políticas responsáveis pela situação que o País atravessa».

É, ao mesmo tempo, «a afirmação da necesária maioria socialista e democrática, única resposta para a crise», explica.

O documento anuncia, entre outras medidas já conhecidas, a intenção dos futuros deputados da UEDS em promoverem a discussão da Lei da Televisão e da Rádio e de outros diplomas sobre o arrendamento rural, crédito agrícola, e estatuto jurídico das terras nacionalizadas.

É também sua intenção propor a revisão da Lei dos Contratos a Prazo, regulamentar as consultas locais, voltar a aprovar o Estatuto do Objector de Consciência, despenalizar o aborto e legislar sobre a segurança e controlo nucleares e as actividades industriais poluidoras.

Falando no Cadaval

Lucas Pires quer evitar 'revolta dos credores do Estado'

Lucas Pires reuniu com nove governantes democratas-cristãos para articular a sua experiência governativa com a campanha eleitoral que se avizinha. «Foi feito um ponto da situação da acção governativa do partido, incluíndo os problemas mais urgentes, para mencionar a experiência do CDS no Governo durante a campanha eleitoral» — referiu uma fonte centrista.

Além do ministro da Cultura (o próprio Lucas Pires) participaram na reunião, efectuada durante um almoço num restaurante de Lisboa: Luís Barbosa, ministro dos Assuntos Sociais, Baião Horta, da Indústria e da Defesa, Carlos Pardal, secretário de Estado da Defesa, França e Silva, adjunto do ministro da Agricultura, Gomes de Pinho, Azevedo Soares, Justiça, Carvalho Cardoso, Produção Agrária, Ferreira Lemos, adjunto do ministro da Habitação, Obras Públicas e Transportes, e Paulo Marques, Negócios Estrangeiros.

Ausentes estiveram Basílio Horta, ministro da Agricultura (que se encontrava no Algarve), Teresa Costa Machado, Secretaria do Estado da Família (em França), Bagão Felix, Assuntos Sociais (em campanha eleitoral) e José Ribeiro e Castro, secretário de Estado Adjunto, e Roberto Carneiro, Administração Regional (ambos em serviço no Instituto Democracia e Liberdade), informou uma fonte do CDS.

Durante o dia de ontem Lucas Pires deslocou-se ainda ao Cadaval onde à noite participou num jantar organizado pela concelhia do CDS local. Falando na altura o líder democrata-cristão exortou ao voto no CDS como forma de reencontro «com o País real que somos» e que «já pagou a factura do socialismo». A propósito afirmou: «O socialismo está a ser subsidiado pelos contribuintes e, se não se inverte o caminho, a revolta dos credores do Estado estará iminente».

Noutra passagem da sua intervenção, o dirigente centrista defendeu ser Portugal um País que espera a emancipação «das peias burocráticas» e do peso de certo tipo de administração que qualificou de «socializante».

Frisou constituir o voto no CDS, como forma de construir uma AD renovada, «a única possibilidade» de se sair «da crise que, hoje, mais parece ser o estado normal».

Declaração foi enviada para o "Diário da República"

Tribunal Constitucional já está completo

Uma declaração dando por completa a constituição do Tribunal Constitucional seguiu na terça-feira para o «Diário da República» – disse à ANOP José Magalhães Godinho, presidente em exercício deste órgão.

O texto refere terem aceitado a designação Mário de Brito, juiz conselheiro, José Joaquim Martins da Fonseca e Mário Augusto Fernandes Afonso, juízes desembargadores.

Os juízes Mário Brito, Martins da Fonseca e Mário Afonso provêm respectivamente do Supremo Tribunal de Justiça, do Tribunal da Relação de Lisboa e da Relação do Porto.

O texto enviado para o «Diário da República» diz ter sido o processo concluído em reunião de 16 do corrente, com a aceitação pelos três cooptados.

A declaração do Tribunal Constitucional – a que a ANOP teve acesso – indica haver ocorrido a escolha por unanimidade.

José Magalhães Godinho disse que a designação do presidente apenas ocorrerá depois da posse dos três novos juízes.

Esta verifica-se nos próximos dias.

Além do juiz conselheiro Mário Brito e dos juízes desembargadores Martins Fonseca e Mário Afonso, o tribunal é constituído pelos seguintes dez membros eleitos em 22 de Novembro pelo Parlamento:

PS: Monteiro Dinis, Jorge Campinos, José Magalhães Godinho e Luís Nunes de Almeida; PSD: Armando Marques Guedes, Joaquim da Costa Aroso e Raul Domingues Mateus da Silva; CDS: Cardoso da Costa e Cardeira Bento; PCP: Vital Moreira.

Estes dez membros, sob a presidência de José Magalhães Godinho (por ser o mais antigo), reuniram-se pela primeira vez em 24 de Novembro e, no mês seguinte, indicaram três juízes – Dias Garcia, Rui Pestana e Mário Brito –, mas o facto de um deles ter recusado levou ao reinício do processo.

Surgido na sequência da primeira revisão da Constituição de 1976, o Tribunal tem, entre outras funções «declarar a inconstitucionalidade ou ilegalidade de quaisquer normas» e «verificar a existência de inconstitucionalidade por omissão».

Este órgão terá a seu cargo o contencioso eleitoral, os processos relativos a partidos, coligações, frentes e a organizações que perfilhem a ideologia fascista.

Durante o mandato de seis anos, os 13 juízes estão impedidos de acumular funções com outros cargos, quer de natureza pública quer privada, exceptuando a docência ou investigação sem qualquer renumeração e versando obrigatoriamente matérias jurídicas.

Dos dez eleitos pelo Parlamento, cinco são professores, dois advogados e três magistrados judiciais.

O tribunal substituirá a Comissão Constitucional, presidida pelo tenente-coronel Melo Antunes no âmbito do extinto Conselho da Revolução e nos termos constitucionais anteriores à revisão de 1982.

PSR acusa PS, PC e Eanes

O PSR apresentou o seu manifesto eleitoral, condensado em dez propostas, no sentido de se alcançar uma sociedade em que «o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos».

Esta frase de Marx contida no ponto décimo — «sejamos realistas: lutemos pelo socialismo» — justifica — salienta o texto — o voto no partido e na frente em que aparece coligado com a UDP (Lisboa, Porto, Coimbra, Europa e resto do Mundo).

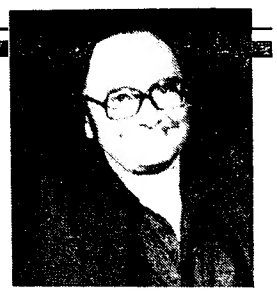
«Quando a direita está em crise, é necessário enterrá-la definitivamente e não dar-lhe a mão, como o faz Mário Soares ao anunciar o seu desejo de governar com o PSD, ou como faz Álvaro Cunhal, que, exigindo o PCP no próximo Governo, aceita também a integração de ministros de direita ou de personalidades eanistas» — diz o manifesto.

Fazendo o balanço dos nove anos decorridos desde o 25 de Abril, o PSR explica a razão da «aplicação de uma política de direita, quando na maior parte do tempo havia uma maioria de esquerda no parlamento». «A direita foi tendo acesso ao Governo, impondo as suas soluções antioperárias, através de Eanes ou dos fretes do PCP e do PS, até que teve força para tomar conta do Poder sem partilhas» — explica o documento.

«O PSR reafirma que «uma sociedade em que o poder democrático e directo é dos trabalhadores, não é demagogia, porque a autogestão operária e popular da empresa, do bairro e do Estado e quem mais ordena».

a palavra com...

Vitorino de Almeida



"Independente... ma non tropo!"

DURANTE meio século, Portugal foi governado por um regime de prepotência.

Após o 25 de Abril – revolução de ideais pacifistas e de medidas brandas – seria impossível conseguir que as várias governações não sofressem os efetitos da inexperiência e até de uma certa inconsciência... pluralista.

Com a subida ao poder dos «juniores» do regime deposto em 74 (muitos deles até relapsos à aprendizagem dos ensinamentos dos velhos «mestres», num conflito de gerações perfeitamente natural...), admitia-se um prolongamento da inexperiência, previa-se um surto de incompetência e temia-se um regresso da prepotência.

De tudo isso houve um pouco; mas a verdadeira nova dimensão que a chamada «AD» trouxe à política portuguesa foi – a insolência.

O regime salazarista tentava, como podia, ocultar os seus erros e reprimia por todas as formas, inclusivamente as mais violentas, a sua divulgação. Formalista, por definição, o fascismo português cuidava de uma certa imagem oficial, evitava o escândalo público, e aquilo que se passava na obscuridade das celas prisionais ou no enredado dos negócios de teor ilícito inseria-se numa lits negra de assuntos que em nada poderiam – ou deveriam – interessar os visitantes estrangeiros: para esses, bastava o Sol do Estoril e a água norma do Algarve.

O 25 de Abril escancarou as portas da verdade e confessou todas as angústias que o envolviam, desde aquelas que já herdara do adversário vencido, até às outras que a sua insipiência vivia a criar.

À grande festa da liberdade – festa de entrada também muito livre, diga-se de passagem... – seguiu-se o quase desespero da busca de soluções cada vez mais intrincadas e fugidias; a revolução dividiu-se, fragmentou-se em grupos de acusação mútua; mas esse fervilhar desgastante de emoções diárias era a prova cabal de um esforço, de uma luta, de uma ânsia de encontrar novos caminhos, um sistema, uma verdade que salvasse a ainda frágil democracia lusitana dos poderosos magnetismos do passado.

Durante o regime da «AD» – curiosa aliança entre um partido monárquico sem rei, uma democracia cristã sem Cristo e uma social-democracia sem socialismo –, nunca minoraram, antes agravaram, os problemas que já afligiram é certo, o 25 de Abril: desemprego, analfabetismo, inflação, dívida externa, desvalorização galopante da moeda, improdutividade, descontentamento geral.

Contudo, salvo uma ou outra excepção, tão honrosa quanto rara, o comportamento dos governantes da «AD» e da «informação» ao seu serviço verdadeiro secretariado de negação do indiscutível: SNI...) respondia a este processo de degradação nacional com sorrisos de arrogante superioridade e atitudes grotescamente provocatórias: figuras públicas e oficiais rebolando a anca robusta na penumbra dos «night clubs», mão lasciva a dedilhar as coxas de alguma «lebre» de «play... boi» assaloiado; políticos de olhar arremelgado e expressão babada, a medir as formas das «misses» expostas em concurso; manifestações de triunfalismo absurdo, como se a política fosse um jogo de ganha-perde; comentadores e porta-vozes a mentir e a caluniar com um desbragamento capaz de fazer corar qualquer comadre de beco mal-afamada e, indiscutivelmente, sem saída; uma tal incapacidade governativa e um tal desleixo de braço dado com a confiança ilimitada no poder conquistado por via democrática (ou «demoniocrática»...), que poderíamos imaginar um «slogan» publicitário ideal para definir a «AD»: – «Quero e posso tanto, que até já nem mando...»

Toda a comparação entre os tempos dramáticos do 25 de Abril e esta «pirosa» comédia de «boulevard» a que assistimos, será tão abstrusa como uma busca de semelhança entre o «pathos» das sinfonias de Beethoven e os passos de um «corridinho» de adega típica...

Nunca esperei, nem desejei, sequer, que houvesse em Portugal uma unidade de partidos de esquerda; se esses partidos existem como entidades autónomas é porque há entre eles divergências de opinião e de critérios que tornam impossível (ou impraticável) a união.

Como já uma vez o disse, as pessoas, os movimentos ou os partidos que se orientem por **ideais só muito difícil e esporadicamente se poderão associar – dado que um ideal** é algo de profundo; é um sentimento que não permite cedências, nem condescendências... nem dissidências!

Tal problema não afecta os chamados partidos de direita, baseados no capital, e – obviamente, julgo eu... – orientados por **interesses**.

Não pretendo, de modo algum, afirmar que, entre os conservadores não haja pessoas com ideais, com sentimentos morais, religiosos, estéticos, humanitários; só que esses sentimentos (ou ideais) são de uso privado e não se aplicam no tabuleiro do jogo da política. Aí, vigoram as regras do **interesse** – regras de quase irresistível capacidade unificadora, habilitadas a desencadear uma espectacular «solidariedade», até entre pessoas que, mutuamente, se detestam!

Para a «AD», que acabara de propor um governo (com Primeiro-Ministro e tudo!) que, verdade seja dita, não seria nem mais nem menos inexperiente, incompetente ou insolente do que os anteriores, constituiu um rude e quase inexplicável golpe a atitude do Presidente da República, ao exigir eleições antecipadas.

Eu explico:

É que o general Ramalho Eanes jurou defender uma Constituição que, mesmo revista e modificada, ainda mantém uma maioria de **ideais** sobre o jogo de **interesses** a que alguns a pretenderiam reduzir. A Constituição que nos rege ainda é de 25 de Abril!

O que eu não posso, em nenhumas circunstâncias, compreeender é que uma facção importantíssima e imprescindível da esquerda portuguesa pareça não saber distinguir entre um «mercado de ideais» (com todas as características dos mercados : gritaria, rivalidade de vendedeiras, uma algazarra pregoeira excessiva, admitamo-lo sem reservas...) e uma «boutique de interesses», iniludivelmente antagónica aos princípios de uma governação com um mínimo cariz progressista.

Como independente de esquerda que sempre fui – e talvez sempre seja, por me confrontar com contradições no meu próprio pensamento que jamais poderei resolver, disso estou convencido, dentro de um espírito de obediência militante – não posso nem quero deixar de desejar a vitória eleitoral de qualquer partido ou movimento de esquerda.

Mas o meu espírito de condescendência liberal não vai ao ponto de encarar sem repugnância e inquietação aquilo a que alguns políticos experimentados chamam «namoros de conveniência» e que eu classifico de pura pornigrafia!

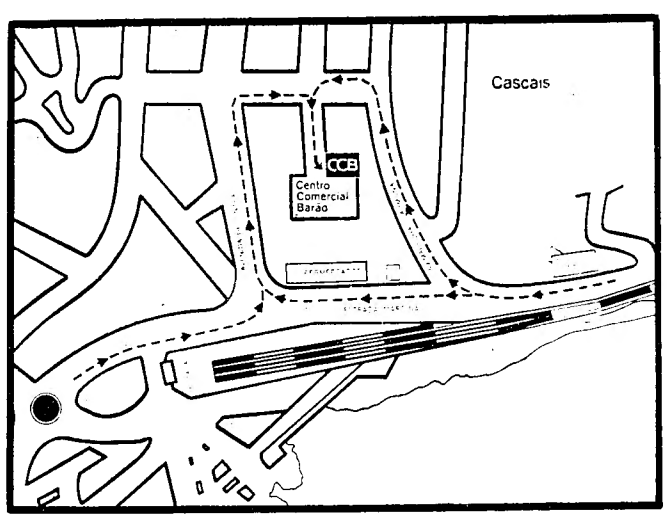
Se a droga da ignorância e de uma irracionalidade mórbida se tivessem infiltrado por via televisiva, radiofónica, jornalística ou... paroquial (refiro-me aos maus servidores de uma religião que, mais cedo ou mais tarde, os condenará!) na alma portuguesa, de forma a que a actual chafarica política continuasse a ter clientela, pois a unica atitude digna de qualquer esquerda seria manter-se firme na oposição,até que a voz dos estômagos despertasse as consciências adormecidas pela «pedrada» dos últimos anos de governação.

Eu penso, todavia, que o eleitorado já entrou na curva descendente de tais vícios (e safadezas), como, por exemplo, votar à esquerda nos sindicatos e à direita no Governo!) e que é uma tão absurda como inqualificável sabotagem fraticida poderá impedir uma verdadeira maioria de esquerda em Portugal.

Essa maioria não implica, como já disse, concordância ou unidade de princípios, mas sim a certeza de que a aliança híbrida que nos desgovernou e cobriu de ridículo não poderá voltar a implantar-se no palanque da insolência.

Sempre salvaguardando a minha independência partidária, dou o meu apoio à esquerda autêntica, organizada e numericamente significativa em termos eleitorais, como é evidente, que me garanta não alinhar com os responsáveis pela crise que actualmente vivemos – e que se avolumará até aos limites da catástrofe nacional se uma vã cobiça de mandar pretende comprar glória pelo preço da vergonha.

Vergonha – seria a esquerda vencer, para repor a direita no poder.

EM CASCAIS
JÁ ABERTO AO PÚBLICO
O NOVO E MODERNO ARMAZÉM
CCB
CENTRO COMERCIAL BARÃO
DE JOSÉ PEREIRA DIAS
UMA ASSOCIADA DOS
Chiado
Armazéns do Chiado
DISPONDO DOS REQUISITOS MAIS MODERNOS, ESTA NOVA UNIDADE COLOCA AO SEU DISPOR 32 BEM APETRECHADAS SECÇÕES, PARA COMPRAR ALTA QUALIDADE A BAIXO PREÇO
VISITE EM CASCAIS, O NOVO ARMAZÉM


CCB
CENTRO COMERCIAL BARÃO

de ontem para hoje

Réu do «12 de Fevereiro» desmentido por Almeida Bruno

ATRAVÉS da Direcção-Geral da Comunicação Social o comandante da PSP brigadeiro João de Almeida Bruno, (foto) divulgou a seguinte nota: «Alguns órgãos da Comunicação Social escrita têm relatado declarações feitas durante o julgamento no Tribunal da Boa Hora, dos réus detidos em Lisboa no passado dia 12 de Fevereiro de 1982. Das declarações vindas a lume, algumas referem hipotéticas afirmações envolvendo Sua Excelência o Presidente da República. Não pretendendo comentar o teor totalmente descabido de tais afirmações, para as quais me reservo o direito de oportuno procedimento, informo para esclarecimento da verdade que não tive qualquer contacto com os detidos e consequentemente não fiz quaisquer declarações». Recorde-se que um dos quatros réus do processo, José Manuel Ferreira, declarou no passado dia 22, perante os juízes do 1.º Tribunal Criminal de Lisboa, que o brigadeiro Almeida Bruno teria afirmado ao visitá-lo no Governo Civil: «Se o Presidente da República não fosse comunista, vocês não tinham saído vivos de Parque.

Preservação do ramal de Nine

Considerando a necessidade de proceder à protecção das faixas confinantes com o caminho-de-ferro, a fim de permitir a futura melhoria ou eventual duplicação da linha, foram declaradas áreas «non aedificandi» (proibição de qualquer tipo de construções) as faixas à esquerda e à direita do ramal de Braga entre Nine e aquela cidade.

Brincadeira custou-lhes a vida

As autoridades marítimas localizaram ontem, na praia da Manta Rota, no Algarve, os cadáveres de dois jovens, Faustino da Conceição Madeira, de 21 anos, e Luís Gomes Severo, de 16, afogados, na passada terça-feira, após a embarcação em que seguiam com mais três colegas, salvos com dificuldade se ter voltado. Os náufragos comemoravam na altura o fim de uma obra de construção civil em que tinham participado. Segundo testemunhas oculares, os cinco jovens entraram na embarcação e quando se encontravam a cerca de 70 metros da costa começaram a brincar, fazendo com que a mesma se voltasse e os lançasse pela borda fora.

Acampamento de jovens bombeiros

Um acampamento de jovens bombeiros foi ontem oficialmente inaugurado na Guarda no âmbito do Segundo Encontro Nacional da Juventude de Bombeiros. Participam cerca de 260 elementos em representação de corporações dos distritos da Guarda, Castelo Branco, Portalegre, Porto, Vila Real, Coimbra, Lisboa, Santarém e Faro. O programa do acampamento integra uma série de provas destinadas a escolher o representante de Portugal nas manobras internacionais a realizar na Holanda.

O atirador da Rotunda do Relógio

Na Avenida Almirante Reis agentes da PSP capturaram António Simões, de 22 anos, acusado de no dia 14 de Novembro de 1983, na Rotunda do Relógio, ter atingido a tiros de caçadeira com os canos serrados, um indivíduo cuja identidade o auto de notícia não referencia. Em seu poder António Simões tinha uma pistola «PBA» de calibre 6,35, com carregador e duas munições, e ainda 50 gramas de haxixe.

Milhares de discos apreendidos

Cerca de vinte mil discos, avaliados em sete mil contos, foram apreendidos pela Guarda Fiscal numa discoteca de Lisboa. A mercadoria,que deverá ter entrado ilegalmente no País, estava a ser vendida a preços muito inferiores aos actualmente praticados no mercado, facto que alertou as autoridades.

Tiroteio na Mata Mourisca

Um grupo de indivíduos de raça cigana envolveu-se, ontem, num tiroteio com forças da GNR que haviam acorrido à localidade de Mata Mourisca para pôr cobro a uma desordem. No recontro ficaram feridos dois dos amotinados, que depois de receberem tratamento nohospital distrital de Pombal, foram entregues ao Tribunal de Instrução Criminal da Figueira da Foz. Um automóvel da Rodoviária Nacional estacionado no local ficou crivado de balas. A GNR apreendeu aos desordeiros uma pistola de 7,65 mm interdita a civis.

Domador atacado por leoa

O domador inglês Mike Baray, de 43 anos, do elenco do Circo Mexicano, foi ontem atacado por uma leoa que treinava, no Prior Velho, tendo ficado com a mão direita lacerada. O ataque da fera ocorreu quando o domador a obrigava a empoleirar-se num banco. A colecção de Mike Baray inclui três tigres, dois leões e a leoa «Yuma», de dois anos e meio, autora da agressão.

Um esclarecimento enviado à RTP

APU desmente Abecasis sobre "operação Hilton"

A APU já rebateu as declarações de Krus Abecasis à RTP relativas à construção do Hotel Hilton e prolongamento da Avenida da Liberdade. O esclarecimento foi feito em carta ao actual director da Informação diária da RTP, José Eduardo Moniz, tendo os seus subscritores manifestado disposição para comparecerem no Telejornal a fim de prestarem declarações.

O esclarecimento daquela coligação não mereceu, contudo e até agora, qualquer referência no Telejornal, programa em que Abecasis interviera, nem sequer resposta do responsável da RTP a quem foi dirigido. a prática, sai assim reforçado o lamento da APU de que Abecasis «tenha aparecido mais uma vez, na Televisão, sozinho, sem que possam aí ser rebatidas de imediato as suas afirmações».

Os vereadores da APU na CML defendem, na sua carta, que a construção do Hotel Hilton no alto do Parque Eduardo VII implicará uma concentração de equipamento do sector terciário naquela zona. Os problemas de congestionamento de tráfego são inevitáveis e conduzirão à abertura de novas vias — defende-se ainda.

O prolongamento da Avenida da Liberdade está por outro lado previsto no Plano Director de Lisboa, ao contrário do que foi dito por Krus Abecasis. O actual Plano Director data de 1977 e foi publicado em diploma legal por Eduardo Pereria, então ministro e actual vereador da CML, pelo Partido Socialista.

A operação Hilton, esclarecem ainda Silva Graça e Rui Godinho, da APU, estava preparada de há muito «e só o 25 de Abril conseguiu congelá-laoaté a AD obter a maioria absoluta na CML».

Mas, diz-se no esclarecimento enviado a José Eduardo Moniz e não publicitado, «já nesse tempo muitos técnicos urbanistas manifestavam as suas maiores reservas relativamente ao projecto global previsto para a área». E isso, explica-se, porque «ameaçava a médio prazo a sobrevivência do Parque Eduardo VII tal como hoje existe».

Os vereadores da APU salientam que logo a seguir à publicação do actial Plano Director, com o prolongamento da Avenida, previsto, defenderam a sua revisão e particularmente nesse ponto.

Mais razões contra o prolongamento

Outras razões existem, entretanto, que desaconselham o crescimento da Avenida da Liberdade através do Parque Eduardo VII. E citam-se: «congestionamento do já saturado Marquês de Pombal; agravamento do já difícil escoamento do tráfego que entra em Lisboa pela auto-estrada Estádio Nacional/Viaduto Duarte Pacheco.

Quanto à recuperação do projecto Hilton, adiado pelo 25 de Abril, entende a APU no documento que citamos, visar-se somente «a criação de mais uma situação de facto consumado o que levaria a médio prazo à inevitável solução» do prolongamento da Avenida da Liberdade».

«Nesta linha — acrescenta-se» é de notar que esta operação é aprovada em 3 de Janeiro de 1983, já depois de publicados oficialmente os resultados eleitorais de 12 de Dezembro de 1982, em que a AD perdeu folgadamente a maioria que até então detinha, mas antes da instalação da nova Câmara, a qual só foi empossada a 10 de Janeiro».

A ilegalidade, do ponto de vista da APU, está também presente em todo o processo, pela ausência de concurso público, apesar de se tratar de um projecto que envolve milhões de contos. Acresce a esta razão que as condições económico-financeiras previstas implicam «ganhos leoninos para a multinacional envolvida, a qual se serve inclusive de financiamentos de origem exclusivamente portugueses, que equivale na prática a exportar divisas».

A APU afirma, em contrapartida, que não está contra a construção do Palácio dos Congressos e mais hotéis na cidade de Lisboa. Em causa está a localização escolhida pela ameaça que representa para um dos poucos parques verdes existentes no centro da cidaide. Uma alternativa apontada no documento é a zona de Belém, «para a qual há de resto já estudos realizados»

Judiciária tem novo director-geral

"Cabe ao Ministério Público fiscalizar as funções da PJ"

—afirmou Meneres Pimentel

Meneres Pimentel defendeu ontem a subordinação e inserção da Polícia Judiciária ao Ministério da Justiça, embora sustente que a PJ é «perfeitamente autónoma». Não é a primeira vez que o ministro da Justiça o faz, por haver outros Ministérios que a cobiçam.

Ao empossar o novo director-geral da Polícia Judiciária, o ministro Meneres Pimentel sublinhou que seria «simplista e irresponsável, alem de perigoso para a manutenção do Estado de Direito, subtrair ao Ministério da Justiça, na sua ligação com o órgão de soberania que são os tribunais, a acção da Polícia Judiciária, primordialmente voltada para a investigação criminal».

O ministro referiu que ao Governo «cabe apenas proporcionar o funcionamento eficaz dos serviços e a intervenção legislativa para concretizar uma correcta política criminal» e que só por ignorância «se pode fazer responsabilizar directamente o ministro da Justiça pelo inêxito da investigação criminal». Aliás, acrescentou Meneres Pimentel, nos termos da lei orgânica publicada há quatro meses no «Diário da República», cabe ao Ministério Público, e não ao ministro da Justiça, a fiscalização do exercício das funções da PJ. «A Incorrecta interpretação do sistema constitucional da divisão de poderes já levou a formular exigências inqualificáveis ao ministro da Justiça», disse, ainda, sobre a questão o ministro Meneres Pimentel.

Referindo-se à Direcção Central de Combate ao Banditismo, cujo director (Dias Borges) também foi ontem empossado, o ministro da Justiça revelou que este departamento disporá em breve de um edifício autónomo. Além destes, também foi empossado como responsável da corporação, o tenente-coronel Galante de Carvalho como coordenador entre as diversas entidades policiais. Por seu turno, Carlos Picoto era chefe de gabinete do ministro da Justiça, Meneres Pimentel.

A criminalidade violenta tende a não aumentar no aspecto quantitativo e, a médio prazo, «virá necessariamente a diminuir», acrescentou Meneres Pimentel, que fez uma profissão de fé na «ressocialização dos reclusos», pois de ora em diante «será impossível voltar ao sistema dos estabelecimentos criminais constituírem, ou continuarem a constituir, escolas do crime».

O novo director-geral da Gomes Freire falou mpuco, mas disse que a actividade da corporação tende «a enquadrar-se no desenvolvimento geral penal, não se limitando à prática isolada de actos de instrução preparatória».

«Deste modo – disse Meneres Pimentel – a Polícia Judiciária comporta-se e actua como um serviço verdadeiramente auxiliar da Administração da Justiça, participando da função dos juízes a quem está cometida a tarefa de prosseguir a instrução criminal.»

Autarcas vão debater nas Caldas acção cultural

Os centros Culturais Regionais do Alto Minho (Viana do Castelo), Beira Interior (Covilhã), Santarém e Vila Real, e a casa da Cultura das Caldas da Rainha, vão promover a realização de umas Jornadas de Reflexão sobre «A acção cultural e as autarquias».

A iniciativa, que conta com a colaboração da Secretaria de Estado da Cultura, decorrerá entre 9 e 12 de Junho nas Caldas da Rainha, onde funciona o Secretariado organizador das Jornadas.

Segundo os responsáveis, o objectivo fundamental «é promover o encontro entre autarcas e agentes culturais, para em conjunto reflectirem sobre as vias de aprofundamento da acção cultural, como parte do desenvolvimento global das regiões».

Até ao momento, e depois de contactadas as 304 câmaras municipais do País, as adesões à iniciativa estão a processar-se em bom ritmo, encerrando no próximo dia 8 o prazo de inscrição das autarquias interessadas.

Autarca quer plano integrado da Beira Alta

O presidente da Câmara Municipal de Celorico da Beira, Faria de Almeida, disse ontem à ANOP ser necessário criar um plano de desenvolvimento integrado da Beira Alta.

Justificou a posição dizendo que se torna «urgente realizar o planeamento de acções de desenvolvimento por sectores, nomeadamente no domínio agrícola».

Ao salientar a importância deste plano que disse dever englobar todas as áreas económicas, considerou prioritária a esquematização da produção agrícola.

Salientou ainda que um plano integrado de desenvolvimento poderá pôr a Beira Alta e, neste caso o distrito da Guarda, em «pé de igualdade» com Trás-os-Montes e Algarve, sobretudo no domínio das taxas de juro a créditos municipais.

O crime da Almirante Reis

Assassino de antiquário ainda por identificar

Ao contrário do que chegou a constar, não se encontra detido, nem sequer identificado, o «homem novo e alto» apontado como presumível assassino do comerciante de antiguidades, António Barreiro, de 51 anos, morto a tiro, no passado dia 21, no seu estabelecimento na Avenida Almirante Reis, 120, 1.º Esq., em Lisboa. A informação foi prestada ao «DL» por um dos responsáveis da Polícia Judiciária pela investigação do caso.

Ao relatarmos as circunstâncias em que ocorreu o crime, publicámos, na nossa edição de 22, uma notícia sob o título «Comeriante morto em Lisboa era «receptador» de jóias», na qual com base em elementos recolhidos na área da investigação e dos círculos judiciais, apontávamos António Barreiros como «presumível receptador, já várias vezes considerado suspeito pelas autoridades policias, de ouro, prata, jóias e outros artigos roubados». Facto que, aliado à sua presença em Tribunal (Boa Hora por exemplo) na qualidade de testemunha de acuçao de réus implicados no furto de jóias poderia ter estado na origem da sua morte.

Contudo, tanto quanto sabemos, não existe qualquer acusação formal contra o malogrado comerciante por parte das autoridades competentes, pelo que a menção à actividade de «receptador» por nós feita, deverá ser entendida como mera supeita surgida no decurso do trabalho de investigação jornalística e não como acusação formal, que o «DL» não faz e rejeita.

comunicação social

Conclusão do CI/ANOP

Governo continua a querer extinguir a agência

O Conselho de Informação para a ANOP considerou que, a menos que sejam dadas explicações em contrário, o objectivo do Governo continua a ser o de extinguir a ANOP com o consequente despedimento dos seus trabalhadores.

O Conselho chegou a esta conclusão depois de analisar o teor do despacho que recebeu do secretário de Estado José Alfaia, o qual «em nada contribui para o esclarecimento da situação económico-financeira da ANOP», continuando a subsistir sérios receios de que a agência suspenda os pagamentos de salários e não cubra a próxima campanha eleitoral.

O Conselho afirma que aquela situação, devida à falta de dotação orçamental, constituiria grave risco de não cumprimento da Constituição em matéria de Comunicação Social.

O presidente do Conselho informou que o secretário de Estado José Alfaia foi convocado para uma reunião, em dia que poderia escolher, tendo enviado em resposta um despacho dizendo que não compareceria com dados sobre a situação financeira.

A proposta aprovada condena a ausência do secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro perante o Conselho de Informação. Essa proposta, aprovada com votos favoráveis do PS (proponente), PCP, ASDI e UEDS e a abstenção do PSD, CDS e PPM declara que a não serem prestados esclarecimentos em contrário, o objectivo do Governo continua a ser o de extinguir a ANOP, objectivo que o Governo viu inatingido através do veto do Presidente da República sobre o respectivo decreto de extinção.

O Conselho de Informação para a ANOP aprovou também uma proposta com votos favoráveis do PSD (proponente), CDS e PPM, no sentido de voltar a pedir ao secretário de Estado informações sobre a situação económica da ANOP e as verbas necessárias para a cobertura informativa das próximas eleições — revelou ainda o presidente do CI.

Acrescentou que a proposta exigia também a garantia dos postos de trabalho e do pagamento de salários. O CI volta a reunir-se a 7 de Abril para discutir as delegações regionais da ANOP.

Entretanto, em plenário, os trabalhadores da ANOP aprovaram uma moção exigindo do Governo o desbloqueamento imediato dos duodécimos devidos à empresa.

A moção indica que a agência não pode de todo garantir o pagamento dos salários do mês de Março que ora findou, dado que o Governo retém na Secretaria de Estado das Finanças os duodécimos referentes a Janeiro e Fevereiro.

«Impedido pelas leis e decisões dos órgãos de soberania de extinguir a ANOP, o Governo parece tentar agora aniquilá-la através da sua asfixia económica» — lê-se no documento.

Os trabalhadores da ANOP apelam para os órgãos de soberania e para as forças políticas e sociais para que ponham termo a «esta situação intolerável num País democrático, sob pena de se assistir passivamente a um atentado contra as leis que regem o País e os estatutos desta empresa pública».

RTP e Rádio anestesiam inovação criadora e desinformam o País

O Partido Socialista entende que a Televisão e a Rádio «desinformam o País» e necessitam de ser reconduzidas «à sua condição portuguesa e europeia» — afirmou à ANOP José Niza, dirigente do PS.

«Portugal tem tido nos últimos anos — especificou — uma Televisão e uma Rádio que, salvas raras e honrosas excepções, diariamente atentam contra o consenso cultural, sabotam a participação, anestesiam a inovação criadora e desinforma o País».

Se o PS vier a formar Governo, prosseguiu, «reconduziremos a Rádio e a Televisão à sua condição portuguesa e europeia, libertando-as o mais possível de colonizações culturais discutíveis e concorrenciais, sem prejuízo da defesa da qualidade universal e da máxima abertura a todas as relações e intercâmbios culturais».

José Niza, cabeça de lista por Santarém, foi director de programas da RTP, com Mário Soares como Primeiro-Ministro, e tem sido indicado por fontes socialistas com fortes hipóteses de vir a ocupar um cargo dirigente na concessionária de Televisão.

Falando sobre cultura à agência ANOP, o dirigente do PS sublinhou o «papel determinante» dos audiovisuais e prometeu nas empresas públicas de Televisão e Rádio «uma maior e mais digna participação dos protagonistas da cultura portuguesa, dos artistas portugueses».

No plano de iniciativas a tomar por um Gabinete PS, anunciou a melhoria das garantias jurídicas de protecção aos direitos de autor, um apoio reforçado à edição de obras de qualidade e de jovens autores, o incremento da actividade editorial e discográfica, o apoio aos conservatórios e academias, bem como o desenvolvimento do apoio à actividade amadora dos coros e bandas.

Também se referiu à definição de uma política de estímulo ao renascimento do teatro universitário, o lançamento do Centro Nacional de Circo, viabilização da indústria cinematográfica nacional e incremento das relações culturais «com todos os povos, especialmente os de língua portuguesa».

Reunião da UER em Lisboa

De 7 a 9 de Abril, decorre no Tivoli a 38.ª sessão ordinária da Comissão de Programas de Rádio da União Europeia de Radiodifusão (UER).

Participam nos trabalhos, além da RDP, como membro activo da organização, representantes de outras estações emissoras, nomeadamente da Alemanha, Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Mónaco, Noruega, Holanda, Reino Unido, Suécia, Suíça, Turquia, Jugoslávia, Egipto e Argélia.

No encontro serão tratados diversos problemas ligados ao mundo da TSF, designadamente a sua identidade, objectivos, audiências (público-ouvinte) e ainda relações com as estações de Rádio dos respectivos países.

"Angra" vai ser desmantelado na Praia Grande

A Capitania de Cascais, a firma proprietária e as entidades seguradoras parecem estar de acordo quanto ao futuro do «Angra», o cargueiro que domingo à tarde encalhou na Praia Grande, depois de andar algumas horas à deriva.

O «Angra» será desmantelado, devendo a operação ser brevemente iniciada. Aliás, confirma-se aquilo que o «Diário de Lisboa» noticiava na sua edição de terça-feira: nenhuma empresa rebocadora estava interessada em tentar retirar o «Angra» da areia, parecendo também difícil a reparação.

Um veio na hélice e, de súbito, a constatação de que havia um rombo, apressaram a decisão de desmantelar o cargueiro, de média tonelagem, que apesar de agora afecto à «Bonamaris», como afirmou ao «DL» o representante da firma, Fernando Lamego, ainda era do proprietário panamiano, a «Albiani Maritain Company». Trata-se, contudo, de um barco português, que na altura navegava com pavilhão panamiano e ultimamente estivera fretado à CTM.

Não é possível desencalhá-lo: o seu destino são os sucateiros

Face ao custo que envolveria a reparação do rombo e à impossibilidade de devolver o navio ao mar em condições, as partes interessadas parecem ter chegado a acordo para o seu desmantelamento no próprio local, com o aproveitamento de peças e equipamento diverso para a reparação de outros barcos, caso a ser negociado entre o armador e o sucateiro.

Os danos sofridos pelo «Angra» não consentem outra alternativa que não seja esta operação que, de resto, tem o acordo do armador panamiano (a companhia atrás referida), devendo o desmantelamento começar este fim-de-semana, depois de extraídos líquidos, em combustível, para evitar riscos de poluição.

Armador e sucateiro terão de assumir a responsabilidade indeclinável de remover os destroços do «Angra» até à época balnear, para além de preservar aquela faixa da costa da poluição.

FCB

SERVICE BUREAU
BLOCK TIME

- Vencimentos
- Contabilidade
- Facturação/Gestão de Stocks
- Gestão de Imobilizado
- Emissão de Quotas
- Mailing

TEXAS INSTRUMENTS - Mod. 8

- 320 KB de memória central
- 100 MB em disco
- 1 impressora de 150 cps
- 1 impressora de 600 LPM
- 1 impressora de textos
- Unidades de diskettes
- Terminais

IBM 4331

- 3 MB de memória central
- 3040 MB em disco
- 2 impressoras de 1200 LPM
- Unidades de banda magnética
- Unidades de diskettes
- Transmissão de dados
- Terminais

2 computadores compatíveis trabalhando em multiprogramação e TELEPROCESSAMENTO.
15 teclados para RECOLHA DE DADOS em diskette e banda magnética.
25 técnicos especializados (Sistemas, Análise e Programação).

DELTA-C SOMOS A SOLUÇÃO

DELTA-C CENTRO DE INFORMÁTICA GERAL, LDA.
Representante TEXAS INSTRUMENTS

Rua Garcia de Orta, 53 – 1200 LISBOA - Tel: 609743/664054/664056 - Telex 15802 CGAP

Afirma um porta-voz dos maquinistas

Requisição civil anunciada pelo Governo é "uma farsa"

• Greve na CP vai prosseguir até 5 de Abril

Um porta-voz sindical dos maquinistas, uma das organizações sindicais que integram a chamada Frente Independente e Democrática de Sindicatos da CP, afirmou esta manhã ao «DL» que a requisição civil anunciada pelo ministro dos Transportes não passa de uma «farsa», uma vez que não obedeceu aos requisitos legais, que consistem na sua imposição por diploma governamental.

A mesma fonte declarou que os trabalhadores abrangidos por esta forma de luta «estão unidos e dispostos a ir até últimas consequências», o que significa que a greve em curso na CP prosseguirá até ao meio-dia do 5 de Abril, como inicialmente estava previsto.

A USL/CGTP-IN, que não deixou de condenar a requisição civil deliberada pelo Governo, em comunicado hoje divulgado, critica esta greve «que não pode deixar de se voltar contra os trabalhadores», acrescentando que «esta é de facto, uma greve contra a greve».

O documento sublinha que esta forma de luta nada tem a ver com os sindicatos da CGTP-IN e que o Movimento Sindical Unitário considera a sua convocação «despropositada e desproporcionada».

Entretanto os comboios continuam parados, tendo-se hoje realizado apenas uma ligação Porto-Lisboa, cuja chegada «à capital está prevista para as 16 horas.

Hoje não haverá ligação de Lisboa para o Porto.

As relações públicas da CP anunciaram que o comboio Sud-Expresso, proveniente de Paris chegou às três horas à fronteira, tendo os passageiros sido transportados em autocarros para o seu destino.

O porta-voz da empresa acrescentou que não se registaram incidentes, embora tenha havido reclamações da parte de passageiros.

Sublinhou que por altura da Páscoa não se fazem há vários anos comboios especiais para emigrantes, mas apenas se aumenta o número de carruagens do Sud-Express.

A empresa anunciou a realização de transportes rodoviários alternativos das 6 e 30 às 10 horas e das 17 às 21.30 nas ligações suburbanas de Lisboa e Porto, embora com um número de autocarros inferior ao utilizado durante outras greves.

No dia feriado e no fim-de-semana, o esquema de alternativos mantém-se com o mesmo horário, embora com um número de autocarros ainda mais reduzido — adiantou.

O porta-voz da empresa referiu que se mantém na zona sul as ligações ferroviárias asseguradas ontem, estando paralisado o tráfego ferroviário no litoral algarvio.

300 mil contos

Numa conferência de Imprensa realizada ontem o Conselho de Gerência da CP afirmou que a greve se traduz num «prejuízo enorme» estimável entre os 250 mil e os 300 mil contos, dado abranger a ponte da Páscoa em que se calcula em 650 mil o número diário de passageiros.

A requisição civil determinada na terça-feira pelo Governo é a quarta a abranger a CP — adiantou o presidente da administração da empresa.

Acrescentou que em consequência da primeira, decidida em Outubro de 1980, foram despedidos 40 maquinistas que não a acataram, mas os despedimentos foram suspensos por um ano ficando depois sem efeito.

As requisições seguintes na empresa ocorreram em Junho de 1981 e Março de 1982.

Quanto aos prejuízos decorrentes da presente greve, o porta-voz dos maquinistas afirmou-nos que a satisfação das reivindicações dos trabalhadores implicaria o dispêndio de uma verba muito inferior aos 300 mil contos referidos pelo CG.

Iniciada às 12 horas de ontem, a greve da CP, segundo um dirigente sindical, regista uma adesão total entre os associados dos sindicatos que integram a Frente. A mesma fonte referiu que os comboios que circulam na zona sul são conduzidos por trabalhadores não filiados no Sindicato dos Maquinistas.

O que está em causa

A Frente do Sindicato Independentes da CP apresentou na segunda-feira ao Primeiro-Ministro, ministros responsáveis e conselho de gerência uma proposta de 17 por cento de aumento da massa salarial global, tendo-se a empresa mantido na sua contraproposta de 14,33 por cento, de acordo com a informação sindical.

«Só um Governo que aposta no confronto com os trabalhadores — disse — pode tomar estas posições quando os sindicatos pedem o que o próprio Governo estabeleceu como meta de aumento salarial».

Hotelaria do Norte e Centro vai paralisar na terça-feira

Os trabalhadores de hotelaria, turismo, restaurantes e similares do Norte e Centro vão paralisar na próxima terça-feira, 5 de Abril, durante três horas, para protestar contra o impasse negocial do contrato colectivo de trabalho — anunciou o sindicato do sector.

Durante a paralisação (das 15 às 18 horas), realiza-se uma concentração de protesto junto à sede da União das Associações da Indústria Hoteleira e Similares do Porto.

Durante a conferência de Imprensa em que foram anunciadas estas medidas, os dirigentes sindicais acusaram as entidades patronais, de «evidente falta de vontade negocial».

Após cinco sessões de negociações e mantendo o condicionalismo da entrada em vigor das novas tabelas salariais, a publicação dos preços de cafetaria actualizados, as entidades patronais que pouco progrediram na proposta inicial (de 13 por cento passaram para 16,3 por cento, contra os 28 por cento pedidos) resolveram não comparecer às negociações — disseram os sindicalistas.

O sector da indústria hoteleira do Norte e Centro abrange cerca de 20 mil trabalhadores nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Porto, Vila Real, Brangança, Aveiro, Coimbra, Leiria, Guarda e Castelo Branco.

O encerramento do hotel de St.ª Luzia

Segundo afirmaram os dirigentes sindicais do Norte, o encerramento do hotel de Santa Luzia, Viana do Castelo, «tem aspectos menos claros, com manobras obscuras e interesses envolvidos no processo».

Os sindicalistas acusaram o presidente da Comissão Regional de Turismo do Alto Minho, o secretário de Estado do Turismo, Nandim de Carvalho, o conselho de gerência da Enatur e o administrador da Sopete, Arriscado Martins «de contactos havidos no mais puro dos segredos visando algo de menos transparente».

«A Sopete, concessionária definitiva da zona de jogo da Póvoa de Varzim, tem de construir dois hotéis com capacidade total de 180 quartos e procura, com a aquisição já efectuada do hotel de Ofir e com a tentativa de compra do de Santa Luzia furtar-se a um investimento de mais de 350 milhões de escudos», afirmaram.

Os dirigentes sindicais acrescentaram saber que «o presidente da Comissão Regional de Turismo do Alto Minho, por informações do próprio, juntamente com o administrador da Sopete se têm encontrado com Nandim de Carvalho na tentativa de alterar o decreto regulamentar desobrigando a Sopete da construção das duas unidades hoteleiras».

«Tais manobras visam, por um lado, desmembrar e liquidar uma empresa pública (Enatur) e por outro evitar um dispêndio das quantias necessárias, e certamente avultadas para a construção de dois hotéis (um de três e outro de quatro estrelas), pouco importando que o número de camas existente no Norte do País seja ou não aumentado», frisaram.

Integrado em 1979 na Enatur, o hotel de Santa Luzia permanece encerrado há 17 meses, altura em que «por motivo de obras inadiáveis» os trabalhadores ao seu serviço foram «temporariamente transferidos para a Pousada Dom Dinis, em Vila Nova de Cerveira, pelo prazo máximo de seis meses».

Mas essas obras nunca se iniciaram e o hotel encontra-se ao abandono.

Os trabalhadores do hotel de Santa Luzia, agora colocados na Pousada Dom Dinis consideram que a sua situação «é ilegal face ao ACT» e, segundo os dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Hoteleira do Norte «mostram-se, certos da sua razão, dispostos a encetar uma luta pela reposição da legalidade e contra o desmembramento da empresa».

Salários em atraso na ENI conduzem à greve

Os trabalhadores da Electricidade Naval e Industrial, ENI, decidiram entrar em greve de três horas e meia diárias, por tempo indeterminado, a partir do dia 4 de Abril.

O motivo invocado pelos trabalhadores para a adopção desta forma de luta é «um grande atraso» no pagamento dos salários, atraso esse que remonta a Setembro de 1982.

Esta greve, segundo um comunicado dos trabalhadores, «irá afectar significativos sectores da vida portuguesa, visto a ENI estar fortemente inserida na indústria naval (Lisnave, Setenave, Parry) e outros sectores industriais, nomeadamente a C.N. de Petroquímica de Sines.

Calandra do Bonfim

Cerca de 140 trabalhadores da empresa têxtil «Calandra do Bonfim» ainda não receberam metade do subsídio de férias do ano passado, o 13.º mês e os salários referentes a Fevereiro último. Em comunicado distribuído aos órgãos de Comunicação Social, o Sindicato dos Têxteis afirma que «os patrões da Calandra do Bonfim têm um grande valor nos terrenos e nos edifícios. Só não pagam aos trabalhadores porque o que lhes interessa é encerrar a empresa e mandar os trabalhadores para o desemprego». O sindicato refere ainda, que recentemente a empresa recebeu 19 mil contos da Secretaria de Estado do Emprego, tendo-se comprometido a pagar pontualmente os salários, o que não está a cumprir». Por último, aquele órgão de classe apela à solidariedade da população para com os trabalhadores em luta.

Sector das bolachas

A greve dos trabalhadores das empresas produtoras de bolachas e chocolates do Sul, que estava prevista para ontem, foi desconvocada por terem surgido perspectivas de acordo com a associação patronal — disse um dirigente sindical.

O porta-voz do Sindicato dos Hidratos de Carbono do Sul referiu que os cerca de 1500 trabalhadores do sector, distribuídos por nove empresas, exigem a satisfação das suas reivindicações salariais e diuturnidades de seis por cento.

Anteriormente os trabalhadores das fábricas de bolachas e chocolates do Sul efectuaram uma greve de 24 horas em 17 de Março.

O que o grande capital quer é prolongar a crise para aumentar os seus fabulosos lucros

— considera a CGTP/IN

A CGTP/In considera que a Confederação da Indústria Portuguesa (CIP) «mostrou à evidência que **quem inviabiliza a resolução dos problemas nacionais não são os trabalhadores, mas sim aqueles que continuam a sonhar com o regresso ao passado,** insistindo em práticas que já demonstraram estar completamente desajustadas das realidades criadas com o 25 de Abril».

Em comunicado ontem divulgado, a central sindical afirma que a CIP, «através do encontro dos industriais portugueses, lançou um apelo frontal à subversão do regime democrático» e que o patronato, mais uma vez, mostrou-se «incapaz de apresentar qualquer contribuição válida para se resolverem os graves problemas do País».

«O grande patronato, inteiramente comprometido com a política posta em prática pelos governos da AD que conduziu o País à beira da catástrofe e ao encerramento de muitas pequenas e médias empresas, procura agora esconder as suas responsabilidades para tentar canalizar contra o regime democrático o descontentamento provocado por essa situação» – salienta a CGTP.

Depois de sublinhar que a política da CIP «vai no sentido de fazer subir os preços, agravar a inflação,aumentar o desemprego, fazer falir mais empresas e aumentar ainda mais os fabulosos lucros dos grandes capitalistas», a central sindical acentua que os propósitos daquela organização do patronato não visam uma «alternativa para sair da crise» mas sim **«a política do prolongamento da crise».**

A CGTP/In considera igualmente preocupantes « e completamente injustificdas» as recentes declarações de Mário Soares, segundo as quais a central sindical «está a estender um pouco a corda» e de que esta «não aceita uma política de estabilização social e quer empurrar os trabalhadores para um beco sem saída».

A central sindical, que mais uma vez manifesta o seu empenhamento «para que sejam encontrados os caminhos que permitem resolver a crise, afirma que as propostas e reivindicações aprovadas no seu 4.º Congresso «constituem uma contribuição séria e realista para resolver os graves problemas nacionais».

Ainda em relação ao centro da CIP, a CGTP diz ser por de mais evidente que «os representantes do capital optam, mais uma vez, pela tentativa de criação de uma situação de instabilidade social, através dos ataques aos direitos dos trabalhadores e às grandes conquistas do 25 de Abril,procurando inviabilizar qualquer solução para os problemas nacionais».

Despejo da "Superius" provocado pelo patrão

– Consumou-se na passada segunda-feira o despejo da fábrica de calçado «Superius», em S. Mamede de Infesta, Matosinhos, onde trabalhavam vinte pessoas que há meses não recebiam salários. O despejo, em que intervieram elementos da GNR e funcionários do tribunal daquela comarca, foi provocado pelo facto de o patrão ter deixado de pagar a renda das instalações ao senhorio. Esta atitude do patrão, disse-nos um trabalhador e dirigente sindical, não foi mais do que o consumar do seu desinteresse e alheamento total da vida da empresa, embora esta tivesse viabilidade económica e os trabalhadores a tivessem mantido a funcionar durante muito tempo, sem pagamentos e sem patrão.

Os vinte trabalhadores despedidos estão agora a tentar encontrar emprego noutros locais, nomeadamente numa fábrica de calçado de Campanhã.

Pescadores exigem socorro imediato a náufragos

PORTO, 31 (Da nossa delegação) — «No recente naufrágio do «Narjis II» no qual perderam a vida dois pescadores, um dos quais de Matosinhos, e de que resultou um ferido em perigo de vida, também de Matosinhos, como se pode compreender, que tão perto da base aérea de S. Jacinto, tenha sido do Montijo que veio o helicóptero salva-vidas?».

Esta pergunta é feita pela USP/CGTP e pelo Sindicato dos Pescadores de Matosinhos, em comunicado ontem difundido e no qual se acrescenta que o perigo na vida dos pescadores «é agravado pela negligência nas condições de segurança e socorro, pela burocracia que faz emperrar a resposta que tinha de ser forçosamente rápida às necessidades de um naufrágio». Aquelas estruturas sindicais exigem também das respectivas autoridades uma tomada de medidas para obviar a esta situação.

Secretário de Estado das Pescas em conferência de Imprensa

Sem cedência espanhola não haverá acordo

O secretário de Estado das Pescas disse ontem em Lisboa, que «Portugal só assinará um protocolo de pescas com a Espanha que salvaguarde alguns princípios que o Governo considera irrenunciáveis».

Faria dos Santos, que falva numa conferência de Imprensa em que foi feito o balanço de um ano de actividade da actual equipa da Secretaria de Estado das Pescas, acrescentou que «não será assinado um protocolo com a Espanha em que somente sejam discriminadas as licenças de pesca a conceder mutuamente, bem como os limites geográficos da captura».

Os quatro princípios fundamentais que terão de ser salvaguardados no eventual plano de pescas com a Espanha são os seguintes, segundo o secretário de Estado:

O mar territorial (12 milhas) é património exclusivo de cada país e destina-se unicamente às frotas nacionais, com excepção para os acordos fronteiriços.

Os esforços de pesca das frotas de cada um dos dois países nas Zonas Económicas Exclusivas (ZEE) do outro deverão ser equilibrados. — Nenhum país deve invocar privilégios especiais face à Comunidade Económica Europeia pelo facto de ter quotas de pesca em águas pertencentes a outros países.

— O lagostim é uma espécie sedentária que pertence exclusivamente ao país que detêm os pesqueiros em que estes se encontram, razão pela qual não pode ser negociado em termos de quotas de pesca.

O problema da captura do lagostim no Algarve tem sido um dos mais difíceis de ultrapassar nas negociações pesqueiras com a Espanha, que, ao abrigo do anterior acordo, utilizava cerca de 23 licenças, das 36 que Portugal tinha concedido aos pescadores espanhóis.

Faria dos Santos afirmou que Portugal propôs a concessão à Espanha de oito licenças de pesca de lagostim, mas a Espanha pediu 18, oferecendo como contrapartida, alterar a lei que regulamentava a entrada no mercado espanhol da amêijoa algarvia.

O secretário de Estado salientou que o relacionamento pesqueiro tradicional com a Espanha tem de ser «renegociado, pois está ultrapassado», não só pela evolução do direito do mar, como pelas alterações no direito pesqueiro do Mercado Comum».

«Neste momento aguardamos a resposta espanhola à última contraproposta portuguesa» — disse Faria dos Santos, acrescentando que se procura encontrar com o país vizinho» um novo protocolo de pescas com a duração de um ano ou então, um plano de pescas transitório até às próximas eleições em Portugal».

Salientou ainda que para a Espanha «é de toda a conveniência encontrar um acordo de pescas com Portugal, pois a CEE e Marrocos diminuíram recentemente o esforço de pesca espanhol nas suas águas».

Afastadas hipóteses de acordo?

Recentes declarações de diversos governantes espanhóis no sentido da imutabilidade das posições de Madrid mesmo em caso de vitória do PS nas próximas eleições portuguesas, apontam todavia para o prolongamento por tempo indeterminado do actual impasse.

Segundo algumas fontes bem informadas, os respnsáveis portugueses pelo sectòr das pescas (apesar de a isso não se ter referido Faria dos Santos) estão actualmente a encarar (muito seriamente) a desistência de qualquer tentativa de acordo com os espanhóis, dada a intransigência de ambas as partes, em relação aos pontos fortes do contencioso pesqueiro. Afirmações de dirigentes do PS português confirmam igualmente que as posições portuguesas não deverão ser alteradas, nesta matéria, com a eventual chegada dos socialistas ao poder no próximo dia 25 de Abril.

Refira-se ainda, e de algum modo em reforço do que acabamos de escrever, que a Secretaria de Estado das Pescas já está a apoiar a reconversão total de dois dos maiores barcos de Vila Real de Santo António, que se dedicavam até Dezembro passado à faina em águas espanholas. Segundo o «DL» apurou foram já concedidos cerca de 6 mil contos em subsídios não reembolsáveis à revonversão de duas importantes unidades pesqueiras, cuja adaptação à pesca de crustáceos importou em quase 14 mil contos.

O grande problema reside porém no facto de a grande maioria da frota de Vila Real não possuir meios nem apoios daquele tipo para poder reconverter-se e prescindir totalmente das águas espanholas.

Sector produz 14 milhões de contos/ano

Feira de Mobiliário de 7 a 11 de Abril só para profissionais

Uma exposição de mobiliário de fabrico português, aberta exclusivamente aos profissionais do sector e dirigida à exportação, vai realizar-se de 7 a 11 de Abril no Porto – anunciou ontem a Associação Industrial Portuense, organizadora do certame.

A Expomóvel/83 Sexto Salão do Mobiliário, realiza-se no Pavilhão do Palácio de Cristal do Porto e no pavilhão anexo, ocupando uma área de cerca de quatro mil metros quadrados.

Estarão representadas 43 empresas do sector, expondo mobiliário para usos domésticos, profissionais, de escritório, de edifícios públicos, restaurantes, hotéis e outros fins.

Um dirigente da AIP, Manuel Fragata, afirmou em conferência de Imprensa que «foram enviados 1800 convites a potenciais compradores estrangeiros e três mil convites a profissionais nacionais».

Os organizadores prevêem, entretanto, que a Expomóvel/83 seja visitada por cerca de dez mil compradores e profissionais do sector.

Manuel Fragata sublinhou «a tónica de profissionalismo desta Feira, tendo em vista que a exposição do próximo ano será essencialmente voltada para a exportação de mobiliário português».

Em Portugal, existem 1741 empresas fabricantes de mobílias, a maioria das quais de pequenas dimensões de tipo familiar e laborando em regime de artesanato.

O sector de mobiliário produziu em 1982 o equivalente a cerca de 14 milhões de contos, valor que não corresponde a mais de 600 contos em produção «per capita» por trabalhador e por ano.

As exportações portuguesas têm modesta expressão – foi também afirmado na conferência de Imprensa.

A AIP revelou que em 1980 se exportaram 600 mil contos de mobiliário português e em 1981 o volume total de exportação rondou os 700 mil contos, o que representa aproximadamente 5 por cento do volume global de mobiliário produzido.

A situação financeira do sector agravou-se durante o ano de 1982, sendo considerada má em 78 por cento dos casos – revela um estudo da AIP tornado público ontem, também.

Esta situação – acrescenta o mesmo estudo – resulta sobretudo das condições de obtenção de crédito e do alargamento dos prazos de recebimento e dos incobráveis.

Como maior dificuldade conjectural é referida a «deficiente procura interna» que, conjuntamente com a debilidade da situação financeira, face às condições de obtenção de crédito e com o agravamento dos custos de produção, «constituem as principais causas impeditivas da recuperação desta indústria».

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

2.ª Publicação

10.º Juízo-2.ª Secção

O DOUTOR JOSÉ MANUEL FIGUEIREDO CARMONA DE PAIVA CARVALHO, JUIZ DO 10.º JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA, manda anunciar que pela 2.ª Secção do 10.º Juízo do Tribunal de Trabalho de Lisboa, correm seus termos uma acção emergente do contrato individual de trabalho, com processo sumário, registado sob o n.º 216/77, em que é Autora MARIA DA ASSUNÇÃO OLIVEIRA FERREIRA CARDOSO, casada, porteira, residente no Bairro da Assunção — Zona A — Largo João Martinho de Freitas — Lote 25-c/v-Dt.ª em Cascais, os Réus MANUEL MARQUES CARVALHO PERICO E OUTROS, este com última residência conhecida, sita na Rua Romano Esteves n.º 89-1.º 2750 CASCAIS, e na qual é este Réu citado para contestar, querendo, a referida acção, apresentando a sua defesa no prazo de OITO DIAS, que começam a correr, depois de finda a dilação de 180 dias, contados a partir da data da segunda e última publicação deste anúncio, sob pena de não o fazendo ser condenado imediatamente no pedido pela Autora na sua petição inicial, cujo duplicado se encontra à ordem do citando neste Juízo e Secção.

Lisboa, 8 de Março de 1983.

O JUIZ DE DIREITO

a) Jose Manuel Figueiredo Carmona de Paiva Carvalho

O ESCRIVÃO ADJUNTO

a) Carlos Manuel de Almeida Neves

ENTRE A VIDA E A MORTE
O SANGUE PODE DECIDIR

SINDICATO DOS MÚSICOS

ANULAÇÃO

Por deliberação da Mesa da Assembleia Geral, e a solicitação da Direcção, atendendo aos motivos apresentados, ficam sem efeito as Assembleias Gerais do Sindicato dos Músicos, convocadas para o dia 2 de Abril de 1983.

Lisboa, 30 de Março de 1983

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto no Art.º 30.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral deste Sindicato, para reunir em sessão ordinária na Sede do Sindicato, sita na Av. D. Carlos I, 72-D 2.º, em Lisboa, no próximo dia 16 de Abril de 1983, às 10h00 com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único — Apreciar e deliberar sobre o relatório e contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal relativos ao ano de 1982

Não havendo número legal de sócios, a mesma Assembleia Geral funcionará uma hora mais tarde com qualquer número, nos termos do Art.º 33 dos Estatutos.

Lisboa, 30 de Março de 1983

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

SEDE — AV. D. CARLOS I, 7-2.º — 1200 LISBOA — TELEF. 66 65 51
Deleg. Norte — RUA DUQUE DE LOULÉ, 98-2.º Dt.º 4000 PORTO — TELEF. 2 17 12
Deleg. Funchal — RUA 5 DE OUTUBRO 110-A — 9000 FUNCHAL

BPA 1919

NOVAS TAXAS DE JUROS
PARA DEPÓSITOS

Depósitos com Pré-Aviso

De 30 a 90 dias	15,5%

Depósitos a Prazo

De 30 a 90 dias	15,5%
De 91 a 180 dias	19,5%
De 181 dias a 1 ano	26%
De 1 ano e 1 dia a 2 anos(*)	28%

(*) Só para emigrantes

Para todas as informações consulte o

BPA

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Aperta-se o cerco à Nicarágua

Inimigos da Revolução concentram-se na Costa Rica

Seiscentos e cinquenta contra-revolucionários chegaram, ilegalmente, à Costa Rica, nas últimas duas semanas. Segundo o jornal «New York Times», vão juntar-se a outros 600 que se encontram em campos secretos situados junto à fronteira com a Nicarágua, campos donde têm já partido «raids» contra este país.

A Costa Rica é o lugar habitual de residência do renegado Eden Pastora, o líder dos «dissidentes» sandinistas que tem jurado libertar o povo nicaraguaio do «totalitarismo», para o que conta com o prestimoso auxílio dos Estados Unidos.

Pastora e os seus seguidores tornam-se, assim, preciosos aliados dos ex-guardas somozistas que atacam a Nicarágua a partir das Honduras. Recorda-se que a Administração norte-americana não deu ainda resposta cabal ao artigo da «Time» no qual se afirma que as operações contra a Nicarágua estão a ser «superiormente» coordenadas na capital hondurenha pelo embaixador dos EUA em Tegucigalpa, Negroponte, um veterano do Vietname.

Suazo solidário com o povo nicaraguaio

O presidente boliviano Herman Siles Suazo admitiu ontem, em Paris, ser «possível» uma «intervenção estrangeira na Nicarágua».

«Tudo é possível nas relações internacionais, quando há interesses conflituosos e quando ainda perdura a dominação capitalista sobre países em vias de desenvolvimento» – precisou Siles Suazo, em entrevista concedida à agência EFE na capital francesa.

Suazo, que concluía uma visita oficial de dois dias a Paris, manifestou também a «solidariedade total e absoluta do povo boliviano para com o povo nicaraguaio, no momento actual e em qualquer eventualidade».

Argentina: manifestações decorreram sem incidentes

Apesar da chuva, mais de dez mil pessoas manifastaram-se, ordeira e calmamente, ontem, em Buenos Aires, acorrendo ao apelo da CGT-RA para comemorar os incidentes de há um ano, que causaram um morto e dezenas de feridos.

A manifestação, que retomou o mesmo tema de há um ano, «Pão, paz e trabalho», foi vigiada por importante serviço de ordem, que se esforçou por permanecer discreto, e decorreu quarenta e oito horas apenas depois duma greve geral que paralisou a Argentina, na segunda-feira passada para protestar contra a política económica e social do Governo.

Os manifestantes, que desistiram de ir até ao palácio presidencial, na Praça de Maio, cujas imediações estavam bloqueadas, concentrara-se diante do Monumento a Trabalho, a menos de um quilómetro do palácio, depois de terem percorrido cerca de 2 quilómetros nas ruas do centro da capital argentina. Dispersaram sem incidentes, a apelo do secretário-geral da CGT, Saul Ubaldini, tendo queimado, antes, uma bandeira britânica e outra dos Estados Unidos.

As cerimónias comemorativas do primeiro aniversário do desembarque das tropas argentinas nas Malvinas, foram adiadas, entretanto, para segunda-feira, pois o dia 2 de Abril concide, este ano, com o Sábado Santo.

«Actas Institucionais» vão ser levantadas?

A Junta Militar anunciou hoje que prepara um conjunto de documentos relativos à luta contra a subversão e ao levantamento de sanções a determinadas personalidades afectadas pelas «Actas Institucionais».

Após a queda do regime presidido por Maria Estela Martinez Perón, foi aprovada uma «Acta Constitucional» que determina que várias personalidades vinculadas ao peronismo fiquem sem direitos políticos. Entre elas, a viúva de Perón e o dirigente sindicalista Lorenzo Miguel. Observadores pensam que lhes serão, agora, levantadas as interdições.

Domingo de Páscoa
INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA

CAVALEIROS
EMÍDIO PINTO
JOÃO TELLES

ESPADAS
RICARDO CHIBANGA
MORENITO DE MARACAY

FORCADOS
DO APOSENTO DA MOITA

TOIROS
DE ANTÓNIO CHARRUA

Grupo A - maiores 6 anos
CAMPO PEQUENO
3 de Abril às 16.30 h

Contra as acusações dos bispos

Harare diz que não há terror na Matabelelândia

O governo do Zimbabwe recusou hoje um documento dos bispos católicos do país, no qual as Forças Armadas são acusadas de atrocidades contra a população de Matabelelândia.

No documento, a conferência episcopal, reunida terça-feira passada sob a presidência do arcebispo de Harare, Patrick Chakaipa, denunciou o «reino de terror» criado naquela província pelas operações militares contra os rebeldes.

Na sua resposta, que apareceu ontem na primeira página do diário «The Herard», o ministro da Informação, Nathan Shamuyarira, considera o comunicado dos bispos «irresponsável, enganoso e propagandístico» e acusa os seus autores de repetirem «as invenções da Imprensa estrangeira hostil».

Para o ministro zimbabweano, as agressões, as matanças e os saques cometidos em Matabelelândia foram precisamente obra dos «dissidentes» que as Forças Armadas tencionam erradicar.

As unidades do Exército – continua Shamuyarira – foram enviadas para Matabelelândia a fim de restabelecer a lei e a ordem e acabar com a vaga de violência que, desde há um ano, desencadearam nessa província os elementos da antiga guerrilha de Joshua Nkomo, disfarçados muitas vezes de membros do Exército regular.

Nkomo adia regresso

Joshua Nkomo, líder da ZAPU (União Popular Africana do Zimbabwe) declarou ontem em Londres que decidiu adiar a data do seu regresso ao Zimbabwe, devido à rejeição, pelo governo de Harare, da declaração dos bispos católicos sobre os massacres de Matabelelândia.

Durante uma conferência de Imprensa, Nkomo, refugiado em Londres desde 13 de Março último, indicou que intenção de regressar ao Zimbabwe em 6 de Abril próximo. Porém, acrescentou, a publicação das conclusões dos bispos sobre os actos do Exército em Matabelelândia e a sua rejeição pelo governo deram «uma nova dimensão» a esse caso. Assim declarou Nkomo, «decidi adiar a minha ida».

Cheysson recusa-se a ir à Namíbia

O Quai D'Orsay anunciou que Claude Cheysson, ministro francês das Relações Exteriores, não irá à Namíbia receber o prémio que lhe foi atribuído pela fundação namibiana Luderitzbucht pela sua «Compreensão Internacional da África».

O Ministério precisou que Cheysson não faria essa deslocação, nomeadamente porque a França concorda com as resoluções da ONU que estipulam que a Namíbia é um país ocupado ilegalmente pela África do Sul.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

Uma falsa "opção intermed

Instalação de "euromíss a menos que a URSS desm

A tão esperada «opção intermediária» de Ronald Reagan anunciada grande exptectativa e de muitas declarações contraditórias, revela-se afi logro. Reagan não propõe nada de novo. Embora não haja de mor indicações sobre isso, tudo parece indicar que esta «opção intermediá compromisso coxo entre duas tendências da administração Reagan: uma proposta seria, em Genebra, que possa realmente levar a progressos sobre os «euromísseis», e a outra, que defende intransigentemente a colocar os novos mísseis como condição indispensável para que os sovi

De qualquer modo, como esse tipo de compromissos é impossível, o que resultou foi a pura e simples reafirmação da «opção zero», rejeitada sem quaisquer equívocos pelos soviéticos. Esta opção zero, reafirmada, nada diz de novo: apenas prevê reduções numéricas dos mísseis a instalar.

Mas, na medida em que coloca imediatamente a questão da necessidade de colocar os novos mísseis e se propõe desde logo manter o programa de implantação, insistindo em que este programa só não começará a ser cumprido se os soviéticos desmantelaram os seus SS-20, esta «opção intermediária» de Reagan coloca o problema precisamente no ponto de onde se partiu.

A proposta apresentada, segundo a síntese elaborada pela ANOP, é a seguinte: os EUA colocarão somente uma parte dos 572 Pershing-II e de Cruzeiro, se a URSS aceitar reduzir a «níveis iguais e numa base global» as 1300 ogivas nucleares já instaladas em mísseis de alcance médio. Por **base global** são entendidos não só os mísseis soviéticos, apontados para a Europa, mas também os que apontam para a China (curiosa circunstância!) e para o Japão.

Continuando a referir a síntese da ANOP, temos que Reagan não falou de redução de mísseis, mas sim de redução de ogivas nucleares. A este propósito, Reagan – que não indicou quaisquer números – afirmou que se devem ter em conta as ogivas de cada míssil e que a redução desse número deve ser objecto de negociações. Quer isto dizer que os dois países se comprometeriam a ficar com o mesmo número de ogivas nucleares em mísseis de médio alcance, isto é, os soviéticos reduziriam as suas ogivas até ao nível das ogivas colocadas pela NATO.

Esta proposta tem também exclusivamente em conta os mísseis soviéticos já existentes e os americanos que estão no papel, não abrangendo os 162 mísseis franceses e britânicos. No entanto e a fazermos fé na ANOP, terá havido aqui uma pequena mudança, pois fontes da Casa Branca disseram que esses mísseis devem ser considerados eventualmente noutras negociações.

Segundo a ANOP, citando as mesmas fontes da Casa Branca, só 18 dos 162 mísseis franceses e britânicos estão em terra, pois os restantes são transportados em submarinos. Não percebemos se isto significa que apenas os 18 **em terra** poderão vir a ser objecto de negociações.

Interessante é a afirmação das referidas fontes da Casa Branca, segundo as quais os restantes mísseis franceses e britânicos, transportados em submarinos, mais os norte-americanos também transportados em submarinos, constituem um conjunto inferior aos mísseis soviéticos transportados em submarinos...

A justificação para a necessidade imperiosa de começar a concretizar o programa de implantação dos mísseis é a de que «só isto poderá constituir um sério incentivo para que Moscovo se decida a negociar». E assim, em finais deste ano, seja qual for o acolhimento da proposta de ontem de Reagan, feito pelos soviéticos, a NATO começará a implantar os mísseis na RFA, Grã-Bretanha, Itália, Bélgica e Holanda.

Antes de proferir o seu discurso, Reagan recebeu todos os embaixadores dos países da NATO, incluindo o de Espanha. Segundo disse, a proposta é hoje apresentada aos soviéticos em Genebra por Paul Nitze.

Reacções soviéticas

Algumas agências referem que os soviéticos já rejeitaram esta proposta de Reagan. O facto não será exactamente assim, uma vez que só hoje a proposta é formalmente entregue em Genebra.

A verdade é que a resposta será, sem margem para dúvidas, negativa, como aliás vem sendo dito há muito tempo pela URSS. Moscovo dispõe-se a discutir quaisquer propostas, excepto se estas reafirmarem a «opção zero», a qual, na opinião soviética, visa a quebra da paridade militar e estratégica actualmente existente na Europa.

Ontem, em Moscovo, enquanto Reagan apresentava as suas propostas, os dirigentes soviéticos, reunidos numa sessão solene comemorativa do centenário da morte de Karl Marx, reafirmaram através de Boris Ponomareve, que a URSS nunca aceitará qualquer outra variante da «opção zero», e denunciaram «o desejo de Washington de destruir a paridade militar e estratégica e de alcançar a superioridade militar em relação à URSS para a privar dos meios de ripostar em caso de agressão nuclear».

Um aspecto que interessa desde já referir porque dará, sem dúvida origem a especulações, é a posição do presidente Ceausescu, da Roménia. Segundo a AFP, o dirigente romeno pronunciou-se a favor de uma «solução intermédia». Mas esta solução de Ceausesco nada tem a ver com a de Reagan. Na verdade, o que ele disse foi que quaisquer medidas devem conduzir a uma

"Verdes" leva ao Parlamento da

Vinte e oito deputados «verdes», no meio de uma assembleia circunspectamente vestida com fato de três peças: o décimo Bundestag oeste-alemão, apresentou-se com novos trajos. Cabelos longos em desordem, «jeans», «ténis», camisolas coloridas e colarinhos abertos contrastavam vivamente com o conformismo indumentário na sessão constitutiva, no edifício ultramoderno nas margens do Reno em Bona.

Trezentos militantes «verdes» tinham inaugurado, à sua maneira, durante a manhã, esta jornada histórica com um cortejo colorido nas ruas de Bona. Pouco depois, o décimo Bundestag elegia o chanceler Helmut Kohl sexto chanceler federal.

Petra Kelly, de calças «bordeaux» e camiseiro azul-celeste, dirigia, tendo a seu lado o ex-general da NATO Bastian, a marcha dos 28 deputados da sua formação. No desfile seguia, misturada, a Associação dos Socialistas Africanos, os «Panteras Grisalhos» (movimento de defesa da terceira idade), o movimento israelita «Cheli» de Uri Avneri, os movimentos ecologistas de França, Bélgica, Países Baixos e Austrália, com cartazes afirmando: «Queremos árvores e não cimento».

Nas mãos dos deputados «verdes», plantas das suas regiões: aqui um pinheiro ameaçado pelas «chuvas ácidas», ali um ramo de amendoeira, ramos de flores, ramos de pinheiros secos, vítimas da poluição.

Os deputados, de «jeans», discretamente escoltados por polícias de uniforme igualmente verde, seguiam atrás de uma caleche puxada por cavalos brancos em que haviam tomado lugar tocadores de tambor, um enorme balão multicolor representando o «planeta verde» seguia atrás.

«Estou com medo, sinto-me como um estudante no dia de regresso às aulas, só me falta a pasta», lamentava-se, visivelmente emocionado, um deputado «verde» no momento de entrar no edifício do Bundestag. «Sim mas tem a sua pasta política», cortou um dos seus 27 colegas, que vão ter assento no Parlamento pela primeira vez na história da RFA. É de resto a primeira vez desde há 22 anos, que vão estar presentes cinco partidos no Bundestag (CDU, CSU, FPD, SPD e «Verdes»).

Willy Brandt, o decano do Parlamento, num discurso lembrando a tradição parlamentar de defesa da liberdade, lançou um apelo pelo fim da corrida aos armamentos e pediu um plano Marshall para os países subdesenvolvidos.

iária"

seis" começará nantele os SS-20

ontem, depois de inal um autêntico mento quaisquer ria» terá sido um , favorável a uma nas negociações necessidade de iéticos transijam.

Redução importante do actual número de mísseis e impedir a instalação de novos mísseis. Pode ser que nas palavras de Ceausesco, em entrevista à agência oeste-alemã DPA (e cuja transcrição demasiado parcial e isolada do contexto fica em grande parte indecifrável) haja uma certa atitude diferente da de Moscovo. Mas se a transcrição neste ponto for fiel, o que não há de modo nenhum é uma concordância com Washington.

Reacções dos aliados

Neste momento, as reacções conhecidas são demasiado sumárias e a escassez de tempo para uma análise profunda das afirmações oficiais dos vários governos não permite tirar grandes ilações: oficialmente a NATO, como tal, apoia sem reservas as propostas de Reagan e reafirma a «opção zero» como um ideal a atingir...

No entanto, os termos conhecidos do comunicado do governo de Bona suscitam certas perplexidades, pois certas frases são em nome do «governo oeste-alemão», outras, em nome da NATO... O governo alemão nunca diz que apoia sem reservas a proposta de Reagan, limitando-se a afirmar que «se congratula» e salientando — o que parece ironia — que os EUA manifestaram empenho em nagociar porque apresentaram a proposta antes do termo da primeira série de negociações... A resposta francesa é sibilina: Paris mostra grande interesse por todos os esforços realizados tendo em vista um desfecho satisfatório das negociações... Os holandeses «acolheram favoravelmente», mas só o Parlamento holandês terá competência para aceitar ou não o começo do programa de instalação... Os italianos dizem que esta proposta é «importante para a paz», e os belgas «não estão descontentes»... O governo espanhol considerou a proposta positiva... A única expressão calorosa veio da sr.ª Thatcher... Em suma: tudo na mesma. Os aliados não parecem nada inclinados aos «apoios sem reservas» que na NATO e em Washington se proclama...

Para a Imprensa alemã, a NATO enterrou a opção zero e este abandono vai provocar agitação nas conversações e nos meios pró-armamentistas dos EUA. A Imprensa holandesa é pessimista e acusa Reagan de se dirigir apenas aos soviéticos não tendo em conta as posições da Europa Ocidental. Os jornais ingleses são igualmente pessimistas: «passo construtivo para propaganda e talvez para negociações, mas do qual nada se pode esperar de imediato», «Reagan limitou-se a dar mais margem de manobra às negociações».

Reacções políticas e de Imprensa nos EUA fazem entender: que Reagan fez uma pequena viragem, forçado pelos europeus; que, pela primeira vez, o presidente parece ter reconhecido a importância da reacção dos europeus; e que talvez Reagan comece a mostrar uma vontade séria de negociar o controlo dos armamentos.

Cosmética e propaganda

O tom da resposta oficial do Tratado de Varsóvia já foi dado pela agência polaca PAP, que refere a proposta como «manobra de cosmética».

O especialista de renome internacional, Claude Moisy, da AFP, falando do ponto de vista ocidental não se afasta muito da PAP... Na verdade, Moisy diz que nenhum especialista sério pode esperar que os soviéticos alguma vez aceitem estas propostas (o que significa que ao fazê-las, Reagan sabia que iriam ser recusadas). Para Moisy, estas propostas visam apenas convencer os europeus e os asiáticos de que as culpas do eventual fracasso de Genebra são da URSS e colocar a questão em tais termos que todos no ocidente digam que «a bola está agora no campo soviético». Já estamos a ouvir isto amanhã, aqui em Portugal e no estrangeiro...

A.N.

Sobre uma eventual agressão à Síria

Aviso da URSS a Israel

O governo soviético avisou ontem Israel de que «é tempo de Telavive deixar de brincar com o fogo» e que os seus «projectos criminosos» em relação à Síria «não podem deixar ninguém indiferente».

Numa declaração difundida pela agência oficial soviética TASS, a URSS afirma que «o povo sírio não está isolado» porque tem «a seu lado os patriotas árabes, os países socialistas e todos aqueles que lutam pela causa da paz, pela justiça e pela dignidade».

«A União Soviética salienta uma vez mais que não é pela força das armas, nem pela guerra, mas unicamente através de esforços políticos de todas as partes interessadas e através da via de um acordo justo e global, que podem ser garantidos os direitos legítimos e os interesses de todos os povos do Médio Oriente», acrescenta a declaração.

«As personalidades militares e políticas de Israel rivalizam entre si para afirmar que uma guerra «preventiva» contra a Síria é inevitável e que o Exército sírio está preparado para ela», acrescenta a declaração, que denuncia «os preparativos militares» de Israel, visando, segundo Moscovo, «desferir um golpe criminoso contra a Síria».

«Ninguém pode ficar indiferente perante os projectos criminosos de Israel contra a Síria, e estes projectos devem ser neutralizados», afirma o governo soviético.

«Como mais de uma vez no passado, acrescenta, procura-se explicar estes projectos agressivos pela preocupação de «defender a segurança de Israel, e desta vez, tomam-se como pretexto as medias puramente defensivas tomadas pela Síria face às crescentes ameaças de Telavive».

«Ninguém acreditará, acrescenta a declaração, na existência de uma ameaça para a segurança de Israel. É Israel, pelo contrário, que se tornou uma fonte permanente de perigo militar no Médio Oriente, ameaçando sem cessar os países árabes vizinhos de os atacar.

«O apoio incondicional dado por Washington às pretensões israelitas» está na origem da teimosia provocadora com que Israel procura uma «recompensa para a sua agressão», afirma ainda o governo soviético.

Malogro da missão Habib

A Rádio Israel informou ontem que Philip Habib regressou a Washington «de mãos vazias», ao mesmo tempo que se referiu a confrontos entre forças israelitas e palestinianas na estrada Beirute-Damasco. Diferentemente, a Rádio libanesa anunciou que os confrontos que duraram 30 minutos foram com forças sírias. Philip Habib, o enviado especial do presidente norte-americano, Ronald Reagan, para solucionar a questão libanesa, dialogara entretanto em Jerusalém com os ministros dos Assuntos Sociais e da Defesa, Isacc Shamir e Moises Arens, respectivamente, mas não chegou a qualquer acordo.

A emissora israelita referiu que as negociações para a retirada de todas as forças estrangeiras do Líbano «dependem agora das relações entre as grandes potências».

A misteriosa doença de Djenine

—*alucinação colectiva, dizem os israelitas*

Após uma semana de incerteza e cólera entre a população palestina depois das acusações de envenenamento deliberado feitas contra Israel por dirigentes árabes, a tese israelita é de ora em diante que a misteriosa epidemia de Djenine mais não é que uma forma de alucinação colectiva.

Uma equipa médica israelita, ontem enviada para aquela cidade da Cisjordânia, inspeccionou o hospital municipal e a clínica onde várias dezenas de pessoas se queixavam de indisposição, juntando-se às jovens hospitalizadas desde o passado domingo. A equipa médica enviou para casa 100 doentes dos 200 hospitalizados, soube-se de boa fonte.

«Todos os casos de intoxicação foram observados sem qualquer conclusão: resta, apenas, a hipótese de um grande pavor colectivo, de uma doença psicossomática», declarou ontem de manhã o director do ministério israelita da Saúde, professor Baruch Modan.

A misteriosa doença de Djenine, que começou por afectar 317 jovens liceais palestinianas, estendeu-se a partir de terça-feira passada a outros habitantes. Na quarta-feira, segundo boas fontes palestininas, declararam-se 93 novos casos, sendo várias das pessoas atingidas, levadas para o hospital Tel-Hashomer, em Telavive por estarem saturados os serviços clínicos locais.

O professor não convence

Em apoio da tese de alucinação colectiva, as autoridades israelitas argumentam que um clima de tensão política como o que a Cisjordânia atravessa (e por Israel criado aliás) poderá ter levado numerosas pessoas a imaginarem-se vítimas de um «**complot** israelita» visando envenenar a água dos poços com a finalidade de esterilizar as mulheres palestinianas.

Mas, sete dias após a aparição da epidemia e no momento em que a responsabilidade do Estado hebreu foi posta em causa pelos dirigentes árabes, entre os quais Yasser Arafat em pessoa, a população árabe da Cisjordânia mostra-se pouco disposta a aceitar as conclusões do professor Modan.

«Dia da Terra»

Onze feridos nos territórios árabes ocupados assinalaram ontem o «Dia da Terra», que se celebra em memória de seis árabes mortos há sete anos em confrontos com a Polícia israelita.

A maior concentração pública, autorizada pelas autoridades israelitas realizou-se na aldeia árabe de Deir Hanna, na Galileia, onde afluíram 20 000 pessoas, empunhando cartazes a favor de um Estado palestiniano e cantando «a sangue e fogo redimiremos a Galileia».

Segundo Rádio Israel, os participantes na manifestação ouviram discursos de autarcas da Cisjordânia e o secretário-geral do Partido Comunista, Rakaj, Meir Wilner, que apelou para a mobilização da opinião pública israelita contra um possível ataque à Síria em cuja capital, Damasco, também houve manifestações.

Ainda de fonte israelita, devido a pedradas contra autocarros de turismo, que circulavam pelo acampamento palestiniano de Deheyshe, entre Jerusalém e Belém, ficaram feridas 11 pessoas.

Outras concentrações do «Dia da Terra», que se converteu no símbolo da luta palestiniana contra a expropriação de terras árabes, realizaram-se em Taibe, onde foram içadas bandeiras palestinianas, e em Tel Sheva, onde centenas de beduínos protestaram contra o desalojamento de Malkhata para dar lugar à construção de um aeroporto militar israelita.

ram novo estilo Alemanha Federal

Brandt, que pediu aos deputados para se levantarem em homenagem às vítimas do nazismo, lembrou o empenhamento dos sociais-democratas na Aliança Atlântica, mas insistiu nos «progressos a realizar» no domínio do desarmamento.

Juramento contestado

O primeiro incidente da nova sessão do «Bundestag» ocorreu quando os 27 deputados «Verdes» resolveram abandonar a sala. O chanceler Helmuth Kohl prestava então o seu juramento como chefe do Governo de Bona: «comprometo-me a afastar todos os males do povo alemão», dizia, solenemente, o líder democrata-cristão.

Para o «Gal» («Verdes») era a voz da hipocrisia que falava: «trata-se de um incrível exercício de retórica», afirmaram, pois, «estão dispostos a instalar novos mísseis na RFA e prosseguem uma política energética nuclear».

Primeiro sintoma de uma contestação mais alargada: alguns deputados sociais-democratas acompanharam «os 27» na sua decisão de virarem as costas «à retórica».

O segundo incidente verificou-se quando, em uníssono, a bancada democrata-cristã, apupava ruidosamente o discurso do deputado Joseph Fischer.

Aquele membro do grupo parlamentar ecologista, ao referir-se às comissões parlamentares, qualificou o presidente do Partido Social-Cristão, bávaro, Franz Josef Strauss de «pistoleiro ambulante». Fischer salientou, por outro lado, que Strausss visita com prazer «ditadores de outras nações».

A polémica voltou ao hemiciclo quando os ecologistas apresentaram uma petição para a anulação do censo populacional previsto para o próximo dia 27 de Abril. A maioria democrata-cristã derrota esta proposta, na qual votaram, pedindo a sua reformulação e adiamento,o grupo parlamentar social-democrata.

Nas alegações, os defensores da anulação afirmaram que o censo era «mais um passo para que a Alemanha Federal acabe por ser um Estado burocratizado semelhante ao descrito pelo escritor britânico, George Orwell na sua obra «1984».

No entanto, e apesar de derrotada a sua proposta de criação de três comissões parlamentares dedicadas ao desarmamento, problemas ecológicos e à mulher, os «Verdes» assumiram a presidência da Comissão de Investigação e Tecnologia.

Segundo jornal italiano

CIA contactou autores do atentado contra o Papa

O juiz instrutor do inquérito ao tráfico de armas descoberto em Trento detectou que a CIA teve contactos com os acusados mais importantes do atentado de Maio de 1981 contra o Papa – revelou ontem o jornal «La Republica».

O juiz descobriu que os agentes da central norte-americana de espionagem tiveram ligações com os turcos Bekir Celenik e Tegmen Herten e com o sírio Henri Arsan.

Celenk, negociante sem escrupúlos que durante anos se movimentou com toda a liberdade na Bulgária, além de acusado de tráfico de armas e de envolvimento no atentado contra João Paulo II, era um agente duplo.

Este acusado fazia grandes negócios tanto para os Estados Unidos, como para países de Leste, para o que dispunha de cobertura ampla dos respectivos serviços secretos.

Essa será a explicação do tráfico de armas descoberto no Outono passado em Trento. Um desses negócios foi levado a cabo pelo turco Herten que, depois de preso em Itália, contou ao juiz as suas relações com a agência norte-americana «DEA». Foi ainda mediador de uma venda de 56 toneladas de armas da Polónia para um país árabe, com o assentimento dos seus serviços secretos.

Herten era sócio de Henri Arsan, chefe absoluto do tráfico de armas e drogas de Trento, que informava a «DEA» sobre a Mafia da droga, a troco da autorização para por seu lado traficar drogas. Assim, vendeu cem quilogramas de morfina em 1972 – afirma o «La Republica».

Entretanto, os advogados do búlgaro Serguei Antonov, acusado de cumplicidade no atentado de Maio de 1981 contra o Papa João Paulo II, afirmaram em Roma que «ali Agca é um farsante».

Numa conferência de imprensa organizada na Embaixada da Bulgária em Roma os defensores do principal acusado da «pista búlgara» apresentaram provas de que a esposa de Antonov não esteve presente numa reunião em que Ali Agca pretende ter participado, na residência romana do chefe de escala da companhia aérea búlgara, três dias antes do atentado contra João Paulo II.

Os advogados apresentaram cópia do registo do Hotelturist de Nova Gradiska, e os testemunhos de um casal búlgaro que acompanhou Rossitza Antonov, para demonstrar que a mulher de Antonov se encontrava de férias na Jugoslávia, à data em que o turco afirma ter-se encontrado com ela em Roma.

A Embaixada da Bulgária em Roma solicitou a colaboração da magistratura italiana na investigação sobre a chamada «pista búlgara» e anunciou que o governo de Sófia tinha decidido, num gesto de «boa vontade», autorizar a extradição para a Itália dos dois italianos acusados de tráfico de droga, Giorgio Andreani e Domenica Mammoliti.

Dois psiquiatras, um búlgaro e outro italiano, que segunda-feira visitaram Antonov na prisão, afirmaram na conferência de Imprensa de ontem que o recluso «padece de depressão e ideias fixas que podem levá-lo ao suicídio».

grandes facilidades SEM AUMENTO DE PREÇO

M.L.FERREIRA

RUA D. ESTEFÂNIA, 48-A
AV. DA REPÚBLICA, 54-B
1000 LISBOA

BEATRIZ SANT'ANA PEREIRA RODRIGUES RAFAEL

Faleceu

Sua família participa o seu falecimento e que o funeral se realiza hoje às 15 horas da Igreja de São Sebastião da Pedreira, para jazigo no cemitério de Outeiro da Cabeça-Torres Vedras.

AGÊNCIA FUNERÁRIA DO ALTO DE SÃO JOÃO LDA. Telefones, 832837 — 848135

DÉCIMO NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

MARIA HENRIQUETA OLIVEIRA MADEIRA NAZARÉ AJUDANTE DESTE CARTÓRIO CERTIFICO

Para efeitos de publicação que por escritura de vinte e quatro de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e três lavrada de folhas vinte e nove a trinta e uma do livro de notas Cento e Dez-E deste Cartório, Luís Teixeira Queirós e Dr. Manuel Correia Neves únicos sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada MARKTEST-MARKETING, ORGANIZAÇÃO, FORMAÇÃO, LIMITADA, com sede nesta cidade, aumentaram o capital da dita sociedade de 200.000$00 para 2.000.000$00, sendo a importância do aumento no montante de 1.800.000$00 inteiramente realizada em dinheiro, que já deu entrada na caixa social e subscrita por ambos os sócios da seguinte forma: Luís Teixeira Queirós subscreveu uma quota do valor nominal de 1.720.000$00; Dr. Manuel Correia Neves subscreveu uma quota do valor nominal de 80.000$00. Pela mesma escritura foi alterada a redacção dos artigos 1.º, 3.º e 8.º do respectivo pacto a qual ficou a reger-se pelo constante da presente fotocópia.

Lisboa e Décimo Nono Cartório Notarial, vinte e oito de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e três.

O Ajudante,
(Assinatura ilegível)

«Primeiro: — A sociedade continua a adoptar a denominação MARKTEST-MARKETING, ORGANIZAÇÃO, FORMAÇÃO, LIMITADA, e tem a sua sede e estabelecimento, nesta cidade, na Rua Almeida e Sousa, número vinte e cinco, cave, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de vinte e seis de Julho de mil novecentos e oitenta, data da sua constituição.»

«Terceiro: — O capital social é de dois milhões de escudos; está integralmente realizado em dinheiro e nos demais bens e valores constantes da escrita social, e corresponde à soma das duas seguintes quotas: — uma de uma milhão e novecentos mil escudos pertencente ao sócio Luís Teixeira Queirós, e outra de 100 000 escudos pertencente ao sócio Manuel Correia Neves.»

«Oitavo: — Um - Os gerentes são nomeados pela Assembleia Geral de entre os sócios ou de entre estranhos à sociedade, podendo os gerentes nomeados delegar os seus poderes de gerência mediante procuração.

Dois — Fica desde já nomeado gerente, com dispensa de caução, e com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral, o sócio Luís Teixeira Queirós, sendo necessária e suficiente a sua assinatura para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos.»

Se conduzir não beba

ÁLCOOL E CONDUÇÃO

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5969, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Alenquer, de uma linha mista a 10 kv, n.º 1813/R-2, com 195 m, parte aérea com 155 m, parte subterrânea com 40 m do poste n.º 2 da linha n.º 1813/R-1 ao PT n.º 2816-C da CM de Alenquer.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de FiscalizaçãoEléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 18 de Março de 1983

O Engenheiro Director,
JOÃO CARLOS OUDINOT LARCHER NUNES

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Benavente, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário de República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2556, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Samora Correia, concelho de Benavente, de uma linha aérea a 30 kv com 3125 metros, entre a subestação do Carrascal e o poste n.º 9 da linha para o posto de transformação n.º 77 de Porto Alto-Benavente.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citadop prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, 18 de Março de 1983

O Engenheiro director,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu filho a parar sempre no passeio antes de atravessar a rua.

PRP

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

notas & notas

concurso RTP

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Tel. _____

Código Postal [ ] [ ]

Lic. TV Nº _____

exclusivo

Checoslováquia

O caminho da paz

Ivana Sochierková ■ Agência «Orlis»

Uma manifestação de paz em Lídice, em Junho de 1982

DENTRO em breve – nos dias 14 a 19 de Junho de 1983 – a Checoslováquia dará as boas-vindas a mais de 2000 delegados, de vários recantos do mundo, para discutirem, no Palácio da Cultura em Praga, as mais urgentes tarefas do movimento público mundial – luta eficaz pela vida em paz, contra o perigo da catástrofe nuclear. Não é por acaso que a Assembleia Mundial dos adversários da guerra decorrerá precisamente na capital checoslovaca. Pois exactamente há 34 anos, a cidade de Praga era o berço do movimento pacífico organizado e, a República Socialista da Checoslováquia encontra-se entre os países cuja política externa visa sobretudo a criação de relações pacíficas entre os Estados.

A Checoslováquia e o Movimento Internacional pela Paz:

A Checoslováquia, encontrando-se na encruzilhada de movimentos no velho continente, esteve, durante longos anos, exposta às guerras e conflitos, daí que as suas nações conheçam o valor da paz. Depois da Segunda Guerra Mundial, em 1948, quando a Checoslováquia começou no caminho da construção socialista, incluiu na sua Constituição o seguinte: «Queremos viver em paz e amizade com todas as nações do mundo.» E o mesmo foi confirmado pela Checoslováquia um ano mais tarde com a sua contribuição para o estabelecimento do movimento pacifista internacional; quando em Abril de 1949 decorreu em Paris o primeiro Congresso Mundial dos defensores da paz, o governo francês recusou, sob o espírito da guerra fria, a entrada dos delegados dos países socialistas, da Espanha, da Grécia e de outros países. Mas, apesar disso o Congresso decorreu também com a sua participação, se bem que separadamente, a algumas centenas de quilómetros de distância: em Praga, onde se realizou a segunda parte paralela daquele forum mundial, constituinte dos defensores da paz.

O órgão dirigente do Movimento, o Conselho Mundial da Paz, organizou, desde então, dezenas de outros encontros mundiais e internacionais e de outras acções pela paz e o desanuviamento, com a participação activa e sistemática das forças da paz checoslovacas. Já depois de 1950, depois da constituição do comité checoslovaco dos defensores da Paz, foi divulgado de Praga um apelo para a convocação do 2.º Congresso Mundial dos defensores da paz. O Congresso realizou-se em fins do mesmo ano em Varsóvia com a participação de 2000 delegados e as forças pacíficas checoslovacas estiveram aí presentes, tendo nessa altura sido outorgado o primeiro prémio internacional da paz, in memoriam, a

Julius Fucík, jornalista antifascista revolucionário checo, morto pelos nazis durante a guerra. O mesmo Congresso exortou os Parlamentos de todos os países do mundo, para aprovarem a lei sobre a penalização da propaganda de guerra. Um mês depois, a Assembleia Nacional checoslovaca aprovou uma lei segundo a qual serão penalizadas todas as pessoas que incitam à guerra ou façam a sua propaganda». Esta lei está em vigor ainda actualmente.

As assinaturas de apoio ao movimento pacifista

A participação da opinião pública checoslovaca nas acções constituídas pela assinatura de apoio ao movimento da paz, prova que os checoslovacos observavam com grande interesse o desenvolvimento político mundial. Para a votação do povo contra a ameaça de utilização da arma nuclear, com a forma do Apelo de Estocolmo, assinado em 1950 por 500 milhões de pessoas em todo o mundo, no decurso de apenas duas semanas juntaram-se também, 9,5 milhões de cidadãos checoslovacos, ou seja, mais de duas terças partes de toda a população. Com um número de assinaturas semelhantes, os cidadãos checoslovacos subscreveram, um ano depois, o Apelo de Berlim do Conselho Mundial da Paz, exigindo um pacto de paz entre as grandes potências. Em 1955 também 9,5 milhões de cidadãos checoslovacos assinaram o Apelo de Viena contra os preparativos da guerra atómica. Quando em 1975 foi divulgado pelo Conselho Mundial da Pazn o novo Apelo de Estocolmo, pela cessação da corrida aos armamentos e pelo desarmamento, ele foi subscrito por cerca de 10 milhões de checoslovacos. Três anos mais tarde 10 milhões de checoslovacos condenaram com as suas assinaturas os planos dos Estados Unidos para a produção da arma de neutrões. Milhões de checoslovacos protestaram e protestam contra os planos da NATO de instalar na Europa Ocidental, ou seja na proximidade imediata da Checoslováquia – sem armas nucleares – os novos mísseis nucleares norte-americanos de médio alcance.

Alemanha Federal

O "problema estrangeiro"

□ Jorge Gillies ■ I.P.S.

Bona – 4 666 917 estrangeiros – aproximadamente 7 por cento da população – residem actualmente na Alemanha Federal, sendo a sua presença objecto de controvérsias nos meios políticos e na opinião pública.

O chamado «problema estrangeiro» reflecte uma crescente xenofobia em amplos sectores da população, cuja origem radica principalmente na crise económica e no aumento do desemprego, já que muitos alemães temem que os estrangeiros lhes «arrebatem os seus postos de trabalho». Tendo precisamente em vista preencher os postos de trabalho disponíveis, e principalmente as tarefas produtivas e de serviços que a população local não queria efectuar, a Alemanha Federal abriu as portas aos estrangeiros – chamados desde então «trabalhadores hóspedes» – na década dos anos 60.

Jugoslavos, italianos, gregos, espanhóis, portugueses, mas sobretudo turcos – que foi o último grupo a chegar e é hoje, com 1,6 milhões, o mais numeroso – começaram a povoar as cidades germano-ocidentais, sem que até ao início da crise económica se produzissem conflitos graves no seu contacto com a população local.

Actualmente, e de acordo com uma estatística dos principais grupos de estrangeiros residentes na Alemanha Federal, o quadro da sua distribuição é o seguinte:

Turcos	1 580 671
Jugoslavos	631 692
Italianos	601 621
Gregos	300 824
Austríacos	174 998
Espanhóis	173 256
Holandeses	108 975
Portugueses	106 005
Outras nacionalidades	988 605

À excepção dos austríacos e holandeses trata-se, na sua maior parte de trabalhadores manuais com as suas respectivas famílias, que entraram no país durante os últimos 20 anos. Cerca de 46,6 por cento do total de estrangeiros residentes estão na Alemanha há mais de dez anos, 13 pc encontram-se aqui há 8/10 anos, e 12 por cento há 5/8 anos, cinco por cento há 4/5 anos, e sete por cento há três anos, seis por cento à dois anos e um por cento chegou ao país o ano passado.

Se se tiver em conta que desde 1973 vigora na Alemanha Federal uma proibição de novos contratos para pessoas não provenientes da Comunidade Económica Europeia (CEE), o que afecta especialmente os turcos – o grupo mais numeroso no país – depreende-se do facto que a maioria das pessoas entradas nos últimos dez anos são familiares dos «trabalhadores hóspedes» dos anos 60. Esta situação reflecte-se na proporção e estrutura etária dos cidadãos turcos residentes: de entre quase 1,6 milhões, 410 000 são mulheres e 570 000 jovens com menos de 16 anos. Ora, é precisamente no caso dos menores que entraram na Alemanha depois de 1973 que se apresentam os maiores problemas de adaptação e integração na estrutura social e educacional da RFA, o que levou o actual governo democrata-cristão/liberal (cdu/csu) a propor uma diminuição drástica – fala-se em seis anos – da idade limite para que possam entrar no país os filhos de trabalhadores estrangeiros.

Os detractores desta proposta salientam que na prática ela só será aplicada aos imigrantes provenientes na Turquia, o que representa uma discriminação contra uma determinada nacionalidade.

A resposta dos meios oficiais a estes críticos da proposta é de que efectivamente há – mais que um problema estrangeiro global – um «problema turco» que deve ser tratado de forma especial. Se além disso se considerar que o tratado de associação entre a CEE e a Turquia – em vigor a partir de 1986 – poderia permitir a livre circulação de cidadãos turcos na Alemanha Federal, o que a todo o custo deseja evitar-se.

A política prosseguida actualmente é estabelecer uma clara separação entre as pessoas que se encontram na Alemanha há mais de dez anos, permitindo a sua plena «integração» na sociedade germânico-ocidental – dispõem já de autorização de residência limitada – e os que entraram recentemente ou o desejam fazer no futuro, para os quais foram fechadas quase todas as portas.

Tornou-se igualmente mais drástica a escolha para concessão de vistos de asilo, via que, segundo as autoridades, é utilizada por muitas pessoas não perseguidas politicamente nos seus países e que apenas procuram «uma vida melhor».

Isso expressa-se na redução de pedidos de asilo registada nos últimos três anos, que de 107.818 em 1980 passaram em 1981 para 49 391 e em 1982 para 37 423. A tudo isto acresce um vincado agravamento dos níveis de vida dos candidatos ao asilo, os quais têm de viver em refúgios isolados, não dispondo de direito ao trabalho e somente recebem uma ajuda social mínima.

Mesmo para aqueles que desejem tirar cursos superiores neste país a situação tornou-se mais difícil: agora, o pedido nesse sentido, deve ser feito através da embaixada da Alemanha Federal no país de origem do candidato, o que em geral implica longos trâmites, assegurando-se à partida apenas a escolha das pessoas que possam atestar nos seus países de origem que estão em condições de poder financiar os seus estudos.

O procedimento utilizado anteriormente por muitos candidatos a cursos superiores, consistindo em entrarem como turistas e tentar aqui o seu pedido foi proibido em Dezembro de 1982. Esta proibição tornou-se inclusive extensiva a todas aqueles que estão em condições académicas e financeiras para custear os seus estudos. ■

VII Cimeira dos Não-Alinhados em Nova Dehli (4)

Tribunal Internacional para julgar Israel

No final da VII Cimeira dos Não-Alinhados, um pedido ficou no ar: a constituição de um tribunal internacional para julgar os crimes de guerra cometidos por Israel contra o povo palestino em todos os territórios que ocupa desde 1948.

Como se tinha já constado, exuberantemente, nas conferências de Imprensa que vários líderes dos Não-Alinhados, vieram dar ao Centro de Imprensa (para já não falar dos discursos oficiais) todos estavam de acordo: a situação no Médio Oriente é intolerável e têm que ser encontradas rapidamente formas eficazes de pôr tero ao comportamento terrorisra de Israel, que actua à margem da lei na maior das impunidades.

De facto, os três capítulos – Questão da Palestina, Questão do Líbano, e Situação no Médio Oriente – e dezenas de parágrafos da Declaração Política Final da Cimeira sobre a região constituem um terrível libelo acusatório contra Israel, que – lê-se no documento – actua como se tem visto apenas porque tem a cobertura total dos EUA.

E, aqui, um ponto de grande significado político: os Não-Alinhados chamaram as coisas pelos seus verdadeiros nomes e os EUA surgem citados numerosas vezes como o responsável primeiro de situação que se vive na região. Isto é: ficou, preto no branco, que Israel, no fundo, não passa de um mero intermediário dos EUA.

A conferência condenou expressamente a política «yankee» na região e o apoio prestado a Israel em todas as esferas, em especial na política e militar, o que «prejudica as relações e os interesses que unem os Não-Alinhados, por um lado, e os EUA por outra».

Paz mundial em perigo

Mas as preocupações dos Não-Alinhados não ficaram por aí. Depois de analisarem globalmente a situação no Médio Oriente, os 101 chefes de Estado e de Governo constataram que a mesma continua a degradar-se como consequência da «manutenção, por parte de Israel, de uma política agressiva e expansionista». Por outro lado, o facto de os israelitas e os norte-americanos terem organizado uma campanha contra o direito de a Síria se dotar dos meios legais para se defender levou a Conferência a alertar todo o mundo para o que isso poderá significar a breve prazo: um prelúdio para uma nova agressão israelita contra a Síria e outros países árabes, «o que constituiria uma grave ameaça para a paz e segurança mundiais».

Condições para a paz

Claro que, numa situação tão explosiva e perigosa como é a que se vive actualmente no Médio Oriente, a cimeira tomou uma posição firme e reiterou que a questão não se resolverá nem a paz se estabelecerá na região se não forem respeitados, simultaneamente, os seguintes princípios:

a) A questão da Palestina é a questão central do problema do Médio Oriente e a causa principal do conflito árabe-israelita;

b) A questão da Palestina e o problema do Médio Oriente formam um todo indivisível, que não pode tratar-se nem resolver-se separadamente. Por isso, uma solução parcial ou limitada a alguns aspectos do conflito, com exclusão de outros, não é possível, como tão-pouco o é estabelecer uma paz parcial. A paz tem que ser justa e global;

c) Uma paz na região apenas pode basear-se na retirada total e incondicional de Israel de todos os territórios palestinos e árabes ocupados e a restituição ao povo palestino de todos os seus direitos nacionais inalienáveis, incluindo o direito de voltar às suas terras, o direito da livre determinação sem intervenção estrangeira e o direito a estabelecer o seu próprio Estado independente e soberano no seu território nacional, em conformidade com as resoluções da Assembleia Geral da ONU;

d) Jerusalém é parte do território palestiniano ocupado, e Israel deverá retirar-se completa e incondicionalmente e restituí-lo à soberania árabe;

e) A OLP é a única e legítimo representante do povo palestiniano (...) e nenhuma solução poderá considerar-se completa, justa ou aceitável sem a participação da OLP em condições de independência e de igualdade com as outras partes interessadas;

f) Todas as medidas tomadas por Israel desde que ocupou os territórios árabes e palestinianos e todas as alterações que afectam as características políticas, culturais, religiosas, demográficas, fiísicas, geográficas e de outra índole são nulas, sem valor e ilegais;

g) Todos os colonatos já estabelecidos ou que se venham a estabelecer nos territórios ocupados são nulos e sem valor e constituem um obstáculo à paz. Assim, devem desmantelar-se imediadamente.

Por fim, um outro ângulo da questão: a conferência expressou a sua profunda inquietação pela crescente colaboração entre a «entidade sionista na Palestina e o regime racista da África do Sul, sobretudo nas esferas militar e nuclear»; e condenou veementemente essa colaboração e solidariedade, pedindo simultaneamente a todos os países do movimento que rompam as suas relações em todas as esferas com os regimes mencionados e os isolem totalmente.

Isto é: de novo o triângulo Washington, Telavive, Pretória ficou no banco dos réus.

Ribeiro Cardoso

Gemayel-Arafat: um longo "encontro de trabalho"

Amin Gemayel, presidente do Líbano, desdobrou-se em contactos durante a Cimeira. Um dos seus encontros de trabalho, como foi classificado pela sua delegação e pela da OLP, foi cm Yasser Arafat. No seu discurso, extremamente cuidadoso, mas bem aceite pela generalidade dos membros dos Não-Alinhados e particularmente pelos árabes, Gemayel lembrou, que se o seu país não conseguir vencer a crise em que se encontra mergulhado, «a região inteira, tudo o indica, entrará na anarquia, na confusão, na divisão».

Por isso mesmo, sublinhou Gemayel, «o Líbano ocupa uma posição chave, para o bem ou para o mal, e não apenas no que ao Médio Oriente diz respeito, mas também a todo o Terceiro Mundo e ao Mundo em geral».

Gemayel afirmou no entanto que o seu país e o seu povo estão confiantes que «os nossos irmãos árabes saberão apreciar devidamente os sacrifícios suportados pelo Líbano, como resultado do seu comprometimento com a causa árabe, e por isso o ajudarão».

«O Líbano» — concluiu Amin Gemayel — «permanece fiel à defesa das causas justas e entre elas à causa do povo palestiniano, que procura concretizar os seus legítimos direitos nacionais».

É neste contexto que Gemayel exige a retirada de todas as tropas estrangeiras do seu país.

DELEGADOS DE PUBLICIDADE

Para jornal diário e outras publicações, com e sem experiência:

EXIGE-SE:
- **Boa apresentação**
- **Bom nível cultural**
- **Facilidade de argumentação**
- **Dinâmico**

Resposta detalhada com curriculum ao n.º 6302 deste jornal.

MONTADORES/OFFSET

Grande empresa gráfica, situada em Lisboa, admite para ampliação dos seus quadros:

— montadores de jornal.
— montadores offset com prática de montagem de cores.

Enviar resposta c/experiência anterior e ordenado pretendido a este jornal ao **n.º 23 305**

Um espectáculo

EM Nova Deli estiveram jornalistas de todo o mundo. O interesse demonstrado pelos órgãos de Informação foi verdadeiramente excepcional e no início da Cimeira o Ministério dos Negócios Estrangeiros indiano tinha credenciado mais de 1500 representantes de jornais, agências noticiosas, estações de rádio e de televisão. No entanto, no final, esse número rondava já os 2000.

Como acontecia no salão principal, onde se reuniam os chefes de Estado e de Governo, também no Centro de Imprensa, situado ao lado, o ambiente era o de uma estranha Babel, onde os vestuários e os idiomas utilizados era os mais variados e as mais bizarros. Valia então o recurso ao inglês e ao francês para que todos nós nos entendêssemos minimamente...

Apesar desse Centro de Imprensa ser espaçoso, a verdade é que se tornou demasiado pequeno e as condições de trabalho acabaram por ser extraordinariamente difíceis. Em determinados períodos do dia as máquinas postas à disposição dos jornalistas não chegavam e não raro se assistia ao espectáculo do profissional de Imprensa, aflito, à espera de ter vez para se sentar e escrever apressadamente a sua crónica.

O barulho era sempre ensurdecedor. E compreende-se porquê: para além do matraquear das máquinas havia ainda o dos aparelhos de televisão espalhados pela sala. É que os jornalistas por, razões de segurança, não tiveram acesso ao local onde se realizavam as sessões plenárias e a solução encontrada foi a de instalar circuitos internos de televisão. Desse modo, e enquanto não nos chegavam às mãos os discursos escritos, de pé ou sentados ficávamos em frente dos «écrans» que continuamente transmitiam o que se passava no salão principal. Só que uns aparelhos transmitiam a tradução simultânea em inglês, outros em francês, outros ainda espanhol e outros em árabe (por falar em tradução simultânea: de Londres veio uma equipa de 200 tradutores que desempenhou uma tarefa impecável, de elevadíssimo garu profissional).

Mas quanto o barulho a questão era ainda mais complicada: no fundo da sala do Centro de Imprensa havia a zona dos telefones, com uma equipa de jovens indianas, impecavelmente vestidas com os seus belos saris, que passavam o dia a fazer ligações para todos os continentes. Ao tinir das campainhas telefónicas havia que juntar ainda o matraquear automático dos telexes que, também no fundo da sala, estavam permanentemente em funcionamento, com uma equipa de 25 operadores trabalhando 24 horas por dia. Um espectáculo de frenesim, de nervos, de vida, que só visto.

Mas uma vez que vos falo deste espectáculo chamado Centro de Imprensa, devo adiantar que numa outra extremidade havia ainda a entrada para uma sala comprida mas estreita onde se realizavam ao longo do dia sucessivas conferências de Imprensa. E como nem todos lá cabíamos foi instalada uma aparelhagem que transmitia o som cá para fora, para quem quisesse seguir o que se passava lá dentro...

Claro que num ambiente destes ao fim de pouco tempo a solução era recorrer aos serviços do bar-restaurante instalado mesmo ao lado, onde se podia beber uma cerveja ou uma coca-cola acompanhando uma sande de galinha ou um carneiro de caril. Não podíamos permanecer nesse local muito tempo seguido, pois a procura era enorme e não era justo, nem aceitável, prejudicar os colegas de trabalho... ou elementos das delegações oficiais que também fizeram do centro de Imprensa um lugar obrigatório de passagem para darem os seus recados a quem tinha por missão dar a conhecer ao mundo o que ali se passava.

De resto esses mensageiros eram sempre bem-vindos, pois inicialmente a única forma de poder contactar as delegações, nomeadamente para pedir entrevistas a este ou àquele chefe de Estado ou primeiro-ministro era... o computador. Só que esse método acabou por se revelar inadequado ao serviço do jornalista e o esquema foi, naturalmente, furado. Com muita dificuldade e muitos protestos, é certo. Mas foi. Como aconteceu, de resto, com com a segurança à volta dos chefes das delegações, como espero poder contar-vos.

Presença de Thomas More

André Prévost (★)

HÁ dez anos Marcuse publicava **O Fim da Utopia**. Cinco anos depois, um magazine francês consagrava a sua capa à **Morte das Utopias**. Mas hoje, a palavra volta ao de cima e o **Osservatore Romano**, órgão oficial do Vaticano, consagrou uma página inteira às «utopias» que João Paulo II semeia e faz crescer por todo o Mundo.

Forjada por Thomas More (1478-1535) a fim de dar remédio a uma crise de sociedade, tão fundamental como a nossa, a palavra «utopia» e a realidade que ela encerra convidam os responsáveis a procurar, no pensamento do grande estadista do século XVI, as luzes que iluminam as causas dos nossos males e os remédios capazes de os curar. A utopia atrai, portanto, porque deixa entrever novas soluções. Em breve, porém, assusta, porque as exigências que formula exigem um sobressalto moral que uma Europa, entregue ao positivismo e ao racionalismo, não tem coragem nem força de ter. Desde logo, à nossa volta, logo que a utopia entre no campo linguístico dos políticos ou dos «hierophantes», estes pretensos mestres do pensamento apressam-se a votá-la às gemónias, atribuindo-lhe o epíteto de «vã» ou de «quimérica».

No entanto, há já dez anos, a utopia recebia títulos de nobreza de uma das mais altas autoridades morais. Ao editar a «Carta de Paulo VI ao Cardeal Roy, em 14 de Maio de 1971», Lucien Guissard aludia ao carácter profético do documento e acrescentava: «... Hoje, toda a gente pode constatar que os inúmeros manifestos de grupos de jovens e também a literatura, atestam, no sentido mais expressivo da palavra, o prestígio da utopia».

João Paulo II, apto a descobrir as correntes de ideias que atravessam as multidões, levanta os entusiasmos e reúne as boas-vontades ao vento da utopia. Para ele ela não é uma quimera mas um lúcido desígnio de introduzir na política o social e o económico, a dimensão transcendente, a única capaz de restituir às realidades humanas a sua alma e a sua finalidade.

A **utopia** nasceu, pois, do desígnio de trazer uma solução à crise do pensamento ocidental do século XVI. Foi um mérito de Thomas More discernir que a alma da Europa, que durante séculos mergulhara numa atmosfera vitalizada pelas realidades transcendentes perdia, a pouco e pouco, contacto com este mundo invisível: o nominalismo esvaziara a linguagem do seu conteúdo real. Uma religiosidade que tinha primazia sobre os valores afectivos, frustrava a inteligência do seu objectivo. More denunciava o perigo e media a impotência do seu século em levantar o formidável desafio posto aos espíritos pela descoberta do Novo Mundo. Em contraste com a sensatez de **O Elogio da Loucura** de Erasmo, apresentava a sua **Utopia** um tipo de homem cuja cultura se apresentava dessas mesmas realidades transcendentais. Ele introduz o leitor numa comunidade em que todos os membros são animados pelos mesmos valores significantes.

Numa espécie de parábola, descreve instituições que favorecem a busca do verdadeiro, do belo, do bem, a aspiração ao amor e ao eterno, e que conduzem os iniciados da sociedade utopista ao seu desenvolvimento físico, afectivo, intelectual e moral.

A palavra **utopia**, que More forma a partir do grego – **ou-topos**, o não-lugar, o outro lugar – para designar essa comunidade, situa-se além do espaço e do tempo: ela pertence à ordem das realidades superiores, sem as quais nem os homens nem as sociedades podiam subsistir. Os múltiplos ensaios utopistas dos séculos XVIII e XIX passaram depressa por não terem criado raízes na transcendência.

É justamente para esse outro lugar que os nossos contemporâneos se voltam de novo, porque os homens do século XX acabam, no fim das suas impotências e das suas angústias, por se voltar para a **utopia**.

A obra de Thomas More está, de novo, presente entre nós. No entanto, a autêntica utopia não se manifesta ruidosamente. Ela também não se entrega aos espíritos que se demoram ao nível das técnicas ou que se comprazem no jogo das ideologias. Em contrapartida ela revela-se ao homem em busca de uma inspiração superior. É ela que «agita incessantemente os horizontes limitados onde a inteligência gostaria de encontrar a sua segurança e os limites em que, muitas vezes, se encerraria a acção». A utopia é essa força que «habita o homem e o chama a ultrapassar todo o sistema e toda a ideologia» (Paulo VI, op. cit.). Ela é, ao mesmo tempo, uma «heurística» e um programa. Mobilizando o imaginário, a **utopia** convida o espírito a tomar consciência de uma dinâmica que o galvaniza e que, por autogénese, o recria.

Para os cimos

Realidade complexa, inseparável dos ventos proféticos, a utopia tira o seu poder de um «misto» de duas forças essencialmente diferentes que se unem para multiplicar as suas energias. É mobilizando pela acção a fé e a esperança, que a utopia convida os jovens à construção de um mundo novo. A catedral gótica é o símbolo privilegiado da misteriosa utopia. Mobilizando as forças imanentes que dormitam no coração do homem enquanto esperam ser suscitadas pelo apelo da transcendência, a utopia ergue-os para o cimo, para esse fecho de abóbada que comunica à construção interna e à comunidade, coerência e razão de ser.

Realidade complexa, a utopia apresenta-se tanto síntese pessoal como edifício social. O primeiro aspecto comanda o outro porque, na reforma dos modos de vida, tudo parte do homem: pondo o espírito em comunicação directa com as realidades superiores, a «maiêutica» utópica faz nascer uma dinâmica que põe na acção o selo vivo que transforma toda a aspiração em vocação. A partir daí, a utopia comunitária pode nascer. Ela «cristaliza» espontaneamente no seio de um grupo onde certos membros se sentem estimulados pela utopia interior. As forças postas em comum suscitam o aparecimento na história do fenómeno das «micro-utopias» cujo paradigma é a comunidade monástica. Constituída sob a égide da utopia, ela desafia, em duração, qualquer sociedade criada em volta de um projecto económico ou político. A ordem beneditina atravessa os séculos com mais facilidade do que qualquer Estado do Ocidente.

A este nível de inspiração, é evidente que a carta das utopias autênticas se inscreve como eco ao canto das Beatitudes. «Se as oito Beatitudes são inseparáveis umas das outras, a sétima, 'felizes os artesãos da paz', está junto da que proclama: 'Felizes os que sofrem de perseguição'». A utopia lembra aos defensores de um pacifismo fácil que a sua atitude só é significativa se tiver raízes no outro lugar, por cima do espaço e do tempo. Se João Paulo II tem o direito de convidar, sem impostura, os homens à construção da paz, ao desarmamento, à partilha planetária, numa palavra, à aposta utópica, é porque o martírio que ele atravessou e que ainda enfrenta todos os dias, de mãos nuas, põe no seu apelo o selo da autêntica utopia.

(1) Professor na Federação Universitária de Lille e autor de **L'Utopie de Thomas More**

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 14 DE 27 DE MARÇO

O Diário, x11 x11 111 x211; Correio do Vouga, 111 111 112 1x2x; Ecos do Cacia, 111 212 112 2222; Eu Sei Tudo, 111 111 111 1211; Folha de Domingo, 111 111 111 1221; Gazeta das Caldas, 111 1xx 112 x2x1; O Jornal de Felgueiras, x11 1x1 1x1 1xx2; Jornal de Sintra, 111 x11 x11 x211; Maria da Fonte, 111 1xx 112 x221; Notícias de Chaves, 111 112 11x x22x; Notícias de Felgueiras, x11 111 1x1 111x; Notícias de Guimarães, x11 211 121 xx12; Jornal A Ordem, x11 211 2x1 1211; Reconquista, 111 111 121 2212; RDP/Secção Desportiva, xx1 112 x1x x21x; Jornal «A Voz das Beiras», 111 111 x12 1221; RDP/Centro Desporto Em Análise, x11 11x x21 1xx2; A Voz do Domingo, 111 112 112 1221; Voz de Lamego, 111 x11 111 x211; RDP/Tempo Desporto, 111 xx2 x12 x2x1; Música e não só, 1x1 x11 x21 12x1; Jornal do Sul, 111 211 121 2221; Ponto de Encontro, 111 1x2 2x1 xxx1; Pátio das Cantigas, 111 x11 xx1 11x1; Café com Leite, 111 x12 xx2 x2x1; Bola Branca, x11 11x 111 x221; Manhã, Manhã, x11 2x2 112 12x1; O Jornal de Amarante, 111 111 111 1112; Rodapé, 111 xx1 112 2211; Reportagens exteriores, 111 2x1 1x1 11x1; Rádio Totobola, x11 1x2 1x2 2221; Jornal a Defesa, 111 x12 2x1 1212; Diário de Lisboa, 111 1x2 x12 2221; Jornal da Beira, 111 111 11x x22x; Jornal Linhas de Elvas, 111 x11 1x1 1211; O Norte Desportivo, 111 x11 xx1 1xx1; Notícias de Gouveia 111 111 x21 2122; Diário de Coimbra, 11x 11x 111 11x1; O Algarve, 111 111 x22 1x12; Jornal de Santo Tirso, 111 1x1 2x1 12x1; Notícias de Évora 111 111 xx1 12x1; Jornal da Graça, xx1 2x1 121 x221; A Voz dos Ridículos, 111 111 1x1 1211; Quadrante Norte, 111 11x 112 2xxx; Resenha Desportiva, 1x1 111 2xx x211; Repórter do Dia, 111 11x 1x2 12x1; Penalty, 111 112 1x2 12x1; Manchete Desportiva, 111 xxx 112 x221; Alvo Desportivo, 111 111 111 111x; Jornal da Graça, xx1 2x1 121 x221; Jornal de Notícias, 1xx 111 xxx 11x1; Manchete Desportiva, 111 xxx 112 x221; Penalty, 111 112 1x2 12x1; O Primeiro de Janeiro, 111 x12 11x x2x2; Quadrante Norte, 111 11x 112 2xxx; Rádio Alvo, xxx xx1 x2x 21x2; Repórter do Dia, 111 11x 1x2 12x1; Resenha Desportiva, 1x1 111 2xx x211; A Voz dos Ridículos, 111 111 1x1 1211; Jornal Voz do Ave, 1x1 111 11x x111; Clube do Ar, 111 111 11x 1111; Diário do Porto, 1x1 111 1x1 1111; Ritmo e amizade, 121 111 111 1111; Jornal de Sala, 121 211 x21 12x1.

RESULTADO	1	X	2	BOLA	1	X	2 a)
1. BENFICA - SPORTING	52	13	0		10	2	1
2. PORTIMONENSE - BOAVISTA	54	10	1		10	1	1
3. ACADÉMICO - VALDEVEZ	62	3	0		11	1	1
4. S. MARTINHO - LIMIANOS	41	15	9		8	3	1
5. LAMEGO - LIXA	49	16	0		9	3	1
6. P. CASTELO - S. ROMÃO	40	11	14		7	2	3
7. CALDAS - U. TOMAR	43	16	6		8	3	1
8. ALMEIRIM - O. SANTARÉM	31	23	11		6	4	2
9. T. NOVAS - MARINHENSE	33	10	22		6	2	4
10. COPUCHENSE - SINTRENSE	34	21	10		6	4	2
11. MONTENSE - E. LAGOS	14	9	42		3	1	8
12. SEIXAL - ALMADA	23	25	17		4	5	3
13. PORTUGAL (F) - SUIÇA (F)	46	6	11		9	1	2

a) - Nos termos do Artº. 14º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, os boletins extraídos na referida sorteio nas quantidades de pre-

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:

111 111 111 1X1

NOMEADO PARA

11 OSCARS DA ACADEMIA

Incluindo ★ MELHOR FILME

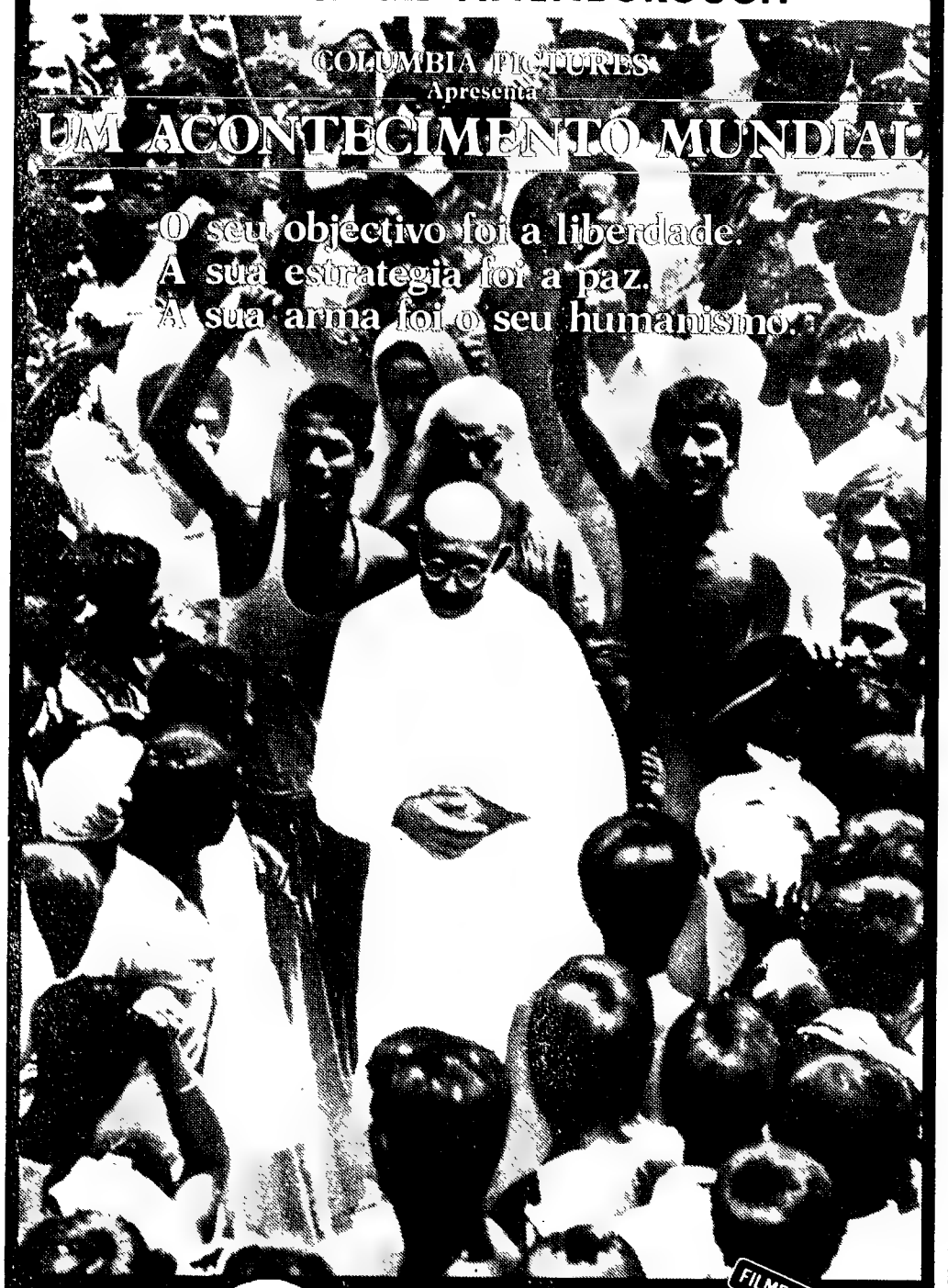
★

MELHOR ACTOR BEN KINGSLEY

★

MELHOR REALIZADOR

SIR RICHARD ATTENBOROUGH



FILME DE QUALIDADE

GANDHI

O seu triunfo mudou o mundo para sempre

COLUMBIA PICTURES
NATIONAL FILM DEVELOPMENT CORPORATION OF INDIA
GOLDCREST FILMS
INTERNATIONAL FILM INVESTORS
Presents

RICHARD ATTENBOROUGH'S FILM "GANDHI"

Starring BEN KINGSLEY as The Mahatma

CANDICE BERGEN EDWARD FOX JOHN GIELGUD TREVOR HOWARD JOHN MILLS MARTIN SHEEN

Production Designer STUART CRAIG Editor JOHN BLOOM In Charge of Production TERENCE A. CLEGG Line Producer RANI DUBE Music RAVISHANKAR Executive Producer GEORGE FENTON

Cameraman in Charge of Photography BILLY WILLIAMS, B.S.C. RONNIE TAYLOR, B.S.C. Executive Producer MICHAEL STANLEY EVANS Written by JOHN BRILEY

Produced and Directed by RICHARD ATTENBOROUGH

DOLBY STEREO

SÃO JORGE 1

HOJE ÀS 21.00 H.

ESTREIA DE GALA A FAVOR DA UNICEF

DADA A LONGA DURAÇÃO DO FILME, SERÁ EXIBIDO NO SEGUINTE HORÁRIO

13,45 - 17,30 e 21,15

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

Dia 31 de Março pelas 21,00H

ANTE-ESTREIA A FAVOR DA

unicef

Bilhetes à venda:
R. de S. Boaventura, 5 e a partir de 26-3 Tambem na bilheteira do S. Jorge.

Marcações pelo telef.: 32 34 05

Perdição, Luxúria e Pecado

ORNELLA MUTI
ANNE HEYWOOD

As FREIRAS de Sto Arcangelo

realização: PAOLO DOMINICI

ROXY

5.ª SEMANA

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

VITÓRIA FILMES

6.ª e SÁB. às 21,30
DOM. às 16

ANASTAS

de JUAN BENET
Enc. de FERNANDO GUSMÃO
COM
ANTÓNIO ASSUNÇÃO

"UM MAGNÍFICO GRUPO DE ACTORES. UM BELO CENÁRIO UM EXCELENTE ESPECTÁCULO"

JOSÉ MANUEL DA NÓBREGA
"O SETE"

GRUPO DE CAMPOLIDE
ACADEMIA ALMADENSE

Tel. 275 21 75

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção N.º 51 071 para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE N-TRITI--LIMIDAZÓIS COM EFEITO FUNGICIDA.»

Trata: CLARKE MODET & C.ª, Ld.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

DISTRIBUIDORES REUNIDOS

DIZER QUE SE TRATA DE UM FILME DE ESPIÕES, É POUCO!
FALAR DE AGENTES DUPLOS É AINDA INSUFICIENTE...

O REGRESSO DO ESPIÃO

(ESPION LÈVE-TOI)

ESPECTACULARMENTE PERFEITO EM "SUSPENSE" E EMOÇÃO!

UM FILME DE YVES BOISSET

LINO VENTURA · MICHEL PICCOLI · BRUNO CREMER · KRYSTYNA JANDA
BERNARD FRESSON — Diálogos de MICHEL AUDIARD — Colorido
Interdito a menores de 13 anos

AMANHÃ ÀS 21.30 — GRANDE ESTREIA ninas

NÃO FAÇA LUME

PROTEJA AS FLORESTAS

As Florestas são uma riqueza nacional.

Colabore com a sua atenção e vigilancia na defesa desta riqueza.

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Estreia na encenação

«TRIO», de Kado Kostzer. Tradução: Mário Delgado. Encenação: António Marques. Cenografia: Octávio Clérigo. Interpretação: Luísa Salgueiro, Linda Silva, Cecília Guimarães. Teatro Experimental de Cascais. Teatro do Picadeiro (Estoril). 2-1983.

Novo encenador no TEC. É a única notícia com interesse que posso dar em relação ao espectáculo apresentado no Teatro do Picadeiro. «Trio», do argentino Kado Kostzer, foi a peça escolhida, e dessa escolha resulta uma pergunta inevitável: porquê?

Se um grupo português, ao longo da sua vida, não pode seleccionar mais do que algumas dezenas de originais, seria de esperar que essa selecção fosse feita com um grande rigor, tanto mais que agora a censura já não condiciona essa escolha. Não ignoro que outros condicionantes pesam, desde as dificuldades da montagem até a problemas de elenco. Mesmo assim, quero crer que um grupo como o TEC poderá utilizar critérios mais exigentes na escolha do seu reportório.

«Trio» é a história de três irmãs, que afinal são quatro; a história de quatro mulheres que afinal são cinco. Há Amanda (Linda Silva), ela trabalha, é a única que tem uma ligação com o exterior; há Ester (Luísa Salgueiro), a mais nova, vive fechada em casa, com Leonor (Cecília Guimarães), a mais velha. É esta quem representa o poder da mãe, personagem invisível. Tem um cancro que lhe vai roendo o corpo e o poder sem que ela o saiba.

A mãe, inválida, está no alto e leva-lhe comida e flores, faz parte de um ritual masoquista. É ela que comanda o xadrez conflitual da peça. A outra irmã, personagem também invisível, foi a única que se libertou embora Leonor a acuse de se ter vendido. A filha, ainda criança, ajuda a concretizar essa libertação.

A casa é o mundo, terrível mundo, lá fora rondam os ladrões, os assassinos, os violadores das virgens. Uma viagem programada é anulada porque aquelas mulheres perderam a coragem da vida. A morte está prestes a atacar. Ataca. A surpresa da morte da mãe funciona como forma de vingança de Leonor em relação às irmãs; ela não lhes perdoara o gesto cruel da revelação da sua doença, que se recusara a aceitar.

Situada entre «A Casa de Bernarda Alba», de Lorca, «Doroteia», do brasileiro Nelson Rodrigues, este original argentino está longe de ser tão convincente com a sua fábula pode fazer crer. Falta-lhe um estilo, uma poética.

António Marques deixou-se enredar pela ambiguidade do texto, não tendo conseguido clarificar o que parece ser a incapacidade do autor em definir os campos em que pretende situar a sua peça, entre um naturalismo serôdio e um simbolismo igualmente datado. Essa indefinição é ilustrada, poderia dizer-se que é acertadamente definida, pelo cenário de Octávio Clérigo em que os elementos naturalistas surgem rodeados por outros elementos (entre eles a luz) que pretendem exprimir o que no espectáculo quer assumir um carácter simbólico.

Fica-se com a ideia de que António Marques quis puxar o espectáculo para um teatro do quotidiano, o que o texto dificilmente permitiria. O mesmo se poderá dizer do trabalho das três intérpretes. Bem dirigidas por António Marques, Linda Silva, Luísa Salgueiro e Cecília Guimarães procuraram criar, e por vezes conseguiram-no, aquela dimensão que pode ajudar as personagens a exprimir o carácter enigmático que, apesar de tudo, marca as suas relações, embora o faça com excessiva debilidade. Texto fraco, portanto que uma encenação cuidada e três intérpretes atentas não conseguem salvar ou justificar.

Homenagem a Sidónio Muralha no Dia Internacional do Livro Infantil

Numa realização conjunta da Sociedade de Língua Portuguesa e da Secção Portuguesa do IBBY, o Dia Internacional do Livro Infantil (2 de Abril) é este ano comemorado com homenagens a Sidónio Muralha, escritor e poeta, com vasta obra para crianças, recentemente falecido no Brasil. Do programa, constam intervenções de Lília da Fonseca, Fernanda Damas Cabral, Matilde Rosa Araújo e Alexandre Cabral e interpretação de poemas de Sidónio Muralha por Eunice Muñoz e um grupo de estudantes universitários.

Primeiro, dia 2, às 15, na Sociedade de Língua Portuguesa, Rua de S. José, 41-2.º (perto do cruzamento com a Rua das Pretas), será inaugurada uma exposição biobibliográfica e iconográfica de Sidónio Muralha. Nesse acto, Lília da Fonsenca falará do Dia Internacional do Livro Infantil e da razão da homenagem e do conteúdo da exposição. A actriz Eunice Muñoz interpretará poemas de Sidónio Muralha.

Depois, no outro sábado, dia 9, também às 15 e no mesmo local, em sessão orientada por Lília da Fonseca, Fernanda Damas Cabral, Matilde Rosa Araújo e Alexandre Cabral falarão, respectivamente, de «Sidónio Muralha – uma presença pedagógica na literatura infantil», «Sidónio e a Criança» e «O compromisso com as origens em Sidónio Muralha.» Nesta sessão, um grupo de estudantes universitários também interpretará poemas de Sidónio Muralha. A exposição será repetida.

A entrada é livre.

Ciclo Fellini no Porto

A revista de cultura cinematográfica «Cinema Novo» vai promover no Auditório Carlos Alberto, no Porto, de 10 a 17 de Abril, um ciclo de cinema dedicado à obra do realizador italiano Federico Fellini. Assim, e em dias sucessivos poder-se-ão ver oito obras signficativas da ampla produção cinematográfica deste grande realizador, que recentemente terminou um novo filme na capital do cine italiano, a Cinecitá, «La Barca se Va», que reflete toda uma total insatisfação pela vida e processos de trabalho do cinema na Europa.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA

ANÚNCIO

2.ª Publicação

O dr. Adérito Pereira de Carvalho, M.º Juiz de Direito do 1.º Juízo, 1.ª Secção da comarca de Sintra.

Faz saber que na secção, nos autos de Acção Especial de Divórcio Litigioso n.º 2.470/82, em que é autor – Victor Félix de Jesus e ré – Isabel de Almeida Marnoto de Jesus, moradora em parte incerta, tendo como última residência conhecida a Rua Palmira Bastos, n.º 8-r/c, drt.º - Póvoa de Santo Adrião – Loures, é esta ré citada para contestar a presente acção, no prazo de vinte dias, que começa a contar-se findos os da dilacção de trinta dias, contada da segunda e última publicação do anúncio, sob cominação de o processo prosseguir termos à sua revelia.

Sintra 1 de Março de 1983.

O JUIZ DE DIREITO
Adérito Pereira de Carvalho

O ESCRIVÃO-ADJUNTO
Artur do Rosário Pereira

oficina do grotesco

AÇOITA-TE AQUI AO MEU LADO!

TEATRO DO BAIRRO ALTO
A PARTIR DE 1 DE ABRIL
6.as e SÁB. 21.30 H.
DOMINGOS 17.30 H.

GRUPO DE CAMPOLIDE (COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA)
Teatro da Academia Almadense, Tel. 275 21 75

"Havendo um ministro da Guerra pode prescindir-se de todos os outros... O país não dá para mais". ANASTAS

ANASTAS

de JUAN BENET
Uma farsa política encenada por FERNANDO GUSMÃO
com cenários de EDUARDO CRUZEIRO

ANTÓNIO ASSUNÇÃO EM "ANASTAS"
CANTO E CASTRO e CARLOS GONÇALVES
JOSÉ MARTINS • JOSÉ PEIXOTO
JOSÉ MORA RAMOS • LUIS VICENTE
Luísa Ortigoso

SUB. SEC./CMA

SEXTAS E SÁBADOS AS 21 30H • DOMINGOS ÀS 16 H

sacil

um filme de
WIM WENDERS
o realizador de O AMIGO AMERICANO

AO CORRER DO TEMPO

Naquele que é talvez o mais belo filme de Wenders, somos conduzidos por percursos de uma aridez e de uma desolação intransigentes, com tal rigor e austeridade que desta acumulação de não-acontecimentos se vai desprender um nó de insuportável angústia onde o filme se interroga, e nos envolve na interrogação, sobre o fundamental do sexo e do cinema. (Quarteto: às 14h30, 17h45 e 21h). (EPC)

	Augusto M. Seabra	Eduardo Prado Coelho	João Lopes	Vicente Jorge Silva
Ao Correr do Tempo	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★

quarteto 8.ª SEMANA com RÜDIGER VOGLER HANNS ZISCHLER

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS
FILME DE QUALIDADE

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
HOJE AS 21,45 H

a CASTRO
ANTONIO FERREIRA 4.º MÊS
ENCENAÇÃO JOÃO MOTA
terça-feira a sábado
AS 21.45
sábado e domingo
AS 17 H
XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE
PRAÇA DE ESPANHA
TEL 72 08 18

A BARRACA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70
TELEF. 68 63 00 (subMCCC) (n/ 73)
— 3.º MÊS —

UM DIA NA CAPITAL DO IMPÉRIO
ÚLTIMA SEMANA
Textos de A. R. Chiado Direcção Helder Costa
3.º a SAB. 21H30. DOM (só) 16 H.
XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE CULTURA E CIÊNCIA

A grande história de amor da nossa época!

MIOU-MIOU · CLAUDE BRASSEUR · BRUNO CREMER

O casal... um homem que passa... a traição...

Sem Amor e Sem Remorso
(JOSEPHA)

FILMES CASTELLO LOPES 66 apresenta
GRANDE ESTREIA
HOJE ÀS 21.30 CINE 222
INTERD MEN 13 ANOS COLORIDO Realiz. de CHRISTOPHER FRANK

TEATRO Casa da Comédia
EM CENA
A Marquesa de Sade
(representada na véspera do suicídio de Yukio Hishima)
ESPECTÁCULO DE FILIPE LA FÉRIA
De 4.ª a dom. às 21.30 h
Folga às 2.as e 3.as feiras
Marcações tel. 607299
Serviço de bar e minijantares a partir das 20 h
Sub. Sec.

As Falanges da Ordem Negra

Desenho: Enki Bilal

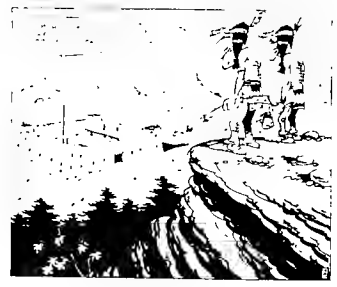
Texto: Pierre Christin

50

Copyright Dargaud/Meribérica/«DL»

continua

Notícias da BD



«Os Dalton continuam à solta»

A eleição de um novo presidente dos Estados Unidos dá origem a uma amnistia de todos os presos de direito comum. Entre eles, claro, os «manos Dalton». Assim começa mais uma atribulada aventura de Lucky Luke, que se vê obrigado a correr meio país para desencantar e prender de novo a temível quadrilha.

Obra de maturidade, exprime bem a perfeira simbiose entre o artista Morris e o argumentista Goscinny,que nos dão neste álbum uma das mais conseguidas histórias do «cowboy solitário».

Mas a carreira de assaltantes de bancos, em cooperação com os Apaches, acaba mal: na prisão, para sermos mais precisos... até à história seguinte («Os Dalton continuam à solta», de Morris – desenho, e Goscinny – texto, edição Meribérica).

«Fort Wheeling»

«Na ramificação do rio Ohio, havia um chuço onde estava pendurada uma cabeça de morto. Advertia os colonos para passarem de largo. É essa a origem da palavra ímdia «Wheeling», lugar da cabeça do morto.»

«Fort Wheeling» é mais do que esta simples evocação: constitui uma sincera e justa homenagem aos pioneiros da colonização americana, num tempo em que muitos ainda não estavam possuídos pela sede de poder, e buscavam um íntima simbiose com os imensos e mágicos espaços de uma natureza imaculada.

No segundo centenário da independência dos Estados Unidos, Pratt criou «Fort Wheeling». Este segundo episódio – «segunda época», na versão dos «Humanoides Associés», prolonga a cores essa saga.

O desenho é inequivocamente o do autor de Corto Maltese. A cor, não lhe pertence, nemadianta muito para a qualidade da criação. Exigências comerciais, já se vê... («Fort Wheeling», 2.ème époque, de Hugo Pratt, edição «Les Humanoides Associés»).

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

MUDANÇA DE INSTALAÇÕES

A Direcção de Equipamento, com as suas Divisões de Manutenção, Frota, Aprovisionamento e Sector de Infra-Estruturas, que funcionava na Av. Casal Ribeiro e Av. da República passou, a partir de 1 de Março, para a nova Sede da Rodoviária Nacional — **EDIFÍCIO RN** — na Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 86, Telefones 72 53 22-72 53 63.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Falemos das crianças

«Verificou-se que a inteligência era o factor mais importante e determinava o tempo consagrado pela criança à televisão; vem a seguir a personalidade.

«A criança que tem poucos passatempos é sobretudo aquela que tem fraco relacionamento social, que se sente insegura junto doutras crianças. Essa consagra quase todo o seu tempo livre à televisão. Pode dizer-se que o tempo que a criança consagra à TV, tendo em conta a sua idade e o seu nível intelectual, determina as suas satisfações na vida. A TV não lhe traz uma camaradagem sincera, importa reter esta ideia. Prova igualmente que uma audiência demasiado assídua é um **sintoma** e importa mais conhecer a razão dela do que barafustar contra ela».

(Hilde Himmelweit, «La jeunesse devant le petit écran»)

A criança e o adolescente

Para as crianças dos 10 aos 11 anos, a TV, tal como o cinema, dá histórias excitantes, é como se o cinema estivesse em nossa casa, como se assistíssemos a uma sessão de cinema gratuitamente. Por consequência a criança vai menos vezes ao cinema, não apenas ao princípio, mas mesmo quando ela já tem televisão há vários anos.

«O mesmo não se passa com o adolescente: para ele, o cinema constitui uma necessidade social, a oportunidade de se encontrar com a sua rapariga, de sair do quadro familiar – necessidade que a TV não pode satisfazer».

(Idem)

Ocupação mental: será sempre?

Onde a TV não exerce qualquer influência, e isto é importante, é sobre os interesses predominantes das crianças: a brincadeira ao ar livre, o desporto, a camaradagem com outras crianças. Por esta razão, a frequência aos clubes juvenis não foi afectada.

«De igual modo, se a TV não torna as crianças fisicamente passivas, que as torne mentalmente passivas, eis qualquer coisa que nunca percebi, porque o facto de ver TV já é uma ocupação mental activa, como o facto de ler um livro.»

(Idem)

Violência e virilidade

«A criança tem poucos conhecimentos da sociedade e eu creio que se o programa actual de divertimento na televisão continua, não se correrá certamente o perigo de que uma criança perfeitamente normal se transforme num delinquente, mas corre-se o perigo de que todas as crianças encarem a agressão como ocupando, nas questões mundiais, uma parte mais importante do que aquela que seria desejável.

«Isso pode levar as crianças a associarem a violência à virilidade e elas terão dificuldade em perceber a diferença, de tal modo indispensável, entre a violência real e a fictícia. Isto é tanto mais exacto quanto é certo que a violência real nos telejornais, parece muitas vezes menos dramática do que a violência na ficção.

Se as crianças continuarem sujeitas às cenas de violência, corre-se o perigo de embotarmos as suas emoções».

(Idem)

Influência, sociedade inquéritos

A televisão destina-se aos tempos livres, ela não é uma mensagem, mas o nosso conteúdo analítico mostrou que ela transmite ideias e pontos de vista muito semelhantes, especialmente nos teledramáticos. Até que ponto tais opiniões influenciam as ideias e os valores das crianças?

«É preciso acrescentar que as crianças preferem os programas para adultos aos programas que lhe são destinados. Pela análise dos conteúdos, procurámos o tipo de sociedades descritas, os temas tratados e os pontos de vista transmitidos. De uma maneira muito simplificada, eis o que resultou: essencialmente, a TV britânica mostra uma sociedade de classe média superior urbana: um carácter bonzão é insuficiente para vencer na vida, é preciso ser duro.

(...) É deplorável verificar que o tempo e o dinheiro gastos nos inquéritos acontecem a propósito dos «efeitos prejudiciais» ou para calar os críticos. Gostaria de ver mais inquéritos e saber porquê certos programas, embora educativos e de conteúdo sério, obtêm sucesso».

(Idem)

VENDE-SE

Peugeot 504 Break Diesel. Ano 1979.
Muito bom estado.
Contactar telef. 87 97 22

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

HOJE ÀS 21.30

FERNANDO talvez... PESSOA

JAIME SALAZAR SAMPAIO

encenação
ARTUR RAMOS

cenários e figurinos
EMÍLIA NADAL

música
ANTÓNIO VITORINO DE ALMEIDA

coreografia
FERNANDO LIMA

com
(por ordem de entrada)
MÁRIO PEREIRA - SÃO JOSÉ LAPA - ANTÓNIO RAMA
ANTÓNIO BANHA - CARLOS FONSECA - VARELA SILVA
CURADO RIBEIRO - ROGÉRIO PAULO - RUI MATTOS
LUÍS PINHÃO - ANTÓNIO SARMENTO - ANTÓNIO ANJOS
IGOR SAMPAIO - CARLOS CABRAL

ATENÇÃO
NÃO É PERMITIDA A ENTRADA APÓS O INÍCIO DO ESPECTÁCULO

MATINEE
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ÀS 16 h
ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 13 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA

A OBRA PRIMA DE
Marco Ferreri
com
BEN GAZZARA · ORNELLA MUTI

CONTOS DA LOUCURA NORMAL

TIRADO DO BEST SELLER DE CHARLES BUKOVSKI
"Tales of ordinary madness"

PRÉMIOS e RECOMPENSAS
Vencedor, em Italia, dos 4 Premios Nacionais
«DAVID DI DONATELLO»
• MELHOR REALIZAÇÃO • MELHOR FOTOGRAFIA
• MELHOR CENOGRAFIA • MELHOR MONTAGEM

CLASSIFICADO OFICIALMENTE «FILME DE QUALIDADE»

12ª semana no quartelo

Inter. a menores de 18 anos
EXCEPCIONAL EXCLUSIVO DE MUNDIAL FILMES

Hoje

1 RTP

Steve Forrest, um dos intérpretes do filme «A Ilha Misteriosa»

16.57 **«A Ilha Misteriosa»** – intérpretes: Steve Forrest, Dudley Sutton, Reginald Marah, John Woodwin e Sue Loyd Realizador: Gordon Fleming.
18.17 **Tempo dos Mais Novos**
18.55 **Autovisão**
19.25 **O Tempo**
19.30 **Telejornal**
20.30 **Esboço de uma Lenda** – com Andy Williams.
20.55 **Primeira Página**

2 RTP

Na RTP-2 poderemos ouvir esta noite Paul Tortellier e o seu violoncelo

19.18 **TV/2 Notícias**
19.30 **Desenhos Animados**
20.00 **Estúdio Aberto** – socioeconómico. A realidade socioeconómica portuguesa.
20.30 **«Uma Vida um Desafio»** – 7.º episódio. Intérpretes: John Onttine, Frank Middlemass, Alan MacNanghton, Patricia Lawrence e Kim Brader.
21.30 **Telenovela** – «Cabocla».
22.00 **Jornal da Noite**
22.20 **Tortellier** – 1.ª parte. Violoncelo: Paul Tortellier.

Amanhã

1 RTP

12.00: Desenhos Animados; **12.20**: «Requiem», de Gabriel Fauré; **13.00**: Jornal da Tarde; **18.30**: Tempo dos Mais Novos; **19.00**: Telejornal; **20.10**: Eurovisão – transmissão directa de Roma da Via Sacra; **21.20**: «Jesus de Nazaré» – 5.º e 6.º episódios.

2 RTP

19.30: Especial Páscoa – «Elegia»; **20.20**: Filme; **21.20**: Concerto– «Ressureição», de Haendel, **22.25**: Tortellier – 2.ª parte.

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP
Esboço de uma Lenda (20.30)

2 RTP
Paul Tortellier (22.20)

...e sugere para hoje...

2 RTP

Boanerges e Luís confraternizam com Zé da Estação, Bina e Zuca. Luís e Zuca estão felicíssimos. Boanerges promete a Zé da Estação que lhe mandará o Chico. Pepa compra vestidos para «melhorar» Mariquinha. Luís diz a Tobias que poderá defendê-lo no inquérito sobre o criminoso que Tobias matou em legítima defesa. Luís diz a Emerenciana que regressou para ficar. Neco declara que prefere Boanerges solto para poder medir forças com ele na campanha. Bina anima-se com o próximo casamento de Zuca. Tina diz a Tomé que Generosa concorda com o casamentó deles. Generosa apaga a vela do seu oratório e pede a Deus que Rosa não volte nunca mais.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Teatro

Pé de Vento, que tem vindo a apresentar no seu local de trabalho e em regime de itinerância a «História com Reis, Rainhas, Bobos, Bombeiros e Galinhas», vai realizar as últimas representações deste espectáculo, cujo texto é de Manuel António Pina. Os cenários e figurinos são de Augusta Araújo, a música é de Jorge Paupério. A interpretação está a cargo de António Moreno, Jorge Paupério e Paula Seabra, sendo a realização de João Luís. Quem quiser ver os Saltimbancos que «vindos de longe, cantam e contam coisas de pasmar...», terá de ir à Rua das Virtudes, no Porto, nos próximos dias 2, 3, 9 e 10 de Abril pelas 16 horas.

A Oficina do Grotesco apresenta «Açoita-te aqui ao meu lado» na Cornucópia, a partir de amanhã, às sextas e sábados às 21.30 e aos domingos às 17.30 horas. Do texto: «Ela era tão bela, tão bela e tão pura, tão pura que sempre que falava lhe saíam ouro e pérolas da boca. Ele casou com ela e montou uma ourivesaria.»

«A Forja», com encenação e dramaturgia de Mora Ramos, a partir do livro de Alves Redol, é o novo trabalho do TAIA-Teatro Amador da Incrível Almadense, estreando-se no próximo sábado às 21.30.

Bailado

Lynn Wallis, uma das mais prestigiosas professoras do bailado britânico, actual subdirectora da Royal Ballet School, dirige, entre 5 e 13 de Abril, um estágio no Centro de Formação Profissional da Companhia Nacional de Bailado.

Música

Hoje, na RTP-2, a partir das 22.30, Paul Tortellier interpreta as três primeiras suites de Bach para violoncelo, num concerto gravado na Igreja do Museu Castro Guimarães, em Cascais, por ocasião da passagem do grande artista por Portugal.

Exposições

Na Cooperativa Árvore, do Porto, estão patentes ao público duas mostras de jovens artistas formados pela ESBAP: Calheiros e Alberto Péssimo. Estarão abertas até ao próximo sábado. O primeiro apresenta 20 óleos, 10 gravuras e algumas cerâmicas de raízes populares, subordinadas ao tema «o figurativo da arte-escola na gíria popular». Alberto Péssimo expõe 10 telas recentes.

Um momento de «Açoita-te aqui ao meu lado», peta Oficina do Grotesco

Hein Semke vai expor na Galeria de Arte da Junta de Turismo da Costa do Estoril 47 bronzes de 1932/82 e 14 colagens de 1983. A mostra é inaugurada no sábado, às 16.30. Sobre o artista, escreve João Gaspar Simões:

«É alemão, foi sempre alemão Hein Semke, escultor, pintor, ceramista, poeta mesmo, poderoso artista que, desde os remotos tempos em que se realizavam em Lisboa Salões dos Independentes, ele, o mais **independente** de quantos artistas participavam nesses Salões, se porventura neles não figurava era – por não ser português. E, no entanto, em Portugal Hein Semke se descobre artista e em Portugal a sua forte personalidade virá a realizar-se, na plenitude dos seus dons. Como artista português? Não: como artista alemão. E é ele, de entre todos os artistas estrangeiros que se fixam em Portugal por volta da década de trinta, aquele que, sem abdicar do génio intrínseco da sua raça, acaba por fazer vingar o que nele, nesse génio, era a única parcela íntegra a partir da qual a sua arte teria possibilidade de sobreviver, como sobreviveu».

«Falando um português tão intransigentemente radicado nas suas raízes étnicas teutónicas que nunca lhe foi permitido construir uma frase na nossa língua de onde não ressalte aquilo a que um grego chamaria o seu etos **bárbaro,** Hein Semke, por isso mesmo, **bárbaro** na língua portuguesa que fala, é um **bárbaro** na linguagem plástica em que se exprime. Numa época em que as artes, civilizando-se, se **efeminaram,** a arte de Hein Semke mantem, com o seu **barbarismo** inato, algo a que podemos chamar o sentido **másculo** primitivo de toda a grande arte. Pois não haverá entre a escultura lapidar deste grande artista alemão algo que recorda os primórdios lapidares da escultura medieval portuguesa? Mantendo-se intransigentemente teutónico, nada nos impede de vermos no escultor Hein Semke um irmão gémeo desses santeiros primitivos que decoraram as catedrais românicas e góticas da nossa Terra».

«E, desta sorte, sendo alemão, mantendo-se alemão, não obstante viver há mais de cinquenta anos em terra portuguesa, Hein Semke, mau grado o seu intrínseco germanismo, bem pode ser considerado, entre os artistas estrangeiros que, no passado e no presente, trabalharam no nosso país aquele que mais de perto chegou ao limiar de uma tradição que, no fim de contas, é nossa e bem nossa, sendo, para todos os efeitos, uma tradição comum a todos os grandes artistas de génio primitivo.»

MARQUISES
E CAIXILHARIA EM ALUMINO ANODIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS
CAIXILUX
COMERCIO E INDUSTRIA DE ALUMÍNIOS, LDA
DIVISÓRIAS
ESCRITÓRIO E SALÃO DE EXPOSIÇÃO
Abertô das 9 às 19 h
Rua Francisco de Holanda, 28A
Telef. 777488 - 776323 — 1100 Lisboa
Fábrica — 9801203
Almada — 2755743 - 2755806

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	78$45	84$45
ALEMANHA FED (marco)	39$80	40$90
AUSTRIA (schilling)	5$55	5$75
BELGICA (franco)	1822	2$022
BRASIL (cruzeiro)	$060	$160
CANADA (dolar notas de 1 e 2)	78$40	80$40
(notas de 5 a 1000)	78$90	80$90
DINAMARCA (coroa)	11$20	11$60
ESPANHA (peseta)	$672	$792
EUA (dolar notas de 1 e 2)	96$50	98$50
(notas de 5 a 1000)	97$00	99$00
FINLANDIA (marka)	17$65	18$25
FRANÇA (franco)	13$25	13$95
HOLANDA (florim)	35$35	36$35
INGLATERRA (libra)	141$05	145$05
IRLANDA (libra)	126$30	130$30
ITALIA (lira)	$061	$071
JAPAO (iene)	$051	$086
NORUEGA (coroa)	$366	$401
SUECIA (coroa)	13$40	13$90
SUIÇA (franco)	12$80	13$40
VENEZUELA (bolivar)	46$40	47$40
	9$50	10$50

Observações
1 – No respeitante a moedas estas cotaçoes devem ser consideradas a titulo meramente informativo
2 – Todas as operaçoes de venda estao sujeitas ao imposto de 3 por mil

rádio

17.00: ZGHIBZ; **18.30**: Informativo de trânsito; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Operação Páscoa 83 – «Cristo Recrucificado», original de Nikos Kazantzaki; **20.20**: Toda a gente é pessoa; **21.00**: A viver também se aprende; **21.30**: Viva a noite – Antena 1 no Casino Estoril; **23.30**: Último jornal. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00**, **22.00** e **23.00** horas.

Programa 2

15.30: Música variada; **17.00**: Tratos e retratos; **17.40**: Efeméride; **18.05**: Culturando; **19.30**: Sinfonia n.º 5, em si bemol maior, de Schubert; **20.10**: Música variada; **21.00**: Ópera comentada; **23.25**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Sortido fino; **20.00**: Conta corrente; **20.30**: Quando o telefone toca (3 edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Mensagens bíblicas – diálogo; **22.30**: Tempo de desporto: **23.00**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **18.00**: Circulo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Musicando; **21.00**: Abandajazz; **22.00**: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

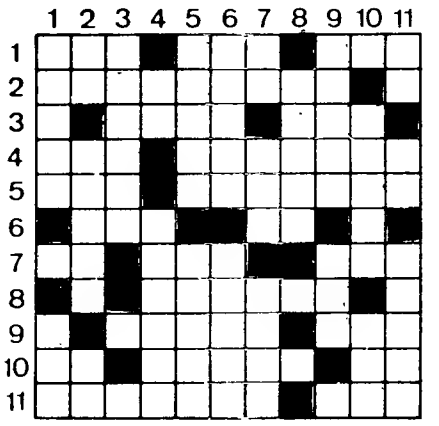
RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Equipa da tarde; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Terço; **19.00**: Missa da Ceia do Senhor; **21.00** Espaço musical; **21.30**. Da Ceia Judaica à Ceia Cristã; **22.30**: Espaço musical; **23.00**: Última hora; **23.55**: Meditando

Tiragem media diaria do mês anterior: 42 150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13700

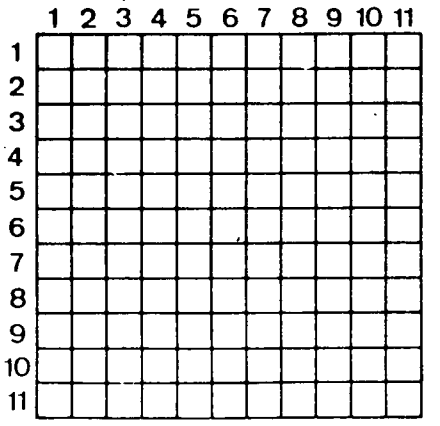


HORIZONTAIS:
1 Código. (abrev). Artigo indefinido. Preposição.
2 Motivou.
3 Que tem pouco peso. Larva das feridas dos animais.
4 Vai para fora. Juntara.
5 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Teimoso.
6 Freguesia do concelho de Penafiel. Autores.
7 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Fileira. Guarneço de asas.
8 Devorar (fig).
9 O mesmo que cobião. Mil e quatro em romano.
10 Érbio (s.q). Mio. Nesse lugar.
11 Doença eruptiva contagiosa e epidémica, muito semelhante ao sarampo. Maior.

VERTICAIS:
1 Negócio. Tempo do verbo ser. Observar.
2 Ondas curtas. Cidade da Suíça. Estrépito de desmoronamento.
3 Cortesã de Gaza que, depois de subornada pelos Filisteus, lhes entregou Sansão,
4 Salvo Erro. Princesa judia filha de Herodes Filipe e de Herodíade.
5 Gritam (fig). Linguagem (fig).
6 Tudo o que representa um valor pecuniário. Plantio de amieiros.
7 Prefixo de privação. Cólera. Casamento.
8 Semelhante. Tempo do verbo ser.
9 Caipira, homem rude do sertão. Armaria.
10 Tribo indígena brasileira. O mesmo que ion.
11 Pronome pessoal. Esquadrão. Escutar.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o prov...

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9550



HORIZONTAIS:
1 Preposição latina que designa movimento. Manuscrito. Centiare.
2 Descascou. Freguesia do concelho de Coimbra.
3 Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Farripas. Nosso Senhor.
4 Dissipei. O mesmo que coca. (Bras).
5 Cause amuo a. Língua vernácula indiana.
6 Ilha do Pequeno Belt. O mesmo que ainda.
7 Cidade de Espanha.
8 Actínio (s.q). Pássaro do Brasil. Prata (s.q).
9 Pronome pessoal Grande quantidade. Espádua.
10 Uma das Grandes Antilhas. Conferir.
11 Limpo metais. Gemera

VERTICAIS:
1 Grita. Astúcia.
2 Situação embaraçosa de que não há saída senão por um de dois modos, ambos difíceis ou penosos. Filtrar.
3 Artérias. Feche as asas para descer mais depressa.
4 Picares Pronome pessoal.
5 Transpirei. Oveira.
6 Concelho do distrito de Cabo Delgado.
7 Comei à ceia Região balcânica montanhosa, ao longo do Adriático, que compreende a Istria, a Carintia e a Carníola.
8 Arrume. Nota musical.
9 Espécie de esquilo lanoso Capa sem mangas.
10 Cidade da ilha de Creta Paixão
11 Insulta com vaias. Neste momento

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 13699

HORIZONTAIS:
1 Cod. UMA Com
2 Ocasionou.
3 Leve Ura.
4 Sai Aditara
5 Aal Marruaz
6 Rãs Aa.
7 Ea. Ala. Aso.
8 Lamber.
9 Cobio. MIV
10 Er. Miado Ai.
11 Rubéola. Mor.

VERTICAIS:
1 COISA. É. VER
2 Oc. Aarau. Ru.
3 Dalila
4 SE Salomé.
5 Uivam. Lábio.
6 Moeda. Amial.
7 An Ira Boda.
8 OUTRA. É.
9 Curau Arm.
10 Araós. Irão.
11 Me Az OUVIR.

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 9549

HORIZONTAIS:
1 Ad. Ms. Cd. Ca
2 Pilou Eiras.
3 Ul Repas. Ns.
4 Perdi Ipadu
5 Amue Oriá
6 Aaro. Inda.
7 Sevilha.
8 Ac. Sabiá. Ag.
9 Nós Ror. Omo.
10 Haiti. Impor.
11 Areio. Aiara.

VERTICAIS:
1 Apupa. Manha
2 Dilema Coar.
3 Ruas. Sie
4 Morderes Ti
5 Suei. Ovário
6 Ibo
7 Ceai Iliria.
8 Disponha. Mi
9 Arda. Opa.
10 Cândia. Amor.
11 Assua. Agora.

Provérbio: UMA COISA É VER OUTRA E OUVIR.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.00 e 23.00
N. acons. m/13 anos
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO

SALA B

Às 14.45, 17.00, 19.00, 21.15 e 23.15
Int. m/13 anos
VICTOR VICTÓRIA

ALVALADE 897480

Av de Roma

Às 15, 18 e 21.30 – Para Todos
OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINAS VOADORAS

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
DO FUNDO DO CORAÇÃO
Não ac. men. 13 anos
2.ª Semana

AVIS 547163

Av Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Maiores 12 anos
GELADO DE LIMÃO IV
Aqui estão eles à solta mas a tropa apanhou-os

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE
15.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Falado em português
Para todos
DUMBO

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15, 18.30 e 21.30
N. acons m/13 anos
TOOTSIE — QUANDO ELE ERA ELA

CINE 222 579460

Av Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
CONFLITO DE GERAÇÕES
Às 21 30
SEM AMOR E SEM REMORSOS (JOSEPHA)

CITY CINE .49999

R. Tomás Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
6 anos
O GENDARME E AS GENDARMETAS
Às 23.45
UM REI EM NOVA IORQUE

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
SEM SOMBRA DE PECADO
– Int. men. 13 a.
9.ª Semana
Às 24.00
PINK FLOYD – THE WALL

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Os 7 GOLPES DO DRAGÃO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Para Todos
A GRANDE PARÓDIA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Maiores de 16 anos
A FÚRIA DO HERÓI

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
O MISTÉRIO DA ILHA DOS MONSTROS
2.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
– Para Todos
Les Charlots vão à inspecção militar e começam as grandes barracadas!
OS MALUCOS DA CASERNA

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
Não ac. men. 18 anos
FUGA PARA A FELICIDADE
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av de Roma 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
O VEREDICTO
5.ª Semana

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14 15, 16.30, 19.00 e 21.30
Maiores 12 anos
ATOR – A ÁGUIA INVENCÍVEL
2.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Alvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
BELDADES SELVAGENS DA IBIZA
Às 18.15 e 24 – N. ac. men. 18 a.
OS JOVENS LEÕES

MONUMENTAL 555131

P Duque de Saldanha

Às 14.15, 16.15, 18.15 e 21.30
Não ac. men. 18 anos
A FÚRIA DO HERÓI
2.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A ESTRANGEIRA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS CAMPEÕES

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
DEMÉTRIO, O GLADIADOR

A ESTRANGEIRA, um filme português de nível internacional em exibição no NIMAS

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
14, 15.45, 17.30, 19.15, 21, 22.45
FIM DE SEMANA SANGRENTO
Às 00.15
PASQUALINO DAS 7 BELDADES

SALA 2
Às 14, 16, 18.20 e 21.15
PERIGO IMINENTE
Às 23.30
FITAS LOUCAS

SALA 3
Às 14, 16, 18, 20 e 22
CONTOS DA LOUCURA NORMAL
Às 24
HOMENS PARA QUEIMAR

SALA 4
As 14.30, 17.45 e 21
AO CORRER DO TEMPO
Às 00.15
O HERÓI SACRÍLEGO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
Maiores 12 anos
GELADO DE LIMÃO IV

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14. 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
AS FREIRAS DE SANTO ARCANGELO
4.ª Semana

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 21.15 – N. ac. men. 13 a
GANDHI
Às 15.15 e 18.15
VICTOR VICTORIA

S. JORGE SALA 2

Às 21.30 – Int. men.13 a.
VICTOR VICTORIA
8.ª Semana
Às 14.15, 16.30 e 18.45
BAIRRO DA LATA

S. JORGE SALA 3

Às 14, 16.15, 19 e 21.45
– Int. men. 13 a.
NA CALADA DA NOITE
12.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. acons. m/13 anos
DO FUNDO DO CORAÇÃO
2.ª Semana
Às 24 – N. ac. men. 18 a.
TOMMY

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68
Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 13 a.
TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA
c/ Dustin Hoffman
Domingo às 11.15 – Para Todos
FESTIVAL PANTERA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
37.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– N. ac. men. 13 a.
TOOTSIE, E QUANDO ELE ERA ELA

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Para todos
Falado em português
DUMBO

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
6 anos
O GENDARME E AS GENDARMETAS

XENON 368480

Av da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19, 21.30
– Int. men. 18 a.
FIM-DE-SEMANA SANGRENTO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 – «Christiane F.», às 21.45 (18
MUNDIAL – «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA – «Sexo alucinante» (18 anos) Sessões permanentes
CAPITÓLIO – «Os Bombeiros do sexo», às 21.00 e 23.00 (13 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS – «Os Malucos da Caserna», às 21.30 (13 anos)
QUINTETO – «Perigo Iminente», às 21.30 (13 anos)
ZODÍACO – «O Mistério da ilha dos Monstros» 21.30 (13 anos)
2000 – «Malícia», às 21.30 (18 anos)
RESTELO – «Os Homens que eu Amei», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «Trinitá Cowboy Insolente», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «Gardénia o Indomável», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «O Ás dos Ases», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «O Dr. Charlatão», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «007 Missão Ultra-Secreta», às 21.15 (13 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «Fort Apache», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «O Príncipe da Cidade», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «Annie», às 21.15 (7 anos)
CASCAIS – Impala – «Victor Victória», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Gelado de Limão IV», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «Vingança Forçada», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Lido – Espectáculo de Variedades, às 21.30
AMADORA – Cinestúdio – «O Homem que Previu o Futuro», às 21.30 (13 anos)
CACÉM – Cine estúdio Flores – «A Grande Desforra», às 21.30 (18 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «Os Cães», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «007 Vive e Deixa Morrer», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

COSTA DE CAPARICA – Silcine – «E. T., o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «E. T., o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALMADA – Incrível – «Elvis, o Ídolo Imortal», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «E. T., o Extraterrestre», às 21.15 (6 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «Promessa na Escuridão», às 21.15 (13 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Perigo Iminente», às 21.15 (13 anos)

Porto

LUMIÈRE-A – «Sem Sombra de Pecado», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-L – «A Tempestade», às 21.45 (13 anos)
TERÇO – «Moisés, o Profeta», às 21.45 (13 anos)
RIVOLI – «O Soldado», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO – «Obrigado Avô», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO – «Sombras brancas» 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO – «Romance em Nova Iorque» 21.00 (13 anos)
JÚLIO DINIZ – «Uns e outros» 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «Dombo» 21.45 (6 anos)
BEBÉ – «Yol-licença precária» 21.45 (13 anos)
BATALHA – «João Broncas», às 21.45 (6 anos)
COLISEU – «A Fúria do Herói», às 21.30 (16 anos)
PASSOS MANUEL – «E. T. o Extraterrestre» às 21.45 (6 anos)
PEDRO CEM – «Os Deuses Devem Estar Loucos» às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «O Veredicto» às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Uma Comédia Sexual Numa Noite de Verão», às 21 30 (13 anos)
FOCO – «Christiane F.», às 21.30 (18 anos)
TERÇO – «Desforra Apache», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Amores e Aventuras de Scaramouche», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALTO DE SANTO AMARO: Tapada, C. da Tapada, 83-A (T. 634721); **ALVALADE: Belo**, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Progresso**, E. A-da-Maia, 64-C (T. 702226); **CAMPO D'OURIQUE: Findor**, R. D. Maria Pia, 514-516 (T. 687949); **CAMPO PEQUENO -APOLO 70: Campo Pequeno**, Av. Júlio Dinis, 10, loja 18-19 (T. 771661); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **LUMIAR: Nicolau**, C. do Carriche, lote 4, loja, Esq. (T. 798727); **OLIVAIS SUL: Antunes Rosas**, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **PAMPULHA: Hospital da CUF**, C. do Sacramento (T. 609111); **PEDROUÇOS: Soc. Higilux**, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); **RATO: D. João V**, R. D. João V, 16-C (T. 682772); **SÃO VICENTE: Rosa & Viegas**, R. São Vicente, 31-37 (T. 864351); **ALGÉS: Miraflores**, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 2101161); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 922203); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO

ALVALADE - POTE D'ÁGUA: Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (T. 890131); **AMOREIRAS - CAMPOLIDE: Pinto**, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **ANJOS: Góis**, R. dos Anjos, 12-12-D (T. 840101); **AREEIRO - APEADEIRO: Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **BAIXA: Teixeira Lopes**, R. do Ouro, 154-155 (T. 324816); **CAMINHOS DE FERRO: Alves de Carvalho**, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **D. CARLOS I: Lis**, R. da Esperança, 17-19 (T. 660913); **ENCOSTA DO RESTELO - MOINHOS: Tanara**, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA: Saldanha**, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SETE RIOS: Canto**, E. Laranjeiras, 202-B (T. 780841); **BRANDOA: Correia**, E. Principal, lote 172 (T. 993148); **BURACA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova** R. Açores, 11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T. 2519939).

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777); **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, lote 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Carmele, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 933303). Permanente; **Dias & Brito**, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 934589). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça Cargaleiro**, Apelação. Até às 19 horas; **CACÉM: Guerra Rico**, entre lotes 6 e 7, Freixo Capitão (T. 9244002). Permanente; **MEM MARTINS: Quimia**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÉS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**. Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, Estefânia (T. 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM: Cortes**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas.

Outra banda

ALMADA: Macedo Henriques, R. Francisco Costa, lote 1 (T. 2751297). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Até às 22 horas; **LARANJEIRO: Almeida Araújo**, R D. Duarte, 7-B (T. 2292324) Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34, Quinta de Santo António (T. 2401060). Até às 19 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T 2233471); **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta G. Araújo, 12 (T 2073443). Permanente; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, (T. 2216355) Até às 22 horas; **SEIXAL: Alves Velho**, L Camões, 27, Torre da Marinha (T. 221132) Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008); **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE: Gameiro**, L António Santos Jorge, 15 (T. 234100); **SETÚBAL: Bocageana**, R. do Romeu. Permanente; **Bairros**, R. Rodrigues F. Costa, 27. Até às 22 horas.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

ALMEIDA CUNHA, R. Formosa, 327; **MORENO**, L. de São Domingos, 44; **AL RIO DE BARROS**. R. de Costa Cabral, 240; **CASTRO CARNEIRO**, R. do Padre Cruz, 146; **NOVA DE MONSANTO**, R. de Monsanto, 148

DE DIA E TODA A NOITE

GONDARÉM, R. de Gondarém, 360, Foz; **ALBERTO FERREIRA**, R. da Estação, 100; **SÃO DINIZ**, R. de São Diniz, 428; **ANTUNES**, R. do Bonjardim, 485; **BATALHA**, P. da Batalha, 26.

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

LUCIANO & MATOS, R. da Sofia; 7-11-1 (T 22147)

teatros

Lisboa

A BARRACA – «Um Dia na Capital do Império», às 21.30 (13 anos)
COMUNA – «A Castro», às 21.45 (13 anos)
PRIMEIRO ACTO – «Vigilância Especial», às 21.30 (18 anos)
CASA DA COMÉDIA – «A Marquesa de Sade», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Sem rei nem rock» 20.30 e 22.45 (18 anos)
VARIEDADES – «Há mas são verdes» 20.30 e 23.000 (18 anos)
D. MARIA II – «Fernando talvez pessoa» 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «O Suicidário» 21.30 (13 anos)
ABC – «É Sempre a Aviar!» às 20 30 e 23 00 (18 anos)

DL

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

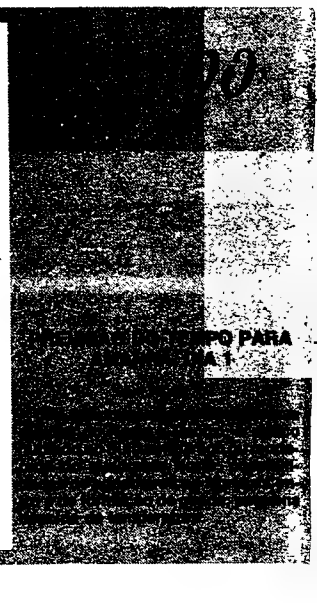
O TEMPO

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.42	4,3 m	11.21	0,8 m
18.01	4,1 m	23.35	0,9 m
	Dia 1		
6.20	4,1 m	11.55	1,0 m
18.38	3,9 m	24.12	1,1 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	13º
BRAGANÇA	8º
VILA REAL	9º
PORTO	13º
PENHAS DOURADAS	2º
COIMBRA	11º
CABO CARVOEIRO	13º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	13º
ÉVORA	10º
BEJA	10º
SAGRES	14º
FARO	13º
PONTA DELGADA	13º
FUNCHAL	15º



últimas

DL

POR AMANHÃ ser feriado nacional, não se publica o «Diário de Lisboa», estando encerrados todos os nossos serviços.

A JUSTIÇA FRANCESA considerou na 4.ª feira «em estado de demência quando se deram os factos» o estudante japonês Issei Sagawa, encarcerado desde 18 de Junho de 1981 sob a incriminação de homicídio voluntário, por ter morto e devorado em parte uma estudante holandesa. Detido até agora numa penitenciária em Paris, o japonês deve ser transferido para um hospital psiquiátrico. Segundo as conclusões de três psiquiatras franceses, Sagawa, encontrava-se em estado de demência, quando, a 11 de Junho de 1981, matou com um tiro na cabeça Renée Hartewelt, uma estudante holandesa de 25 anos, cortou o seu cadáver, tirou fotografias do corpo despedaçado e devorou alguns bocados de carne antes de abandonar os restos no Bois de Boulogne (oeste de Paris).

O SECRETÁRIO-GERAL DA ONU, Perez de Cuellar, chega amanhã a Lisboa para uma estadia entre nós, até ao dia 6. A visita tem carácter particular até dia 4.

Manuela Eanes a um jornal grego:

"Crianças e Terceira Idade dominam o meu dia-a-dia"

«Uma mulher com os pés bem assentes na terra, que não se deslumbrou com o poder», foi o modo como a jornalista Eleni Bistika do «Kathimerini», de Atenas, definiu Manuela Eanes, após uma entrevista que lhe fez no decorrer da visita de Estado que o Presidente da República Portuguesa efectuou à Grécia no princípio da segunda quinzena do mês em curso.

A jornalista salienta no texto publicado naquele jornal, que aborda assuntos femininos, o interesse sempre dado pela dra. Manuela Eanes, licenciada em direito, aos problemas sociais, à criança e à terceira idade.

Posta a questão, a dra. Manuela Eanes afirmou que «os problemas das crianças e da terceira idade dominam o meu dia-a--dia em Portugal. Antes do meu casamento trabalhei em instituições sociais e continuei a fazer a mesma coisa depois das eleições». Lembrou, a propósito, que dias antes da sua partida para Atenas se constituíra, em Lisboa, o Instituto de Apoio à Criança, organização tendente à procura e implementação de soluções para as carências com que a criança se debate, que

para tal conta com o apoio da Unicef. Na própria Grécia, a dra. Manuela Eanes visitou centros de crianças diminuídas e outras realizações ligadas à organização nacional das obras sociais.

A jornalista Eleni Bistika salienta, na entrevista a óptima impressão que a dra. Manuela Eanes lhe causou, «pela sua simpatia irradiada, pela espontaneidade revelada, e também pela disponibilidade assumida com a Imprensa», visto que «acessível e sem qualquer pressunção, a dra. Manuela Eanes recebeu todas as jornalistas que com ela pretenderam avistar-se, atitude contrastante sobremaneira com a de outras primeiras damas que nunca encontram tempo para dialogar com os profissionais da Informação».

Firmemente interessada nas questões relacionadas com a mulher e sua forma de intervenção na sociedade, Manuela Eanes salientou o facto de, em Portugal, certos movimentos femininos manterem contactos com partidos políticos, sublinhando, nomeadamente, a acção desenvolvida pela comissão para a Condição Feminina, «que desenvolve um trabalho muito útil, sem fins políticos», com cuja presidente, Joana Barros Baptista «uma mulher dinâmica» Manuela Eanes colabora na troca de pontos de vista e de informação com comissões semelhantes, igualmente sem índole política.

A terminar, Manuela Eanes aproveitou para referir que um membro da Comissão para a Condição Feminina se deslocará a Atenas, em Maio ou Lunho próximos, a fim de tratar de questões da especialidade.

Homicida preso quando fugia de avião

A Polícia Judiciária prendeu já um dos autores do homicídio de que foi víima no dia 10 do corrente mês o técnico de rádio junto ao seu estabelecimento no Campo Grande, 296-A em Lisboa.

Como então noticiámos, o modesto industrial Sílvio Almeida Martins, de 42 anos, pouco depois das 19 horas fechara o estabelecimento e dirigia-se para o automóvel com a mulher a fim de regressar a casa. Levava consigo uma pasta contendo a receita do dia.

Foi então que um jovem tentou arrancar-lhe a pasta e perante a natural resistência o assaltante alvejou-o a tiro, à queima-roupa, fugindo em seguida numa mota que outro jovem conduzia. A vítima viria a falecer a caminho do hospital.

Dois dias depois a Judiciária deteria um deles no Bairro da Musgueira, de nome Mário, com 23 anos de idade. Apesar de se movimentar com bengalas canadianas em virtudes de um acidente de mota ocorrido depois do assalto, viria a fugir das instalações da Judiciária, saltando do primeiro andar quando estava a ser interrogado. No entanto, os investigadores policiais voltariam a prendê-lo quando mesmo se encontrava já a bordo de um avião prestes a descolar rumo à Suíça.

O cúmplice no homicídio, já identificado, ainda não foi localizado pelo que a PJ prossegue as diligências nesse sentido.

Mantida em vida artificial até nascer o filho

Uma mulher cujas funções cerebrais tinham parado em Janeiro deu à luz na terça-feira uma criança cujo estado de saúde foi considerado excelente pelos médicos, anuncia o jornal californiano San Francisco, «Examiner».

A jovem, cujo nome naõ foi divulgado, tinha sido acometida de apoplexia a 24 de Janeiro. Tinha sido declarada legalmente morta no dia seguinte, pois o cérebro deixara de funcionar. Os médicos escolheram então mantê-la artificialmente em vida para permitir ao feto a continuação do seu desenvolvimento.

Na terça-feira, dia em que o feto totalizou 31 semanas, os médicos aperceberam-se de que o seu rítmo de crescimento abrandava e que o sangue da mãe começava a infectar-se. Realizaram então uma cesariana e a criança, um menino, nasceu. Os aparelhos que mantinham a mãe artificialmente vivi foram desligados e o coração deixou de bater.

Técnico da NASA, já na ilha, confirma

Madeira afundou-se seis milímetros em oito meses

A ilha da Madeira afundou-se seis milínetros durante os últimos oito meses – apurou o «DL» junto de fontes fidedignas. A confirmação do fenómeno foi-nos feita pelo professor Harry Waits, da Faculdade de Tecnologia de Iowa e que se tem distinguido com vários estudos para a NASA.

ilha da Madeira afundou-se seis milínetros durante os últimos oito meses – apurou o «DL» junto de fontes fidedignas. A confirmação do fenómeno foi-nos feita pelo professor Harry Waits, da Faculdade de Tecnologia de Iowa e que se tem distinguido com vários estudos para a NASA.

O fenómeno não é novo, mas só a observação facultada através de satélites artificiais, como é o caso dos Intelsat I e II, permitiu determinar a verdadeira dimensão do afundamento. O movimento, ao que se constatou agora, é mais acentuado na ponta leste da Madeira, o que poderá determinar o fim imediato das obras de prolongamento do aeroporto de Santa Catarimn.

Os dados científicos que noticiamos não foramentretanto confirmados pelo presidente em exercício do Governo Regional da Madeira, Bazenga Marques. O presidente efectivo, Alberto João Jardim, terá chegado ontem à noite, a Sidney, a Austrália, onde se desloca em visita oficial.

Os resultados dos complicados cálculos que foram entregues ao sistema de computadores da NASA só foram conhecidos há dois dias, mais concretamete na terça-feira à noite. Uma equipa de técnicos norte-americanos desembarcou em Santa Catarina logo na manhã de ontem, trasportada num «Hércules C-130» que voou directamente dos Estados Unidos até à ilha da Madeira.

O Governo Regional, por sua vez, reunido de emergência ontem, durante toda a manhã, no meio do maior sigilo, tentou em vão contactar Albeto João Jardim, que tinha uma escala prevista para Singapura. O objectivo era apurar qual o comportamento a adoptar junto à opinião pública se algo transpirasse e, por outro lado, comunicar-lhe as previsões tranquilizadoras do prof. Harry Waits, chefe da referida equipa e participante no plenário do executivo regional.

«Estes movimentos, particularmente no que respeita a ilhas, são relativamente vulgares e nunca tiveram consequêcias, como é do conhecimento público» – dir-nos-ia Harry Waits, esta manhã, no hotel em que se encontra hospedado, aguardando «luz verde» para fazer investigações «in loco».

O professor americano ressalvou-nos ainda que os fenómenos já detectados noutras paragens não têm uma amplitude perfeitamente determinada, o que fica a dever-se à recente utilização de satélites artificiais. Este tipo de investigações.

População na ignorâcia

A população madeirense mantém-se entretanto na mais completa ignorância de tudo o que se passa, até porque o controlo da informação no arquipélago dificulta a penetração de determinado tipo de notícias.

O primeiro sinal de que algo de anormal se verificava e surgiu, em contrapartida, no campo económico, com movimentações de capitais que ontem surpreendiam os especialistas de Lisboa. Foi o caso de trasferêcias bancárias e de compra imediata de imóveis na capital e arredores.

O correspondente do «DL» no Funchal, confrontado com o nosso pedido de informações mais concretas, manifestava-nos pelo seu lado apreensões quanto ao futuro, porque se tornam inevitáveis movimentos migratórios semelhantes aos que fazem sair açorianos sempre que se verifica mais um sismo naquele arquipélago.

O nosso correspondente apurava por outro lado que nos círculos do Governo Regional se aguardava a antecipação do regresso de Alberto João Jardim, que como dissemos já se encontra na Austrália. Ele deverá contudo passar por Lisboa para consultas junto do Governo da República e certamente do próprio Presidente Eanes.

As consequências políticas para o líder madeirense serão inevitáveis, porque em situações de crise política, como a que se viveu em 1975, ele não terá tanto espaço de manobra para acenar à população com a possibilidade de ser declarada a independêcia do arquipélago, face a possíveis resistências de Lisboa.

A situação abre, por outro lado, novas perspectivas à ilha de Porto Santo, que além de alternativa aeroportuária passará agora a representar uma plataforma muito mais estável. Na verdade, e curiosamente, no caso desta pequena ilha não foram detectados quaisquer movimentos no sentido do afundamento.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO – 35 599 – 60 000 CONTOS
2.º PRÉMIO – 82 259 – 18 000 CONTOS
3.º PRÉMIO – 6 195 – 9 000 CONTOS

A Sorte Grande e o 3.º Prémio foram vendidos aos balcões da CASA DA SORTE.

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA – BRAGA – PORTO – AVEIRO – COIMBRA – SETUBAL – FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1º PRÉMIO

Nº 598 [illegible]
Nº 600 [illegible]

PRÉMIOS DE 180 CONTOS

61, 167, 1 395, 1 826, 2 106, 3 388, 3 998, 4 629, 6 [illegible] 6 672, 9 750, 9 943, 10 075, 13 338, 13 590, 14 936, 15 649, 15 87[illegible] 16 423, 18 816, 20 124, 22 567, 26 622, 28 095, 30 811, 31 903, 36 2[illegible] 37 388, 37 740, 38 545, 38 948, 41 033, 45 045, 45 676, 45 975, 50 2[illegible] 50 626, 50 642, 51 752, 57 768, 61 482, 68 788, 69 163, 69 534, 69 [illegible] 71 214, 72 245, 75 397, 80 029, 80 060, 81 821, 84 169 e 84 813.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

30.000$ – 089, 377, 423, 556, 610, 658, 728, 791, 997 e 999.
21.000$ – 195, 259 e 599.
9.000$ – 67 e 73
4.800$ – 9 (terminação)

PRÉMIOS DE 9.000$00 (CENTENAS)

6 101 a 6 200 35 501 a 35 600 82 201 a 82 300

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 3 / 10 / 83

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Lisboa, 31 / 3 / 83

Diário de Lisboa

LER ESCREVER

Suplemento literário

N.º 104 ● 31 de Março de 1983

UM GABINETE PRIVADO

III
O fim enigmático de uma pintura

Fernando Guerreiro

ATRAI-ME, antes de mais, a **moralidade** do quadro.

Ou melhor, a forma como tudo na sua composição (a perdição dos actores e o acordo ou ritmia dos actos – a mecânica que eles sugerem) se dispõe para servir fazer passar a moral da pintura: uma moral, dada aqui não como pré-existência de um juízo (definitivo), mas como uma segregação material da pele e dos adornos dos corpos: um leve excesso (um suór que não escorre...) ou a lição das coisas (que mal recobre a própria «fala» dos gestos e das figuras).

A tela (intitulada, pelo menos na reprodução a preto e branco que conheço: **Mulher entre duas idades do homem**, óleo de autor não identificado) apresenta, de facto, uma mulher cadeada por dois homens.

Ao centro, a mulher, ainda jovem (como noutras telas da mesma escola), encontra-se simultâneamente nua (dada por inteiro, de frente) e coberta (por jóias inúmeras e um longo véu, de gaze). Os dois homens são de diferente idade: um o mais jovem, traja como um nobre, usa brincos e tem um pequeno bigode; o outro, mais velho, veste uma espécie de toga ou manto aberto (de aspecto judicial – ou só de trazer por casa) e na cabeça usa um pequeno gorro (que não cobre, tapa, as grandes abertas do seu cabelo já ralo e branco). (*)

O que na tela há, contudo, de mais significativo, inscreve-se no plano da **pose** (de cada elemento e do conjunto): assim, a posição erecta (e confiante) do homem mais jovem (que inclusivamente acaricia, com uma das mãos, por debaixo do leve tule, o seio nu da jovem), contrapõe-se à atitude servil do homem de mais idade que não só inclina (como numa reverência) as costas e a cabeça, como nela não toca e antes repele a carne da jovem (as suas mãos p. ex., mexem-se **sós** no primeiro plano da pintura).

Como nivela a pose da bela esta diferença de atitudes?

Porque ela de facto, é o centro de interesse (e de composição) da tela...

Simplificando podemos dizer que a expressão do seu corpo tem muitos olhos, i. e., inscreve-se em **diversos planos eróge-nos**.

Em primeiro lugar, pela posição inclinada do tronco, ela descai para o lado do homem mais jovem e aceita que este, senão o pulso, pelo menos o peito lhe tome; as mãos, contudo, vêm a afirmar um segundo plano de significância; assim, enquanto a mão esquerda, junto ao homem mais jovem, se mantem suspensa (inexplicável?) e virada para o espectador (com um dos dedos formando, com o polegar articulado, o que já designámos – a propósito do **Duplo retrato de Gabrielle d' Estrées e da Duchesse de Villars** – por um **centro eró(p)tico**), a mão direita, mais afastada do corpo, e dada de perfil (ao mesmo tempo que o indicador e o polegar formam um mesmo globo óptico), avança na direcção do homem mais velho, para lhe entregar (perdeu-os onde?, no seu corpo?) uns redondos óculos.

A lição moral a retirar deste quadro seria assim simples, se

Continua na pág. 2

NOS CAMINHOS DE PIERRE JEAN JOUVE

Os tormentos de «La Scène Capitale»

UM estranho e fulgurante período da literatura francesa. 1932: Pierre Jean Jouve publica **Histoires sanglantes.**

1935: eis **La scène capitale,** título definitivo das duas obras, depois reunidas, e que agora são reeditadas. Entretanto, houvera **Moments d'une psychanalyse,** escrito com a esposa, Blanche (NRF, 1 de Março de 1933), e **Sueur de sang,** com o famoso prefácio: «Inconsciente, espiritualidade e catástrofe». Jouve leu o **Wozzeck** de Buchner, que volta a encontrar com Alban Berg. O Mozart do **D. Juan** começa a persegui-lo. Sente-se fascinado pela representação dos **Censi** de Artaud – com cenário de Balthus, um dos ilustradores do poeta.

Jouve alcança os cumes ao mergulhar nas profundezas; vagueia por húmidos corredores para chegar, na sua negra saída, a uma fruição tão total como ambígua no triângulo sangrento do eros, da morte e da falta. Depois de Baudelaire, Lautréamont, Rimbaud e Mallarmé, também Freud passou por ali, quando nessa Europa dos anos 30 começavam tempos apocalípticos.

La scène capitale é tudo isso numa obra-prima. Apesar disso, não há nada de mais caótico que este livro! Uma novela, **La fiancée** –, inspirada em **Wozzeck** e seguida de nove sonhos, por sua vez seguidos de duas narrativas, **La victime** e **Dans les années profondes,** de que Joe Bousquet diria com justeza que «não são, em nada, matéria romanesca» –, mas «o mesmo drama, visto primeiramente sob o ângulo da queda e depois sob o da salvação» **(Cachiers du Sud,** Abril de 1936).

«Parti sem ter visitado a tumba»

Este último romance de Jouve não é um romance, embora venha fechar a parte de ficção não-poética do autor. E a tentativa de descrição de formigueiros interiores, de fenómenos oscilatórios entre a razão e a sem-razão, da vigília ao sono, do sonambulismo ao acto consciente e violento. Essas histórias de assassínios e de amores, em que pululam as imagens sexuais e em que à descrição erótica de uma cabeleira se sucede a descrição de paisagens reais mas consubstanciais com as profundezas do psiquismo, perturbam-nos actualmente tanto ou mesmo mais ainda que na altura em que se nos revelaram.

Houvera, antes, **Paulina 1880, Le monde désert, Aventure de Catherine Crachat.** E eis que, numa cena capital, Jouve expele aquilo que trazia em si havia perto de dez anos. Põe fim ao período «romanesco» num sangrento tormento que purga toda uma fase da sua vida, numa sangrenta viragem em que se combinam os seus sonhos, as suas angústias, os seus encontros com esta ou aquela mulher ou... com algum padre disfarçado. Em cenas tensas como «um campanário branco, erecto», em que «a erecção do mundo» revela uma cabeleira cheia de odores, conquista, aos dezassete anos (idade mítica na obra), Helena, a matriz-ama-amante de quarenta e três anos que, ao ser penetrada, urra de prazer e morre. Jouve liberta-se – pessoalmente e literariamente – num único combate. «Parti sem visitar a tumba»; últimas palavras do romancista: «A sua obra romanesca tinha realizado a sua função libertadora e perdera a razão de ser; Jouve abandonou-a definitivamente».

Haveria, mais tarde, além dos escritos da Resistência, as prosas autobiográficas, as reflexões sobre música e pintura, a intensa criação poética em que Helena e outras – da Virgem às putas – se mostrariam, em que o «interior» e o «exterior» seriam uma e a mesma coisa (os cumes e as ravinas), em que Cristo figuraria ao lado dos seios e das coxas de Lulu – nesse «labirinto em que os arbustros vivos/ Esfolaram o espírito em regatos de sangue». Mas fora necessária uma certa cena capital para que se desse essa erecção do poeta – cuja obra **aberta** avança em surdina como uma toupeira da nossa história.

Retrato gravado de Jouve (1924), por Frans Masereel

JACQUES DECORNOY

* La scène capitale, **de Pierre Jean Jouve, Gallimard (Col. «L' imaginaire»), prefácio de Jean Starobinski, 27 f.**

*Les romans de Pierre Jean Jouve, le romancier en son miroir, **de Simonne Sanzenbach (Vrin, 1972).**

Poema do jardim

A margem do rio nunca se altera
As crianças podem cair sem perigo
(A mulher chegou e desceu ao chão)

O lenço cai no azul da camisola
Será, pois, feito de azul ou não
o desenho mental do seu olhar?

Descansava no olhar do fotógrafo
Perdia-se o sol no lado esquerdo
Entre a fronte e o pescoço branco

Será também azul o percurso, a luz
do sorriso que se levanta para quem
na tarde vê os limites dum retrato.

Que limite se desenha para o quadro?
Tudo o que não cabe na fotografia
ou o que fica por dizer no poema?

JOSÉ DO CARMO FRANCISCO

Diário de Lisboa
LER ESCREVER

SOBRE A LITERATURA E

O jovem Marx criticado p

O pai de Marx

Karl Marx no seu tempo de estudante

EM Dezembro de 1836, três meses depois de dar entrada na Universidade de Berlim, Marx envia três cadernos de poemas a Jenny von Westphalen, de quem estava noivo em segredo, desde as férias do mesmo ano, em Trèves. No fim do semestre universitário, em Fevereiro-Março de 1837, preenche um novo caderno de versos que envia ao pai, na altura em que este completa 55 anos. Alguns meses depois, Marx, que acaba de fazer 19 anos, numa carta ao pai, de 10 de Novembro de 1837, critica severamente essas tentativas juvenis impregnadas de um romantismo estranho à vida real e de que denunciará mais tarde o espírito reaccionário. Nesta carta dá parte também da sua passagem do anti-hegelianismo ao hegelianismo.

Querido pai,

Há momentos na vida que são como marcos ao longo da estrada percorrida, mas indicam, ao mesmo tempo, uma nova direcção e uma nova certeza.

Nesses momentos de transição, sentimos a necessidade de considerar o passado e o presente com o olho de águia do pensamento a fim de sabermos qual a nossa verdadeira situação. A própria história se contempla e compraz nessa visão retrospectiva, o que lhe dá frequentemente a aparência de parar e de regredir quando apenas se atira para uma cadeira, a fim de se compreender a si própria, para penetrar através do espírito na própria acção, a acção do espírito.

Ora, nesses momentos, o homem isolado torna-se lírico, porque todas as transformações são, por um lado, um canto de cisne e, por outro, o introito de um novo e grande poema, que procura tomar corpo nas cores brilhantes, mas ainda confusas. No entanto, gostaríamos de erguer, desde logo, um monumento ao que se viveu de uma vez por todas, para que esse passado encontrasse no sentimento o lugar que perdeu na acção. Onde haverá para isso um lugar mais santo que o coração dos pais, o juiz mais suave, o mais profundamente simpático, o sol da afeição, cujo calor aquece o centro mais íntimo dos nossos esforços? De que maneira infortúnios e actos criticáveis poderão obter melhor perdão e ser redimidos do que tornando-se fenómenos de um estado essencialmente necessário? De que outra maneira os acasos infelizes, as aberrações do espírito poderiam fazer-nos escapar à censura de nos faltar o ânimo?

Agora, ao fim de um ano passado aqui, já que lanço um olhar para trás, para os acontecimentos desse período e respondo assim, querido pai, à tua tão estimada carta de Ems, gostaria que me fosse permitido examinar e a minha situação segundo o modo como considero a vida em geral, como a expressão de uma actividade intelectual que se manifesta em todas as direcções, no saber, na arte, nas coisas pessoais.

No momento em que te deixei, abria-se para mim um mundo novo, o mundo do amor, de um amor a começar, cheio de desejos, mas vazio de esperanças. Até a viagem para Berlim que, noutra disposição de espírito me teria encantado imenso, incitado a contemplar a natureza, inflamada da alegria de viver, me deixou frio, me provocou até um surpreendente mau amor, porque os rochedos que via não eram mais rudes, mais orgulhosos que os sentimentos que me iam na alma, as grandes cidades mais vivas que o meu sangue, as mesas dos hotéis mais repletas, mais indigestas que as remessas de ilusão que eu levava e, por último, a arte não era tão bela como Jenny.

Logo que cheguei a Berlim, interrompi todas as relações que até aí tinha mantido. Contrariado, fiz algumas visitas – poucas – e tentei entregar-me por inteiro à ciência e à arte.

No estado de espírito em que, nessa altura, me encontrava, a poesia lírica devia necessariamente constituir a minha primeira tentativa, pelo menos a mais agradável e acessível; mas, como o exigia a minha situação e toda a minha evolução anterior, essa poesia só poderia ser idealista. Construí o meu céu e a minha arte de um além tão longínquo como o meu amor. O real dilui-se por completo e deixa de haver limites para aquilo que se dilui. Ataques contra o presente, sentimentos vagos e confusos, uma ausência total de naturalidade, construções nas núvens, o contrário do que é e do que deve ser, reflexões retóricas em vez de ideias poéticas, mas talvez também um certo calor sentimental e algum esforço de elevação, caracterizam todas as poesias dos três primeiros cadernos que mandei a Jenny. A medida de uma aspiração sem limites manifesta-se aí debaixo dos aspectos mais diversos e faz da minha poesia uma diluição.

Mas a poesia só podia e devia ser um acompanhamento. Tinha de estudar direito e sentia, sobretudo, a necessidade de medir as minhas forças no campo da filosofia. Combinei, portanto, as duas disciplinas. Por um lado, estudava, como um aluno incipiente e sem o menor senso crítico Heineccius, Thibaud e as fontes, traduzidndo, por exemplo, em alemão, os dois primeiros livros do **Pandectas** e, por outro, tentava construir uma filosofia do direito no domínio do direito. À guisa de introdução anotei algumas frases metafísicas e levei essa obra infeliz até ao direito público, o que redundou num trabalho de perto de trezentas folhas.

(...) Ao chegar ao fim do direito privado referente aos bens, reconheci a falsidade do conjunto, cujo esquema de base lembra o de Kant, mas que, no desenvolvimento, se afasta dele totalmente. Compreendi, de novo, que, sem a filosofia, era impossível chegar a bom termo. Pude, por conseguinte, lançar-me outra vez nos braços da filosofia e escrevi um novo sistema metafísico. Quando o acabei, fui novamente forçado a reconhecer como era absurdo e como eram também absurdos todos os meus esforos precedentes.

(...) No fim do semestre, procurei de novo as danças das Musas, e a música dos Sátiros e, no último caderno que te mandei, o idealismo transparece através de um humor forçado **(Skorpion und Felix)** ou através de um drama fantástico e falhado **(Oulanem),** para mudar, por último, de alto a baixo e rematar numa arte puramente formal, sem objecto de exaltação e sem qualquer elevação nas ideias.

Estas últimas poesias foram, no entanto, as únicas que, repentinamente, me fizeram entrever, como por artes mágicas – ah! como esse choque, ao princípio, me perturbou – o reino da verdadeira poesia, resplandecente como um palácio longínquo e feérico. Nessa altura, todas as minhas criações poéticas se desfizeram em pó.

Devido a essas múltiplas ocupações, durante o primeiro semestre, passei muitas noites em claro, sofri muitos impulsos, tantos internos como externos, lutei em várias frentes para afinal não me ver mais enriquecido do que antes e ter, entretanto, desprezado a natureza, a arte, o mundo e repelido os amigos – eram estas as conclusões a que o meu ser parecia chegar. Um médico aconselhou-me o campo e, pela primeira vez, depois de ter atravessado toda a cidade, vi-me em Stralow, fora das muralhas. Tinha a certeza de que o ser débil e anémico que eu era se desenvolveria fisicamente em contacto com a natureza e se tornaria são e robusto.

Uma cortina caíra, estava demolido o meu santuário e era preciso substituir os deuses.

Depois de partir do idealismo que, diga-se de passagem, confrontei e nutri com o de Kant e Fichte, consegui procurar a ideia no próprio real. Se, noutro tempo, os deuses habitaram por cima da terra, agora passavam a constituir o centro.

Já tinha lido fragmentos da filosofia de Hegel, cuja melodia áspera e grotesca me desagradava. Desejava mergulhar no mar, mais uma vez, mas com o desejo bem definido de encontrar a natureza espiritual tão necessária, tão concreta e tão claramente delimitada como a natureza física. Desejava não voltar a esgrimir proezas; queria levantar a pérola pura à luz do sol.

Escrevi um diálogo de cerca de oitenta folhas, que intitulei «Cleanto ou Acerca do Ponto de Partida e do Desenvolvimento Necessário da Filosofia». A arte e a ciência, que estavam completamente separadas, de um modo ou doutro, tornavam-se, neste caso, aliadas. Viajante atento, meti mãos à obra, a uma análise filosófico-dialéctica da dividndade que se manifesta como Ideia em si, como religião, como natureza, como história. A minha última frase era o início do sistema de Hegel e esse trabalho, através do qual me familiarizei um pouco com as ciências naturais, com Schelling, com a história, que me causou infinitas dores de cabeça e está escrito

Jenn

de modo tão confuso (quando, na realidade, devia ser uma lógica nova) que, hoje, até em pensamento me é difícil mergulhar nele, esse trabalho, dizia eu, esse filho preferido, acarinhado ao luar, arrastou-me, como uma sereia pérfida, para os braços do inimigo.

Despeitado, vi-me, durante alguns dias, na impossibilidade de pensar. Passeava como um desvairado no jardim das margens do Sprée, cuja água suja «lava as almas e aclara o chá» (1) e até fui a uma caçada com o dono da casa onde estava hospedado. Corri a Belim com desejos de abraçar todos os comissionistas da esquina.

(...) O aborrecimento que me

Todas as fontes são lentas

Todas as fontes são lentas. Perdem-se
nesse violento ofício de correr baixo
junto das bocas debruçadas.
Às vezes imagino: – para que serviria uma fonte
oculta pelo nevoeiro toda a manhã?

Eu penso que um dia hei-de morrer lentamente,
ouvindo uma espantosa guitarra.
Então desejaria saber cantar.

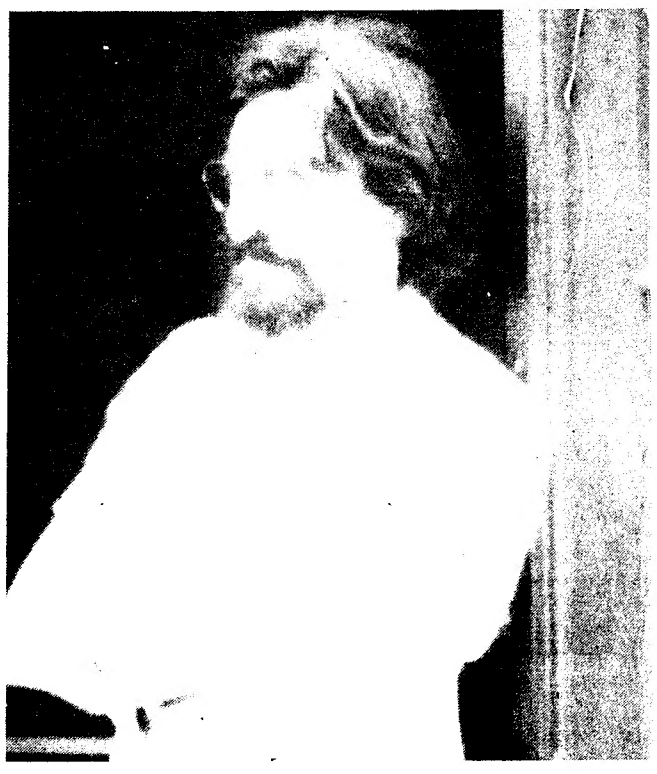
Cantam ternamente
as fontes da Primavera. Eu sei.
Todas as fontes morrem quando dormem
ocultas pelo bater imaturo das guitarras.

Às vezes desejo não saber cantar, então sonho
completamente cego,
ou amo o gemer das mais longínquas cidades.

Sei de cidades abertas ao exercício da vida
e desejaria uma só vez poder nelas gritar
o que um homem imagina em noites destas,
tão cegas, tão lentas,
como o bater desgraçado das guitarras.

Todas as noites penso ir-me encontrar-me.

MÁRIO R. CORDEIRO
(in «Nau Eléctrica»)



Um gabine

Continuação da pág. 1

outros sinais nele não viessem lançar uma indistrinçavel bruma ambígua.

Vamos por partes.

Em primeiro lugar, a figura feminina se deixa que o homem jovem a toque mantém-se isolada de ambas as figuras masculinas (até porque nunca deixa de ser, para o espectador, ainda antes que a alegoria funcione, o **centro** da pintura).

A sua mão esquerda, por exemplo, nada faz para prender o homem mais jovem, que contudo a segura; ela **aceita** o seu movimento, mas não o **completa** com o desperdício de um gesto (ou assentimento). Por outro lado, o arabesco das duas mãos – e os falsos centros ópticos que, meticulosamente articulados, pelos seus dedos rolam-reforça o isolamento da figura feminina do resto do conjunto: é dela que vem todo o **sentido** (a lição moral) e o próprio **movimento** (que pode ser dado numa «pose», de reserva).

Falta-nos agora fazer referência àquilo que, no quadro, é fonte de maior distânciamento: distanciamento da mulher em relação ao quadro e da sua figura (significante) em relação ao próprio plano do sentido.

Referimo-nos ao **olhar** – um olhar que nela se volta para o outro lado do quadro, não para o acto (a distribuição de valores que ele encerra) mas para o espectador da própria tela.

Olhar que nos devolve, também, o conjunto de sinais e a própria representação (moral) da tela: que nos remete para o que, no quadro, é a própria prática material do retórico.

Se os olhares dos dois homens confluem no seu corpo, se o próprio significado alegórico dos actos se passa no primeiro plano da tela, este **segundo olhar** reconduz a sua lição ao enigma a partir do qual funciona (ao primeiro problema que ela invariavelmente coloca: **o da presença da mulher no centro do «tema» e do figurativo).**

EA ARTE
or si próprio

yon Westphalen (esposa de Karl Marx)

causou a doença de Jenny, o fracasso de todos os trabalhos que fiz em vão e o despeito que me roía por ter de arvorar em ídolo uma concepção que me era odiosa puseram-me doente, como já te mandei dizer, querido pai. Logo que me vi restabelecido, queimei todas as poesias, todos os planos de novelas. etc., com a ilusão de que me era possível renunciar a isso por completo e a verdade é que, até agora, ainda não dei provas em contrário.

Durante a minha indisposição, Hegel de uma ponta a outra e familiarizei-me com a maior parte dos seus discípulos. Depois de várias reuniões a que assisti em Stralow, com amigos, entrei pra um clube de académios, entre os quais se encontravam alguns catedráticos e o mais íntimo dos meus amigos berlinenses, o doutor Rutenberg. Na discussão, manifestaram-se muitas opiniões contraditórias e liguei-me cada vez mais a esta filosofia do mundo contemporâneo, a que tinha julgado poder escapar (...)

(Marx: «Carta para seu pai, datada de 10 de Novembro de 1837». Feuvres, tomo I, II parte, pp 213-220, Mega, tradução de Albano Lima)

(1) Verso de Heine tirado de um poema de «Buch der Lieder»

e privado

Escrevemos atrás que o que mais nos atraía, a um primeiro olhar, nesta tela, era a articulação do significante dedilhado de modo a poder servir de cénico aparato a uma moral: história); resta-nos agora fechar o círculo do olhar com um segundo movimento da frase: denotar, finalmente, que o excesso de produção significante no quadro (o corpo da mulher, o fascínio dos seus gestos, a irredutibilidade do olhar) transforma a (re-) produção da moral em (no oco sentido do) enigma e mistério originais e inerentes à própria condição (laboral/artesanal) da pintura.

Porque se a cor (o corpo) é uma mulher (a sua concreção máxima: objectal e metonímica), a aderência a essa cor (corpo) é um espaço que não permite a vinda (posse?) de nenhum outro sentido a não ser, precisamente, o que subscreva indefinidamente (numa pura perdição?, perda?) o sem fim de um sentido que, porque nos prescinde, sem nós e fora de nós **sem fim continua e se precisa**...

NOTA:

(-) Numa outra versão do quadro (cf. L'École de Fontainebleau, **Éditions des Musées Nationaux, Paris, 1972, gravuras 247 e 48, pp. 220/.1) as figuras, com pequenas variantes de atitude, surgem «vestidas». Se uma única (opaca) no corpo da mulher substitui o tule (embora o decote do peito, com gaze transparente, respeite uma mesma ordem de desejo e deixe à vista um mamilo), as roupas dos homens (que, depilados, deixam de ter bigode) sofrem um segundo efeito de cobertura (ou de duplo revestimento ideológico e alegórico): assim, as vestimentas mais mundanas dos homens mais e menos jovem são subtituidas por outras roupas mais compactas e indiferenciadas, que permitem um menor trabalho de fixação significante no pormenor e no acessório (do mesmo modo, do corpo da jovem desaparecem as jóias). No entanto, prova de que nem tudo é simples ou unívoco (i. e. de que os mesmos significantes podem ser simultânea ou sucessivamente recobertos por diferentes sentidos), torna-se mais evidente, nesta segunda versão, o peso da carga ideológica: de um lado temos a personagem com as roupas de um jovem** Dante **(ou poeta), do outro um** clero **(mais retraído e que esconde as mãos sobre a roupa). Estaríamos assim, perante duas versões de uma mesma** cena fictiva **(ou «história»): a mundana e a culta, a erótica e a «moral» (alegórica).**

TEIAS ● TEIAS ● TEIAS ● TEIAS ● TEIAS ●

UM jogo perigoso, o das palavras. Construir o texto, pouco a pouco, como uma teia, sem por, de, mas... Apenas palavras que digam coisas. Mar. Casa. Areia. Vento.

Depois apenas um a, de, e. A casa de mar, areia e vento. E assim tecendo-se. O vento da casa de areia e mar. Mar, areia e vento, de que é feita a casa. Entremos.

L. brinca com uma folha de papel branco, enorme, a toda a largura e comprimento do chão. Constrói lentamente um texto com conchas, objectos vários, palavras, artigos e vírgulas que as ligam.

Ao mínimo descuido sabe que pode comprometer a construção. Enganar-se na disposição dos materiais, das letras, por exemplo. Csaa. Encontra a explicação das ruínas. O processo da sua fabricação.

Assim, escreve: um guarda-sol, cadeiras de praia listadas, uma cana de pesca consideralvelmente danificada. Objectos dispersos, de antigo uso, e agora abandonados. Como letras.

L., e é esse o segredo da escrita, pensa, procura dar-lhes um sentido. Arrumar a casa. Alterar todas as proporções, todos os nomes. Enumerar os embates.

Entretanto, acende um cigarro e prepara um banho, enquanto vai dar de comer aos gatos.

L. sabe que jamais seria capaz de construir, acabar o texto. Pelo mesmo motivo talvez porque lhe é impossível arrumar a casa. Limita-a a um espaço possível que compartilha com o silêncio morno do estar em todos os lados dos gatos.

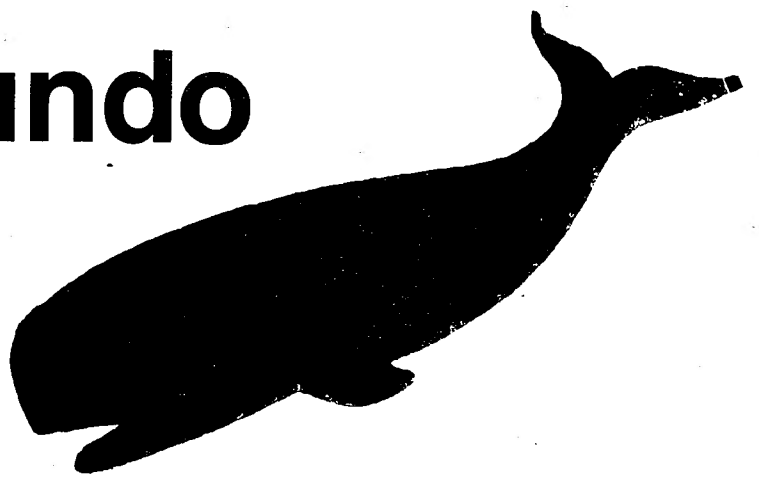
Após o banho voltará à escrita. Enumerações infindáveis. Camisolas que, como Ariana, tece com três e mais braços.

Por isso L. tem imensas camisolas lindas que nunca veste. E tricota. Ao fim da tarde tricota sempre. Quando escreve, sentada na mesa de madeira, rodeada do peso dos cactos.

Lisboa/82

José Manuel Vilhena

A notícia do fim do mundo



João de Melo

(...) Um dia, os navios passaram ainda mais rente à costa e alguém espalhou pela freguesia a notícia do fim do mundo. As crianças tinham ouvido dizer o padre Governo que a morte do mundo estava escrita nas profecias da Bíblia. Primeiro, era a explosão dos astros e o incêndio do céu, depois a água do mar invadiria a Ilha, não ficaria pedra sobre pedra nem criatura viva ao cimo da terra. Começaram por associar a tudo o facto de os navios terem deixado de sulcar ao largo. Andavam agora tão baixos que se podia adivinhar o perfil das cabeças condenadas no convés. As bandeiras a meia-haste e a tristonha salinidade dos cascos eram outros tantos indícios da proximidade da morte do mar. Aliás, os próprios silvos dos navios lembravam vozes doentes que se arrastavam por ali ao sabor das cordas da água, sinal certo de que a morte andava já em viagem mas sem destino algum. Logo a seguir, a grande hecatombe do mundo inspirou-se nas baleias e nos cachalotes, porque, no breve espaço de uma semana, dez desses cetáceos deram à rocha e envolveram logo a freguesia com um cordão de tal modo infecto e fedorento que as pessoas recordaram de novo a peste.

«O que é a morte?» – perguntaram então as crianças.

«A gente sabe lá, filho de Deus-menino! A morte é morrer, só isso».

«Dói muito a morte, papá?»

«Agora! Nunca nenhum morto se pode queixar de que a morte lhe doesse».

«E faz escuro na morte?»

«Deus alumia por dentro os olhos dos mortos. A escuridão só existe neste desgraçado mundo de trevas e pecado».

De repente, o mar pôs-se de uma braveza quase demoníaca. Viram sair os ratos dos seus ninhos e ouviram mugir os bois com desespero. Padre Governo iniciou de imediato uma novena de confissões e tornou-se numa pessoa enfática mas cheia de evasivas acerca do céu e dos castigos infernais, e andou de porta em porta prevenindo os pecadores, absolvendo os doentes e propagandeando que aquela era a última oportunidade para o arrependimento. Confessou gente de manhã à noite e mesmo ao serão, e preveniu os fiéis contra a hipocrisia da confissão:

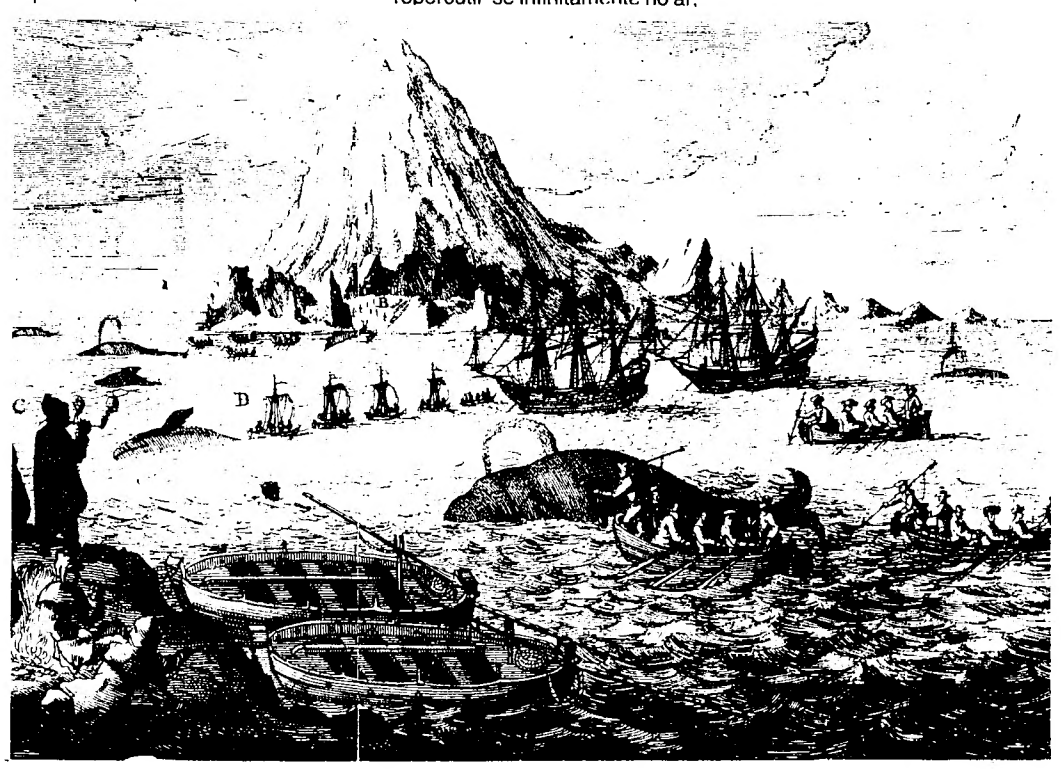
«Muito mais depressa entrará no reino dos céus um pobre pecador arrependido do que aquele que se julga livre de maldição!»

Estavam nisto, quando se ouviu, vindo não se sabe de onde, um grito subterrâneo, um grito da terra sufocada nos seus pedregulhos, e esse ficou a repercutir-se infinitamente no ar, através do espaço caótico do silêncio, e vinha misturado no cheiro envenenado dos catáceos mortos:

«Vem aí a morte!»

Porque a morte, dizem, fora vista por alguém a deambular pela orla das matas, no sítio onde primitivamente enterravam os defuntos, e tinha o aspecto de uma mulher com pés de cabra, simbiose perfeita do diabo com a fêmea. (...)

(in «O meu mundo não é deste reino»)



Diário de Lisboa LER ESCREVER

NOTAS DE LEITURA

Serras Pereira o poeta viajante

DE Maria Regina Louro e de Miguel Serras Pereira, livro significativo surgido em 1979. Belíssimo grito contra a imposição de uma sociedade dita normal, com todos os seus auxiliares normais. Discurso político sério, onde eclode a inquietação; provocatório mesmo, mas de uma provocação poética. Discurso que apela para a singularidade do indivíduo como único ser em si, portador de uma experiência única:

«Mulheres que se descobrem mais profusamente femininas do que somente fêmeas. Jovens cujo único cuidado é não deixarem de o ser, não perderem a fluída indeterminação da sua condição, não se fixarem, conseguirem manter pelo menos sempre um dos pés fora da engrenagem. Homens, enfim, que de já «feitos» e anatomicamente «machos» se volvem mutantes, descobrindo a fortuna dessa metamorfose constante de si próprios que antes os inquietava nessa incompreensível maneira de ser própria das mulheres.»

Figuras que viajam no contacto com o desconhecido, talvez de encontro ao abismo. Que futuro? Possivelmente uma incomensurável solidão. Também única solidão.

Mas a vida explode, a pele é o íman que nos mantém permanentemente vivos. O coração pulsa e o seu fascinante mecanismo leva a todos os destinos. Que resistência? Talvez nenhuma, apenas fluidez e deslize. Experimentada uma vivência «segura», normalizada, o indivíduo dispõe-se a arriscar na «insegurança», naquilo a que uma sociedade «organizada» poderá apelidar de «decadência».

E, assim, esses «novos bárbaros» vêm para a rua que é também opalco da vida, dispostos a abdicar de suas resistências. Seus preciosos corpos, suas heranças e uma esfuziante vontade de viver diferenças várias.

«INUMERAÇÕES» (CENTELHA)

Poesia de quem vagueia num quotidiano incerto onde o encontro é um ponto de referência, aparentemente um acidente, num dia-a-dia de hábitos, ruídos, horários. O poeta coloca-se em momentos e situações várias em que o contacto não se dá mas apenas se idealiza. Inumerando ele atravessa a paisagem trivial, como personagem fugidio e transparente sabendo que só ele possui a verdade única de instantes irrecuperáveis que caminham para a morte. Deste modo, o encontro é o momento de paragem no tempo, paragem essa que é também o impasse de que o poeta tem consciência, mas do qual não pode libertar-se pois que, o amor surge como salvação e inocência no instante imponderável de um dia fatigante.

«EM PARTE INCERTA» (LUA VAGA)

A ausência e a distância torturam o corpo que anseia por um sonho fundamental. Imagem de paraíso da qual a procura se torna obsessiva, torturante. Poesia onde a palavra «esperança» atravessa os poemas como o rio que nos leva a esta PARTE INCERTA.

«CORÇA» (FENDA EDIÇÕES)

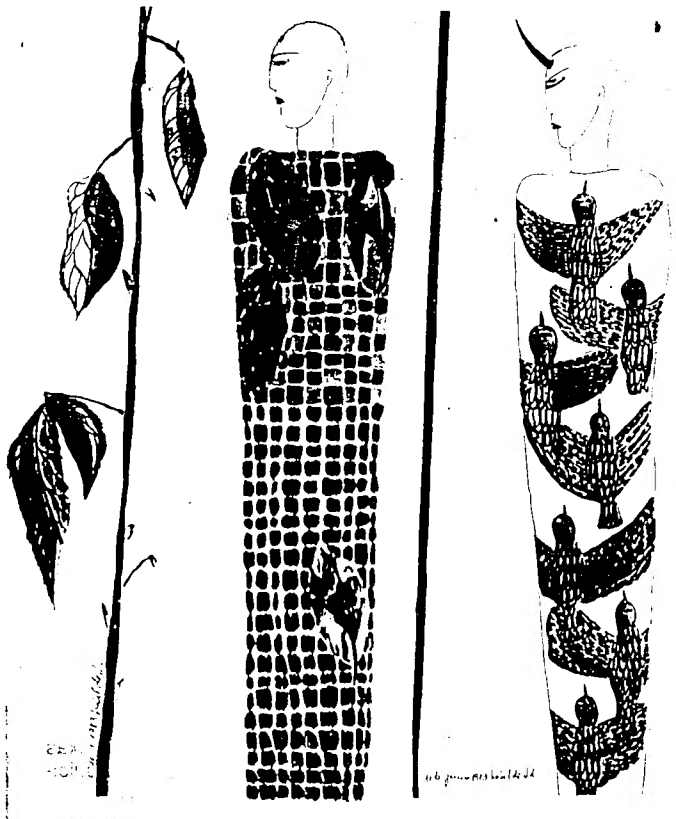
Um sopro de infância volta aos corpos numa alegria nova. No entanto, o poeta não tardará a vacilar na solidão de dias infinitos e difíceis tal como num exílio. Exílio que parece ser o lugar de repouso do poeta/viajante.

Ao poema volta a cidade, os encontros «a uma mesa de aluguer». Cidade triste, despojada, de casas demolidas, espaços sórdicos e animais doentes, famintos. Cidade onde os sobreviventes mais parecem sombras num entardecer sempre cinzento e frio.

Subitamente, ainda na ausência, algo ateia o desejo; talvez o tempo de espera, talvez a imagem de alguém querido na bruma luminosa.

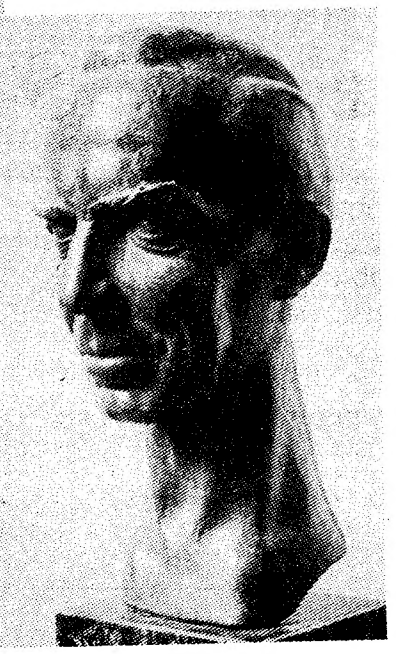
21 de Fevereiro de 1983.

ISABEL DE SÁ



Sophia de Mello Breyner

Teixeira de Pascoaes



José Régio

Esculturas de António Duarte

Encontra-se patente ao público na Galeria de Exposições da Escola Superior de Belas Artes em Lisboa um conjunto de retratos do escultor António Duarte, susceptíveis de serem admirados todos os dias úteis das 10 às 18 horas.

Preto no branco, catálogo da mostra, escrevem os Conselhos Científico e Directivos do Departamento de Artes Plásticas e Design que a exposição se reveste de «excepcional interesse artístico e pedagógico».

«Assim – lê-se no catálogo –, a escola tem oportunidade de beneficiar de mais uma lição do Mestre cuja personalidade e virtudes aliadas ao seu grande saber e exemplar dedicação ao longo de muitos anos no exercício das suas funções docentes deram valioso contributo ao Ensino da Escultura em Portugal».

Dos trabalhadores de António Duarte em exposição, eis três de grandes nomes da nossa literatura: Teixeira de Pascoaes, José Régio e Sophia de Mello Breyner Andresen.

AS LETRAS EM DIA ● AS LETRAS EM

HOMENAGEM A LÉON BOURDON – ARQUIVOS DO CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS DE PARIS

Em edição da Fundação Gulbenkian, através do seu Centro Cultural Português de Paris, acaba de ser publicado e distribuído o XVII volume dos «Arquivos do Centro Cultural Português de Paris», numa significativa homenagem a Léon Bourdon, «uma das maiores figuras dos estudos portugueses em França», cujo perfil é traçado por Pina Martins, director daquele Centro, cuja fotografia se publica a abrir os Arquivos. Bibliografia organizada por Albert-Alain Bourdon.

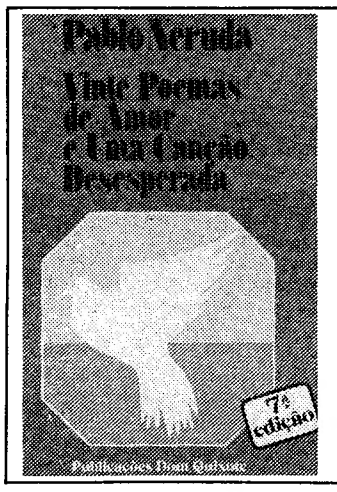
É o seguinte o sumário deste volume dos Arquivos: **ESTUDOS DOUTRINAIS** – Amadeu Torres – «Damião de Góis e o Pensamento Renascentista: do Ciceronianismo ao Eclectismo»; H.P. Salomon – «The Monotorio do Inquisidor Geral» of 1536. Background and Sources of Some «Judaic» Costums Liste Therein; Paul Teyssier – «La Comédie do Fanchone d'António Ferreira». Que signifie ce titre?; António Cirurgião – «Pero de Andrade Caminha e a Poética»; Maria Augusta Lima Cruz – «Para uma edição crítica da década VIII de Diogo do Couto»; Marie-Helène Piwnik – «Les Membres Portugais de la Royale Académie d'Histoire de Madrid au Siècle des Lumiéres»; Duarte Mimoso Ruiz – «La confrontation d'Ulysse et de Calypso dans «A Perfeição» de Eça de Queiroz»; L.H. Correia de Azevedo – «Frederico do Nascimento (1852--1924) Un Musicien Portugais au Brésil»; Bernard Martocq – «Manuel Laranjeira e Miguel de Unamuno; «Considérations nouvelles»; J.L. Favilanes Laso – «Ideas de Salvador Madariaga sobre Portugal (Revisão Crítica)»; Manuel dos Santos Alves – «De Eça de Queiroz e Homero através de Leconte de Lisle»; **NOTAS E DOCUMENTOS** – Martin de Albuquerque – «O Regimento Quatrocentista da Casa da Suplicação»; José da Silva Terra – «Breve comentário sobre um capítulo da «Crónica de D. Manuel» de Damião de Góis e uma carta do Conde de Alcoutim; Ronal do Cueto Ruiz – «La Tráditon Profética en la Monarquia Católica en los siglos 15, 16 y 17»; Fernando de Mello Moser – «Thomaz More au Portugal»; e «La Três ancienne renommée de More au Portugal»; José V. de Pina Martins – «Thomas More au Portugal – II l'Utopie de Thomas More au Portugal (XV siècle et début d' XVII siècle); Robert Ricard – «Spiritualité Humaniste de la Renaissance et Spiritualité Baroque: Louis de Léon e Manuel Bernardes»; Joseph Scherpereel – «La date de naissance de João Domingos Bontempo»; Jean-Paul Sarrautte – «Les ouevres de Bontempo du Catalogue Pleyel de 1834»; Françoise Castagnez Faure – «L'univers fantastique et merveilleux dans certains oeuvres de Jorge Amado»; Jorge Barros Duarte – «Timor: formas de fraternização»; Armando Martins Janeira – «Modernisation des Pays Africains et Asiatiques»; José Valentim Lemos – «Réfletions sur le Costume dans quelques manifestations de Thèatre Traditionnel Religieus au Portugal»; Graça Almeida Rodrigues – «Edições Críticas, Textologia, Normas para a Transcrição de Textos do século XVI»; **TEXTOS CLÁSSICOS PORTUGUESES** – Victor Infantes – «Notas sobre uma édicion desconocida de la Tragicomëdia de Don Duardos (Sevilha, Bartolomé Pérez, 1530)»; Maria José de Lencastre – «O Auto das Padeiras chamado da Fome ou do Centeio e Milho, Texto anónimo do século XVI»; Sebastião Pestana, «Um troço do diálogo «Cerro Ventoso – Frei Narciso» da Romagem de Agravados de Gil Vicente»; Renata Cusmai Belardinelli – «I Doze Sonetos per la morte d'Inés de Castro di Don Francisco Manuel de Melo».

Seguem-se as recensões críticas, a obras dos mais variados temas; o capítulo dedicado às actividades culturais do Centro, em 1981; os índices respectivos, incluindo o das ilustrações em extratexto.

Sob os auspícios da Fundação Gulbenkian, foi publicado um volume de Estudos sobre «Damião de Góis Humanista Europeu», apresentados por Pina Martins e em que figuram trabalhos de Marcel Bataillon, J.C. Margolin, Jorge B. de Macedo, Jean Aubin e Isaías da Rosa Pereira.

O sumário é o seguinte: José V. Pina Martins – «Avant Propos» e «Damião de Góis, Humanista Europeu»; Marcel Bataillon –» Damião de Góis»; Jean-Claude Margolin-«Damião de Góis e Erasmo de Roterdão», Jorge Borges de Macedo – «Damião de Góis e a Historiografia Portuguesa»; trabalho dividido em 5 capítulos com respectiva bibliografia; Jean Aubin – «Damião de Góis e o Arcebispo d'Upsal», dividido em VI capítulos; Isaías da Rosa Pereira – «Damião de Góis perante o tribunal da Inquisição» (O Processo da Inquisição).

Os estudos reunidos neste volume, segundo Pina Martins, «são uma homenagem prestada pelo Centro Cultural Português de Paris, em 1974, por ocasião do IV Centenário da sua morte, a esta grande figura que foi o humanista Damião de Góis».



PABLO NERUDA, em «Vinte poemas de amor e uma canção desesperada», é mais um nome (sobejamente conhecido, aliás) nos escaparates das nossas livrarias. Sétima edição, numa tradução de Fernando Assis Pacheco, em Publicações Dom Quixote. Sem engano possível: num lado os poemas em castelhano, no outro lado os poemas em português.